UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS

GEÓRGIA BRANQUINHO DE OLIVEIRA RAFFO

**A "localização" institucional da
Igreja Messiânica Mundial no Brasil:**
uma abordagem a partir da teoria da mundialização.

v.1

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS

A "localização" institucional da
Igreja Messiânica Mundial no Brasil:
uma abordagem a partir da teoria da mundialização.

Geórgia Branquinho de Oliveira Raffo

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Koichi Mori

São Paulo
2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Geórgia Branquinho de Oliveira Raffo

**A "localização" institucional da
Igreja Messiânica Mundial no Brasil:**
uma abordagem a partir da teoria da mundialização.

Banca Examinadora

Aprovada em: ____/____/____

Prof.Dr. Koichi Mori
(Universidade de São Paulo)

Prof.Dr. Geraldo José de Paiva
(Universidade de São Paulo)

Prof.Dr. Jung Mo Sung
(Universidade Metodista de São Paulo)

*À minha família
e a todas as pessoas que ainda
não perderam a esperança no ser humano
e na sua capacidade de fazer desse
mundo um lugar melhor!*

Agradecimentos

A Deus e a Meishu-Sama, pela vida!

Ao meu orientador, Professor Doutor Koichi Mori, pela orientação, a confiança e a paciência.

Ao meu pai (in memoriam) e à minha mãe, por terem dado a mim a vida e construído, com muito amor e sabedoria, o alicerce do que sou hoje.

À minha mãe, pelas orações e pelas palavras de incentivo.

À minha sogra e ao meu sogro, pelo carinho, pelo apoio incondicional e, principalmente, pelo marido que me deram.

Ao meu marido, companheiro de todas as horas, pai e mãe dos nossos filhos durante minhas intermináveis ausências, pelo amor e pela compreensão.

Aos meus três filhos, pelos sorrisos, beijos e abraços que iluminam e alegam a minha vida.

Aos meus irmãos, pelo amor, pela torcida, sugestões e orações.

Aos amigos Andréa, Vania e Matsumura, por mais de vinte anos de diálogo e amizade.

Ao ministro Luis Sérgio, pela importante colaboração para com esta pesquisa.

À amiga Ivna, pelo carinho e zelo para com a revisão do português.

A todos os amigos, pela convivência, alegria e inspiração.

Aos companheiros de estudos e alunos, pelas contribuições preciosas.

A todos os meus mestres e professores, por terem compartilhado generosamente sua experiência e conhecimento.

À direção da Igreja Messiânica, por ter investido na minha formação sacerdotal e acadêmica.

À Fundação Mokiti Okada, pelo apoio financeiro.

*Para Deus, todos os povos são Seus filhos,
Não obstante as diferenças de feições e cor.*

Meishu-Sama

RAFFO, Geórgia Branquinho de O. **A "localização" institucional da Igreja Messiânica Mundial no Brasil:** uma abordagem a partir da teoria da mundialização. 2010. 184 fls. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RESUMO

Esta dissertação abordará a temática da religião no contexto da globalização analisando-se o processo de implantação e localização de dois sistemas de difusão da Igreja Messiânica Mundial no Brasil, pois a revisão da literatura acerca da IMM mostra que, nos estudos publicados em língua portuguesa, existe uma lacuna no que diz respeito à análise do seu desenvolvimento no contexto da globalização/mundialização. A abordagem será feita com base na teoria da mundialização, por meio de pesquisas bibliográficas, documentais, entrevistas e observação participante. As perguntas que conduzem o desenvolvimento da pesquisa são: 1) a mundialização remodelou a “situação” na qual a particularidade chamada Igreja Messiânica Mundial (IMM) se encontrava?; 2) Se sim, que forma tomou esta remodelação?; 3) A partir da perspectiva de que o mundo se globalizou e de que existem conteúdos que se desprendem de seus locais e tradições de origem, para se reassentarem, ou melhor, se reterritorializarem no *local* chamado mundo, é possível afirmar que a Igreja Messiânica Mundial, de fato, é mundializada? Concluiu-se que a mundialização remodelou a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, obrigando-a a desenvolver e implantar um novo sistema de difusão que estivesse mais adequado à realidade do mundo globalizado. Constatou-se, porém, que, enquanto instituição, a IMM ainda não concluiu seu processo de mundialização, mas caminha em direção a ele.

Palavras-chave: Mundialização, globalização, novas religiões japonesas, Igreja Messiânica Mundial, Mokichi Okada.

gbranquinho@hotmail.com

RAFFO, Geórgia Branquinho de O. **The institutional “localization” of the Church of World Messianity in Brazil:** an approach from the mundialization theory. 2010. 184fls. Dissertation (Master’s degree in Japanese Language, Literature and Culture) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ABSTRACT

The present dissertation will approach the religion theme in the context of globalization by studying the implantation and localization processes of two dissemination systems applied by the Church of World Messianity as a reexamination of texts regarding the CWM indicates that in studies published in Portuguese, there is a gap concerning the analysis of its development in the globalization/mundialization context. The approach will be based on the mundialization theory through bibliographic and ^{document} research interviews and participating observation. The questions that lead the research development are: 1) has mundialization remodelled the “situation” in which the Church of World Messianity (CWM) was placed?; 2) If it has, which shape has remodelling taken?; 3) From the perspective that the world has become globalized and that there are contents that detach themselves from their places and original tradition in order to resettle themselves, that is, to reterritorialize themselves in a place called world, is it possible to state that the Church of World Messianity has, indeed, become mondialized? The conclusion is that mundialization has remodeled the Church of World Messianity of Brazil and made it develop and establish a new system of dissemination that would be more adequate to the globalized world reality. Nevertheless, it had been seen that as long as an institution the CWM has not finished its mundialization process yet, however it is directing itself to that direction.

Key words: Mundialization, globalization, new Japanese religions, Church of World Messianity, Mokichi Okada

gbranquinho@hotmail.com

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 MOKICHI OKADA E A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL	18
1.1 SOBRE MOKICHI OKADA	19
1.1.1 Nascimento e infância.....	19
1.1.2 Juventude.....	24
1.1.3 A idade adulta.....	26
1.1.4 O segundo nascimento: a conversão religiosa.....	29
1.1.5 Mokichi Okada – filho, marido, pai e patrão.....	35
1.1.6 As tragédias coletivas.....	40
1.1.7 O final da vida	41
1.2 MOKICHI OKADA E A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL (IMM)	42
1.2.1 Preparando-se para a independência	43
1.2.2 Pressão sobre as Novas Religiões Japonesas (NRJs).....	44
1.2.3 O início das atividades independentes	46
1.2.4 A Dai Nippon Kannon Kai (Associação Kannon do Grande Japão)	49
1.2.5 A Nippon Joka Ryoho Fukyu-kai (Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação).....	54
1.2.6 A Nippon Joka Ryoho Fukyu-kai (Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação).....	59
1.2.7 A Nippon Kannon Kyodan (Igreja Kannon do Japão).....	60
1.2.8 A Sekai Meshiya Kyo (Igreja Messiânica Mundial).....	66
1.3 A ESSÊNCIA DO CONTEÚDO DOUTRINÁRIO DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL	72
1.3.1 O segredo da felicidade	72
1.3.2 O ser humano e sua missão.....	74
1.3.3 A verdadeira saúde e o princípio da ação purificadora	78
1.3.4 A fé messiânica e um estilo de vida favorável à purificação do espírito	80
2 HISTÓRIA DA IMM NO BRASIL.....	90
2.1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.....	90
2.1.1 O início do movimento migratório do Japão para o Brasil.....	90
2.1.2 A vida religiosa dos imigrantes	96
2.2 A DIFUSÃO DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL NO BRASIL	100
2.2.1 Missionários imigrantes.....	101
2.2.2 Desenvolvimento da IMM no Brasil.....	102
3 A LOCALIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA IMM NO BRASIL, UMA ABORDAGEM A PARTIR DA	

TEORIA DA MUNDIALIZAÇÃO.....	142
3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE GLOBALIZAÇÃO/MUNDIALIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO	143
3.1.1 <i>Internacionalização e globalização/mundialização</i>	<i>143</i>
3.1.2 <i>Globalização/mundialização, relações sociais e a noção de tempo e espaço</i>	<i>145</i>
3.1.3 <i>Globalização/mundialização e localização</i>	<i>146</i>
3.1.4 <i>Globalização X Mundialização</i>	<i>150</i>
3.2 A “LOCALIZAÇÃO” INSTITUCIONAL DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL NO BRASIL.....	153
3.2.1 <i>A difusão da IMM no Brasil, no contexto da internacionalização</i>	<i>155</i>
3.2.2 <i>A difusão da IMM no Brasil, no contexto da globalização/mundialização.....</i>	<i>165</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS	174
ANEXOS	181

INTRODUÇÃO

Esta dissertação abordará a temática da religião no contexto da globalização analisando-se o processo de implantação e localização de dois sistemas de difusão da Igreja Messiânica Mundial no Brasil, pois a revisão da literatura acerca da IMM mostra que, nos estudos publicados em língua portuguesa, existe uma lacuna no que diz respeito à análise do seu desenvolvimento no contexto da globalização/mundialização.

A abordagem será feita com base na teoria da mundialização proposta por Renato Ortiz (2007)¹, segundo a qual, o processo de mundialização (denominação dada por este autor ao aspecto cultural da globalização) é

[...] um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais.

Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais. Com a emergência de uma sociedade globalizada, a totalidade cultural remodela portanto, sem a necessidade de raciocinarmos em termos sistêmicos, a “situação” na qual se encontravam as múltiplas particularidades. (ORTIZ; 2007, p.30-31).

As perguntas que conduzem o desenvolvimento da pesquisa são: 1) a mundialização remodelou a “situação” na qual a particularidade chamada Igreja Messiânica Mundial se encontrava?; 2) Se sim, que forma tomou esta remodelação?; 3) A partir da perspectiva de que o mundo se globalizou e de que existem conteúdos que se desprendem de seus locais e tradições de origem, para se reassentarem, ou melhor, se reterritorializarem no *local* chamado mundo, é possível afirmar que a Igreja Messiânica Mundial, de fato, é

¹ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. 9ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2007.

mundializada?

Esta dissertação, que pretende ser a primeira etapa de um projeto acadêmico mais extenso, deverá descrever, da maneira mais profunda e abrangente possível, os aspectos que serão expostos. É importante, contudo, salientar que tais aspectos se constituem somente num recorte do assunto, que, de forma alguma, será aqui esgotado.

Apesar de serem elementos constituintes da religião, a doutrina, enquanto substrato das diretrizes e ações institucionais, bem como os ritos, serão abordados apenas eventualmente (exceto no primeiro capítulo, no qual a essência da doutrina messiânica será descrita), à medida que se façam necessários à compreensão do processo de localização da instituição IMM no Brasil.

Como foi mencionado, enquanto projeto acadêmico de longo prazo, pretende-se, posteriormente, desenvolver estudos específicos sobre a localização da doutrina e, principalmente, sobre a localização dos ritos e da vida religiosa. Entretanto, optou-se por abordar, primeiramente, o aspecto institucional devido ao fato desta esfera representar a autoridade estabelecadora e/ou legitimadora das ações da Igreja, considerando-se a dialética da relação instituição-vida religiosa: uma exercendo constantemente influência sobre a outra.

A apresentação do objeto se dará em duas etapas.

Na primeira, que constitui o capítulo I, serão apresentados o fundador da Igreja Messiânica Mundial (daqui em diante, IMM), Mokichi Okada, a trajetória da IMM no Japão, onde ela se originou, e a essência do seu conteúdo doutrinário.

No primeiro item, destinado à apresentação de Mokichi Okada, serão enfocados aspectos particulares de sua vida como constituição familiar, criação, traços da personalidade, bem como uma breve contextualização histórico-cultural.

O segundo item abordará, mais especificamente, o trabalho de Mokichi Okada à frente da religião que fundara e o desenvolvimento da mesma.

O terceiro item dissertará sobre a essência da doutrina messiânica. Da mesma forma que nos itens anteriores, aspectos principais como a *constituição do ser humano* e o *princípio da purificação* serão tratados com relativa profundidade, outros serão mencionados, mas não muito investigados a fundo e outros serão suprimidos.

A descrição do capítulo será feita com base em pesquisa bibliográfica, cujas principais referências utilizadas foram a obra biográfica de Mokichi Okada, intitulada *Luz do Oriente*, publicada pela Igreja Messiânica Mundial, em 1982, ano comemorativo do centenário de seu fundador, e a coletânea de artigos intitulada *Alicerce do Paraíso*, que se constitui a doutrina da IMM.

O livro *Luz do Oriente* está dividido em três volumes² organizados por temas. Na opinião de Susumo Shimazono³, a narrativa deste livro é fruto de muita pesquisa e fonte abundante de conhecimento seguro, sendo uma obra razoavelmente confiável, considerando-se que fora escrita pela própria Igreja, a partir do seu ponto de vista (SHIMAZONO, 1994, p. 15).

Outra importante referência foi a Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada⁴ e seus encartes tendo como nome “Pesquisas sobre Mokichi Okada”.

²O original, em japonês, possui somente dois volumes. O conteúdo das edições japonesa e brasileira, entretanto, é idêntico.

³Cientista da religião, professor da Universidade de Tóquio e membro da Comissão Editorial das Obras Completas de Mokichi Okada.

⁴Esta obra é composta de 35 exemplares, divididos em três categorias – poemas, artigos e palestras – e reúne praticamente todos os textos (orais e verbais) produzidos por Mokichi Okada entre 1935 e 1955. Ela foi elaborada para servir como fonte de pesquisa e não representa a doutrina da IMM.

Apesar de ser publicado pela Igreja Messiânica Mundial, o conteúdo destes encartes não tem o compromisso de concordar com a posição religiosa da Igreja, apresentando, até mesmo, opiniões que vão contra a interpretação oficial da organização, pois seu objetivo é originar um estudo científico baseado na análise crítica dos pesquisadores acadêmicos que integraram a comissão editorial da coletânea (SHIMAZONO,1994, p.14).

Na segunda etapa, que equivale ao capítulo 2, será apresentada a trajetória da IMM no Brasil. A partir deste capítulo, dependendo das circunstâncias, ora a referência será em relação à Igreja Messiânica Mundial no Brasil, ora, à Igreja Messiânica Mundial do Brasil. A denominação Igreja Messiânica Mundial no Brasil é abrangente, refere-se à IMM como um todo, não se restringindo ao aspecto institucional localizado no Brasil, abrangendo também seu conteúdo doutrinal, ritualístico etc. Por outro lado, a denominação Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB) refere-se particularmente à organização institucionalizada no Brasil. A título de contextualização, será feita uma breve retrospectiva da história da imigração japonesa no Brasil, com ênfase na vida religiosa dos imigrantes japoneses.

No intuito de contribuir para com as próximas pesquisas sobre o assunto e também de “dar voz” a alguns personagens dessa história, nos capítulos 2 e 3, serão apresentados seus depoimentos, os quais, apesar de não serem analisados exaustivamente neste momento, certamente poderão servir como fontes de pesquisa. Parte destes depoimentos nunca foi publicada em língua portuguesa, e outra, constitui parte de arquivos internos. Para discorrer sobre o desenvolvimento da IMM no Brasil, serão utilizadas como principais fontes

de pesquisa bibliográfica as obras de Andréa Tomita (2009)⁵ e Masako Watanabe (2001)⁶, bem como documentos pertencentes aos arquivos das Secretarias de Documentação Histórica da IMMB e de Tradução. Serão igualmente apresentadas entrevistas.

O capítulo 3 se aterá à análise de um aspecto da “localização” institucional da IMM no Brasil a partir dos dois principais sistemas de expansão que foram implantados no Brasil. O Sistema Igreja (1962 – 2000) e o Sistema Johrei Center (2000 – atualidade).

Deverá ser uma abordagem preliminar, a ser realizada, como já foi mencionado, com base na teoria da mundialização. Por meio desta aproximação, procurar-se-á reunir subsídios para as próximas etapas deste projeto acadêmico. Para tanto, serão pontuados os conceitos de globalização e de mundialização, de localização e de religião universal, trabalhados ao longo do capítulo. Para desenvolvê-lo, os principais métodos utilizados foram a observação participante e as pesquisas bibliográfica e documental.

Com relação à observação participante, faz-se necessário esclarecer a perspectiva a partir da qual esta pesquisa será realizada. A autora é uma integrante do corpo sacerdotal da Igreja Messiânica Mundial; portanto, trata-se de um trabalho realizado a partir da “visão de dentro” que se tem do objeto, em outras palavras, é a apresentação da visão do nativo que buscou distanciar-se do seu objeto para descrevê-lo.

Diferente da imagem do etnógrafo, que, munido de suas ferramentas, se aproxima, *entra* no campo, observa

⁵TOMITA, Andréa Gomes Santiago. **Recomposições identitárias na integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP. Tese (Doutorado em Ciências da Religião – Teologia e História). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

⁶WATANABE, Masako. “Sekai Kyusei Kyo Jyorei no Kiseki to Ikusei Shisutemu” [IMM – Os milagres do Johrei e o Sistema de Formação]. In: **Burajiru Nikkei Shinshukyo no Tenkai: Ibunka Fukyo no Wadai to Jissen (Developmental Processes of Japanese New Religions in Brazil: Tasks and Achievements of Missionary Work in Brazilian Culture)** Tokyo: Toshindo, 2001.

e, com a ajuda de um *intérprete*, descreve o que observou.

“[...] o conhecimento científico atual impõe como única possível interpretação da realidade uma cosmovisão que é imposta como explicação global do mundo, anulando a possibilidade da complementaridade entre saberes. Essa maneira de analisar o saber científico enquanto forma de localismo globalizado permite verificar que um dos aspectos da crise do saber científico moderno assenta no fato de este continuar a perpetuar a relação de desigualdade colonial, recorrendo à aposta numa monocultura do saber.” (SANTOS, 2005, p. 32)⁷.

Tomando-se esta análise de Boaventura de Souza Santos como referência, reitera-se que o conhecimento sobre determinado objeto não pode ser esgotado visto a partir de uma única perspectiva, no caso, a de fora.

As palavras em japonês serão romanizadas segundo o sistema Hepburn, universalmente aceito nos países de expressão inglesa, francesa, espanhola, japonesa etc. Não serão levados em consideração, porém, os acentos nas vogais prolongadas uma vez que, principalmente nas pesquisas e buscas realizadas em meios eletrônicos, o uso destes acentos não interferem no resultado. Por esse motivo, esse sistema será adotado, inclusive, na romanização de palavras do universo messiânico, tradicionalmente grafadas numa maneira que privilegia a pronúncia.

Como o próprio nome do fundador, que, no Brasil, se consagrou com a grafia Mokiti, mas no restante do mundo, escreve-se com ch, Mokichi.

⁷ SANTOS, Boaventura da S., MENDES, Maria P. G., NUNES, João A. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SANTOS, Boaventura da S. (org.). **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p 21-121.

As citações diretas, contudo, preservarão a grafia utilizada no original.

1 MOKICHI OKADA E A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL

Este capítulo apresentará Mokichi Okada, o fundador da Igreja Messiânica Mundial (IMM), o histórico da Igreja e a essência do seu conteúdo doutrinário.

No primeiro item, destinado à apresentação de Mokichi Okada, serão enfocados aspectos particulares de sua vida como constituição familiar, criação, traços da personalidade, bem como uma breve contextualização histórico-cultural.

Num texto autobiográfico (OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI, 1995)⁸, Okada afirmou que a primeira metade de sua vida, ou seja, o período anterior ao seu despertar para a fé, fora absolutamente comum, com uma trajetória semelhante ao de muitos de seus contemporâneos. Provavelmente, ele não viu muito sentido em escrever com mais detalhes sobre esse período, porque estava se dirigindo a um público que conhecia bem as circunstâncias da época. Assim, sua ênfase foi no período pós-conversão e pós-conscientização da missão divina que recebera. Entretanto, para o leitor atual, conhecer melhor essa fase de sua vida é fundamental para a compreensão de alguns aspectos essenciais do seu pensamento e obra.

O segundo item abordará, mais especificamente, o trabalho de Mokichi Okada à frente da religião que fundara e o desenvolvimento da mesma.

O terceiro item dissertará sobre a essência da doutrina messiânica. Da mesma forma que nos itens anteriores, aspectos principais como a *constituição do ser humano* e o *princípio da purificação* serão tratados com relativa profundidade, outros serão mencionados, mas não

⁸Autobiografia Hikari he no michi [Caminho para a Luz]. In OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. Okada Mokichi Zenshu - chojutsu hen. [Obra Completa de Mokichi Okada - Artigos]. Vol. 6. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1995.

muito investigados a fundo e outros serão suprimidos.

A descrição do capítulo será feita com base em pesquisa bibliográfica, cujas principais referências utilizadas foram a obra biográfica de Mokichi Okada, intitulada *Luz do Oriente*, publicada pela Igreja Messiânica Mundial, em 1982, ano comemorativo do centenário de seu fundador, e a coletânea de artigos intitulada *Alicerce do Paraíso*, que se constitui a doutrina da IMM.

O livro *Luz do Oriente* está dividido em três volumes⁹ organizados por temas. Na opinião de Susumo Shimazono¹⁰, a narrativa deste livro é fruto de muita pesquisa e fonte abundante de conhecimento seguro, sendo uma obra razoavelmente confiável, considerando-se que fora escrita pela própria Igreja, a partir do seu ponto de vista (SHIMAZONO, 1994, p. 15).

Outra importante referência foi a Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada¹¹ e seus encartes tendo como nome “Pesquisas sobre Mokichi Okada”.

Apesar de ser publicado pela Igreja Messiânica Mundial, o conteúdo destes encartes não tem o compromisso de concordar com a posição religiosa da Igreja, apresentando, até mesmo, opiniões que vão contra a interpretação oficial da organização, pois seu objetivo é originar um estudo científico baseado na análise crítica dos pesquisadores acadêmicos que integraram a comissão editorial da coletânea (SHIMAZONO, 1994, p.14).

1.1 SOBRE MOKICHI OKADA

1.1.1 Nascimento e infância

⁹O original, em japonês, possui somente dois volumes. O conteúdo das edições japonesa e brasileira, entretanto, é idêntico.
¹⁰Cientista da religião, professor da Universidade de Tóquio e membro da Comissão Editorial das Obras Completas de Mokichi Okada.

¹¹Esta obra é composta de 35 exemplares, divididos em três categorias – poemas, artigos e palestras – e reúne praticamente todos os textos (orais e verbais) produzidos por Mokichi Okada entre 1935 e 1955. Ela foi elaborada para servir como fonte de pesquisa e não representa a doutrina da IMM.

O fundador da Igreja Messiânica Mundial, Mokichi Okada, nasceu e criou-se entre fronteiras. Não se trata de fronteiras entre países, mas de fronteiras entre épocas, entre culturas, entre mentalidades.

Após quase três séculos de isolamento, pressionado pelas grandes potências ocidentais, mais especificamente, pelos Estados Unidos da América, o Japão viu-se obrigado a abrir seus portos. Para a liderança política nipônica da época, o único meio de se evitar que o país fosse invadido e dominado por aquelas potências seria alcançando e superando seu grau de desenvolvimento, principalmente, tecnológico e industrial. Era preciso modernizar o Japão imediatamente. A Restauração Meiji¹² (1868) marca o início efetivo desse movimento.

Visando à modernização, o Japão começa a importar os modelos ocidentais para organizar o aparato produtivo, os transportes e a burocracia estatal. Em pouquíssimo espaço de tempo, a presença ocidental podia ser percebida nos mais variados campos da sociedade, alterando a vida política, os direitos civis, o sistema educacional, os costumes e o cotidiano de uma considerável parcela da população, transformando a maneira de se vestir e de se comportar em público. A necessidade de modernização, a implementação de seu processo e os avanços obtidos até então eram fatos irreversíveis. Entretanto, no final dos anos 1880, delineia-se uma forte reação à ocidentalização julgada excessiva (ORTIZ, 2000, p. 27-28).

Foi neste contexto que nasceu Mokichi Okada, em 23 de dezembro de 1882, ano 15 do período Meiji (1868-1912), na fronteira entre tradição e modernidade, entre

¹²Restauração Meiji é o nome dado à grande reforma política, econômica e social que, com a pressão das grandes potências capitalistas, derrubou o sistema feudal, instaurou o sistema capitalista japonês e originou uma nação imperial moderna no ano de 1868.

ocidentalização e japonização¹³. Sobre o local do seu nascimento, também é possível afirmar que, do ponto de vista sociocultural, se trata de um lugar de fronteira. Mokichi nasceu no bairro de Asakusa, principal centro cultural de Tóquio desde o período Edo (1603-1867) até meados do século 20. À época de seu nascimento, Asakusa, que se situa às margens do rio Sumida, a principal via fluvial da capital japonesa, concentrava um grande número de estabelecimentos comerciais e de fábricas; de residências populares e também de casas de alto-padrão; o Templo Sensoji¹⁴ atraía peregrinos de todas as partes e à sua volta foram-se instaurando restaurantes, teatros e, com a modernização, cinemas, além do Shin Yoshiwara¹⁵. Por essas peculiaridades, pode-se dizer que Mokichi foi criado na região mais plural e diversa de Tóquio, num local no qual o contato entre diversas culturas e mentalidades era intenso. Para Mokichi Okada, o lugar de seu nascimento tinha ainda um importante caráter simbólico relacionado à profecia da “luz do Oriente”. Em novembro de 1952, ele publicou um artigo no qual dizia:

[...]“Luz do Oriente” era uma predição relacionada à minha pessoa. Não haverá quem não se espante ao tomar conhecimento dessa verdade, e poucas pessoas conseguirão aceitá-la de imediato. [...] Por isso, tentarei me explicar melhor, apresentando provas reais do que estou dizendo.

A primeira prova é o local onde nasci e o trajeto das mudanças que fiz.

Nasci num bairro antigamente denominado Hashiba, situado em Assakussa, na cidade de Tóquio. O país chamado Japão, como todos sabem, localiza-se no

¹³Movimento de reação aos exageros da ocidentalização sem, no entanto, reabilitar o tradicionalismo anterior. (ORTIZ, 2000, p. 28).

¹⁴O Templo Sensoji, localizado no coração de Asakusa, foi fundado por volta do ano 645 e é o templo mais antigo de Tóquio. Graças a este templo, que se tornara um importante local de peregrinação, Asakusa deixou de ser uma pacata vila de pescadores para tornar-se o centro cultural de Edo. Disponível em: <<http://www.senso-ji.jp/about/index.html>> Acessado em 12/5/2009, às 21:00).

¹⁵Em 1617, por ordem do Tokugawa xógum, os diversos prostíbulos espalhados pela cidade de Edo tiveram que se concentrar em um só lugar. Situado inicialmente nas proximidades da região de Nihon Bashi, foi transferido para Asakusa por volta de 1657. Foi extinto em 1958, com a promulgação da lei que proibiu a prostituição.

extremo leste do globo terrestre; acrescente-se que Tóquio é uma cidade do leste do Japão. O leste de Tóquio é Assakussa, cujo leste, por sua vez, é Hashiba, o bairro ao qual me referi há pouco. A leste desse bairro está o rio Sumida. Assim, Hashiba é realmente o leste do leste; em termos mundiais, é o extremo leste do mundo. [...]

Aos oito anos, fui morar no bairro de Senzoku, a oeste de Hashiba; mais ou menos na época em que concluí o curso primário, mudei-me para o bairro de Naniwa, em Nihon-bashi, e em seguida, para Tsukiji, em Kyo-bashi; depois fui para os bairros de Oi e Omori, ambos em Ebara; mais tarde, transferi-me para Koji e, a seguir, para Tamagawa, onde existe, atualmente, o Solar da Montanha do Tesouro. Posteriormente, dando um salto bem grande, mudei-me para Hakone e Atami, e, agora, para Quioto. Assim, troquei de residência dez vezes, e dessas mudanças, excetuando-se o bairro de Koji, nove foram para o oeste. Naturalmente, daqui em diante a Luz do Oriente avançará cada vez mais para o oeste; um dia, é óbvio, chegará à China e, finalmente, à Europa. [...]¹⁶

Quando Mokichi nasceu, a situação de sua família também era fronteira. Neste caso, entre a fronteira do passado áureo e o presente da pobreza extrema. Ele era o quarto filho de Kisaburo e Tori Okada, que tiveram duas meninas e dois meninos. A segunda filha, porém, faleceu ainda bem pequena, antes do caçula nascer. Seu pai, Kisaburo Okada (1852-1905), era o único neto de um próspero dono de uma casa de penhores e de mais de trinta imóveis para alugar (SHIMURA, 1994, p. 17). Ao que parece, Kisaburo recebeu uma boa educação e tinha um refinado gosto para as artes, porém, a pouca idade, a falta de experiência nos negócios e as circunstâncias da época levaram-no a perder todo o patrimônio herdado em menos de treze anos.

Quando seu avô, Kizaemon Okada, faleceu, em 1867, Kisaburo contava 15 anos de idade.

¹⁶FMO-MOA (Ed.). **Luz do Oriente: Biografia de Mokiti Okada - Vol. 1.** SP: Fundação Mokiti Okada, s/d (b), p. 29-32.

Assumir os negócios à véspera da Revolução Meiji, um dos períodos mais conturbados da história do Japão, foi uma tarefa pesada demais para ele, mesmo contando com a ajuda da mãe e de um conselheiro. Tori Okada (1855-1912), cujo sobrenome de solteira era Kanayama, foi criada com muita dificuldade pela mãe, pois seu pai, médico e professor da vila de Okudo, falecera quando ela tinha apenas seis anos de idade. Quando se casou com Kisaburo em 1871, as condições financeiras da família Okada ainda eram razoáveis; porém, à época do nascimento de Mokichi, a família atravessava a pior situação de suas vidas, a ponto de faltar até o que comer. O único “patrimônio” restado ao casal fora uma carroça carregada de objetos antigos, que eles negociavam na feira noturna do Templo Sensoji. Contudo, seus pais eram pessoas tranquilas e calorosas.

Sobre essa época de sua vida, Mokichi Okada escreveu:

Desde que tenho consciência, muitas vezes ouvi meu pai falar que, se não conseguisse determinada quantia naquela noite, não teríamos o que comer no dia seguinte. Então, caso não chovesse, ele carregava uma pequena carroça com alguns utensílios velhos, e minha mãe, levando-me às costas, ia empurrando-a. Vivendo numa pobreza extrema, ela ficou desnutrida e, como não tinha leite para me amamentar, ia pedir leite materno à esposa de um bonzo do Templo Renso-ji, que ficava próximo. Quando eu estava para terminar o curso primário, a situação financeira de minha família melhorou um pouco, e então pude ingressar na Escola de Belas-Artes.

Portanto, em minha infância, e mesmo quando já tinha uma família para cuidar, durante um bom espaço de tempo provei o sabor da pobreza, podendo compreender o quanto o dinheiro é motivo para gratidão. Isso me foi de grande proveito, pois ainda hoje não consigo desperdiçar nada, nem viver no luxo, de modo que sou até

grato pela adversidade daquela época. (FMO-MOA, s/d (b), p. 75).

Por ser doentio e franzino, desde bebê, Mokichi não conseguia acompanhar as brincadeiras das outras crianças. Entretanto, seu desenvolvimento intelectual chamava a atenção e seus passatempos preferidos eram o desenho e a leitura. Seus pais, apesar das dificuldades, não mediram esforços para proporcionar educação¹⁷ ao filho. Nos estudos, sempre esteve entre os primeiros da classe.

Aos quatorze anos, após concluir, em sete anos, o curso primário, que durava oito, incentivado pelos pais e com apoio financeiro da irmã mais velha, Shizu (1872-1902), que já estava casada e administrava junto com o marido os próprios negócios, Mokichi conseguiu realizar o grande sonho de ingressar no curso preparatório da Escola de Belas-Artes de Tóquio, atual Universidade de Artes de Tóquio. Contudo, poucos meses depois, foi obrigado a desistir do curso e a abandonar a escola devido a uma grave doença nos olhos, que o fazia ver tudo duplicado e sem nitidez. Buscou, em vão, todos os tratamentos médicos disponíveis na época. Uma nova e obscura fase era inaugurada em sua vida.

1.1.2 A juventude

Se a infância de Mokichi fora marcada pelas dificuldades financeiras e a fragilidade física, sua juventude seria marcada pela gravidade dos problemas de saúde, o complexo de inferioridade e a timidez. Sobre esse período, há duas passagens muito ilustrativas descritas por ele próprio.

Dos quinze aos vinte anos mais ou menos, era mais tímido que qualquer outra pessoa. Sem nenhum motivo, tinha receio de me encontrar com desconhecidos;

¹⁷Naquela época, as escolas, mesmo públicas, eram pagas. Além disso, a mão-de-obra infantil não era dispensada pelas famílias mais pobres, o que demonstra que seus pais conheciam bem o valor da educação.

principalmente quando achava que a pessoa era um pouco mais importante, nem conseguia falar direito com ela. Diante de moças, eu enrubescia, meus olhos ficavam perdidos e eu nem ao menos conseguia olhar para o rosto delas ou falar-lhes. Como fiquei pessimista por causa disso! Consequentemente, muito duvidei se conseguiria integrar-me na sociedade como cidadão adulto. Naquela época, quando me via frente a qualquer pessoa, sempre tinha a impressão de que ela era mais inteligente e importante que eu. (FMO-MOA, s/d (a), p. 96).

Quando eu tinha quinze anos, contraí pleurisia. Através de tratamento médico, feito durante quase um ano, fiquei completamente curado. Por algum tempo tive saúde, mas depois sofri uma recaída. Desta vez, a doença progredia aceleradamente e eu ia piorando cada vez mais. Passado pouco mais de um ano, diagnosticaram-me tuberculose de terceiro grau. Nessa época, eu estava exatamente com dezoito anos. Resolvi, então, consultar o falecido Prof. Tatsukiti Irissawa (1865-1938)¹⁸, o qual, depois de minuciosos exames, disse-me que já não havia esperança de cura. (FMO-MOA, s/d (b), p.115).

Mokichi conseguiu superar a timidez e o pessimismo, mas os problemas de saúde o perseguiram até quase os quarenta anos. Apesar de ele confiar plenamente na medicina ocidental, nos momentos em que mais precisou, não conseguiu ser salvo por ela, pelo contrário, fora desenganado conforme mostrado na citação anterior. No caso da tuberculose, ele conseguiu curar-se sozinho, por meio da adoção de uma dieta completamente vegetariana, intuída durante um estudo de pintura, utilizando um velho álbum com gravuras e explicações sobre plantas medicinais. Numa outra situação, descrita por ele como uma das mais enlouquecedoras de sua vida, quando sofreu durante dois anos de dores de dente agudas, mesmo buscando os recursos profissionais mais avançados da

¹⁸Autoridade em medicina interna e médico da Família Imperial Japonesa.

época, não obteve alívio. Novamente, a solução do problema veio de onde ele menos esperava: acatando a sugestão de um conhecido, mesmo sem acreditar (Mokichi fora ateu até os trinta e oito anos), começou a visitar um monge que realizava curas. Após uma semana sem ingerir nenhum medicamento, percebeu que a dor desaparecera e deduziu que os remédios que estava usando eram os causadores da intensificação da dor, visto que, desde que começara a ingeri-los, a dor só aumentava. Posteriormente, essas duas experiências influenciarão decisivamente a visão de Mokichi Okada sobre a doença e a saúde, como será visto mais adiante. A lista de problemas de saúde experimentados por ele é extensa: doença nos olhos, pleurisia, tuberculose, anemia, tifo intestinal, crises de hemorroidas, dores de cabeça e de estômago, reumatismo, prostração nervosa, uretrite, amigdalite, catarro intestinal, cardiopatia, periodontite etc. Daí suas bem-humoradas afirmações: “*Tive quase todas as doenças, exceto as de senhoras*” (FMO-MOA, s/d (b), p. 170) e “*Eu parecia mais um atacadista de doenças*”¹⁹.

1.1.3 A idade adulta

Mokichi Okada amava a arte. Por essa razão, mesmo tendo sido forçado a desistir da Escola de Belas-Artes, continuou lendo e pesquisando, por conta própria, o assunto. Por volta dos vinte anos, interessou-se pelo *maki-e*²⁰ e começou a aprender esta técnica com um artesão-artista da vizinhança. Algum tempo depois, já dominava a técnica e conseguia produzir suas obras, sozinho, desde o esboço até o acabamento. Nessa época, participou de uma exposição de belas-artes e seus trabalhos tiveram boa aceitação. A partir de então, os objetos em laca desenhados e produzidos por ele começaram a ser muito procurados.

¹⁹OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. *Okada Mokichi Zenshu - chojutsu hen*. [Obra Completa de Mokichi Okada - Artigos]. Vol. 6. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1995. p. 356-357.

²⁰O Maki-e é um tipo de artesanato em laca. Passam-se várias mãos de laca na madeira e depois faz-se um esboço do desenho também com laca. Antes que seque, espalha-se ouro, prata, chumbo ou outros metais em pó; ou então, polvilha-se a madeira com pigmentos vermelhos ou brancos, ou com um pozinho colorido, com eles descrevendo desenhos ou figuras. Daí o nome —maki-e, que significa — desenho semeado. Na prática, entre outros recursos, ainda se passa mais laca e raspa-se com carvão. É um artesanato muito trabalhoso. (FMO-MOA, Luz do Oriente, vol. 1, p.122.)

Porém, um acidente, no qual o nervo do dedo indicador da mão direita fora rompido, tornando-o rijo para sempre, interrompeu o sonho de seguir carreira como artesão-artista de *maki-e*, isto porque, para se alcançar determinado grau de excelência nesse tipo de técnica, a perfeita mobilidade do dedo indicador é fundamental.

Graças, em parte, à ajuda da irmã mais velha, a família conseguiu se restabelecer financeiramente, e Mokichi vinha se preparando, com o total apoio e orientação do pai, para abrir uma loja de antiguidades junto com este. Durante esse período, ele conseguiu aguçar consideravelmente a capacidade de avaliar objetos antigos e obras de arte²¹. Porém, a morte do pai, em 1905, acabou postergando o projeto. Com a herança que recebeu, Mokichi adquiriu uma pequena loja miudezas, dando-lhe o nome de *Korin-do*, em homenagem ao grande artista Korin Ogata²². Apesar da inexperiência, a loja prosperou e, um ano e meio depois, ele abriu também uma loja atacadista, a Loja Okada; mais tarde, foi a vez de inaugurar uma fábrica para produzir os acessórios femininos desenhados e confeccionados por ele, utilizando, principalmente, o “Diamante Asahi” – um novo tipo de material para bijuterias inventado por Mokichi e que se tornou febre entre as japonesas da época. Graças a seu olho clínico e à sua exigência para com a qualidade dos objetos que comercializava, à habilidade para administrar e à sorte que teve com os empregados, os negócios prosperaram de vento em popa. Em dez anos, seu capital passara de 3.500 ienes antigos (aproximadamente 90 mil dólares atuais) para mais de 100 mil ienes antigos (hoje, cerca de 3 milhões e 780 mil dólares). No intuito de acelerar ainda mais a multiplicação do seu capital, visando à abertura de um jornal, por meio do qual esperava contribuir para a melhoria da sociedade, Mokichi resolveu operar também como agente financeiro,

²¹Uma evidência disso é a qualidade das obras de artes adquiridas por Mokichi Okada ao longo de sua vida e que hoje constituem o acervo da Igreja Messiânica Mundial, preservado pelo Museu de Arte MOA (Atami) e pelo Museu de Arte de Hakone, no qual se incluem três obras tombadas pelo Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão como *Tesouro Nacional* e 64, como *Importante Patrimônio Cultural do Japão*.

²²Korin Ogata (1658 – 1716) é considerado um dos maiores pintores e artesãos de laca do Japão. Foi o precursor do estilo *Rinpa*, que revolucionou a pintura e a laca do país.

concedendo empréstimos a operadores da bolsa de valores. Apesar de ser um negócio arriscado, os juros lhe garantiam um bom rendimento e rápido retorno de capital.

Até os 38 anos de idade, como já foi mencionado, Mokichi Okada fora ateu. Estudioso, lia muito, especialmente a história de personagens bem-sucedidos do mundo empresarial e obras filosóficas, identificando-se particularmente com a *filosofia da intuição* de Henri Bergson e o *pragmatismo* de William James, que posteriormente ganharão importante destaque na doutrina criada por ele. Para Mokichi, se uma pessoa fosse justa, honesta e generosa, buscase a excelência em tudo a que se propusesse fazer, empenhando-se de corpo e alma, sem dúvida se tornaria uma pessoa realizada e feliz. Sua trajetória até os 37 anos reforçava este seu pensamento. Entretanto, uma sucessão de infortúnios abalou profundamente suas convicções. Após oito anos de casamento, viu a esposa, Taka, com quem se casara em junho de 1907, engravidar pela primeira vez. Porém, devido à dificuldade do parto, o bebê acabou falecendo. O filho seguinte nasceu morto. Durante a terceira gravidez, a esposa contraiu tifo intestinal, o que acabou provocando o nascimento prematuro, o óbito do bebê e, uma semana depois, a morte da mãe. No mesmo ano, o Banco Soko, no qual estava depositada toda sua economia e que também lhe dava retaguarda nas operações da financeira, abriu falência e Mokichi se viu com uma dívida de aproximadamente 100 mil ienes, que equivalia a quase todo o capital do qual dispunha. Esta dívida consumiu 22 anos até ser totalmente quitada. Assim como a experiência com as doenças, o sofrimento com as dívidas também se tornou um importante substrato da sua fé. A respeito disso, escreveu:

As pessoas me perguntam: ‘Que práticas ascéticas o senhor realizou? Subiu alguma montanha para banhar-se numa cachoeira, jejuou ou fez outras penitências?’ Então esclareço que jamais pratiquei tais coisas. Todas as minhas ‘penitências’

consistiram em tolerar a tortura das dívidas e reprimir a ira. Quem ouve, fica espantado, mas é a pura verdade. Creio que Deus determinou aperfeiçoar-me mediante purificações desse tipo [...]. (FMO-MOA, 2003 (a), p. 73).

1.1.4 O segundo nascimento: a conversão religiosa

Diante dos reveses sofridos, ele foi obrigado a reconhecer que, por melhor, por mais inteligente e esforçada que uma pessoa seja, ela não tem o total controle da vida em suas mãos. Sem encontrar respostas racionais que explicassem a causa de tanto sofrimento, acabou fazendo como grande parte das pessoas faz nessas situações: começou a buscar respostas na religião.

O seguinte trecho do livro *Luz do Oriente*, relacionado a esse momento da vida de Mokichi Okada, descreve a movimentação religiosa da capital japonesa naquela época:

Após a Primeira Guerra Mundial, desenvolvia-se, em Tóquio, um intenso movimento social, mas os movimentos espirituais também estavam sendo bastante ativados. À noite, em determinado lugar do bairro de Kanda, o Exército da Salvação batia seus tambores; em outro, o grupo budista Saissei tocava corneta. No Templo Rinsho-in, de Yushima, o dirigente Sugawara, do Templo Kentyo-ji, fazia as pregações nas sessões de Zen. Na Igreja do bairro Fujimi, o Professor Massahissa Uemura²³ atraía a atenção dos estudantes, e sob a liderança do Professor Kanzo Utimura²⁴, reuniam-se jovens fiéis entusiasmados. No Edifício Central Budista, ouvia-se, todas as noites, um sermão feito por alguém. Podemos dizer que aquela era uma época próspera da Religião” (Extraído da obra —Unir as mãos, da autoria de Mumon Yamada - Editora Shunju) [sic].

²³O pensador japonês, teólogo e pastor Masahisa Uemura (1857-1925) foi um dos personagens mais importantes para a consolidação do cristianismo (protestantismo) no Japão.

²⁴Kanzo Uchimura (1861-1930), assim como Masahisa, foi um grande expoente do cristianismo japonês. Estudioso da Bíblia, escritor e pensador, fundou o movimento cristão japonês chamado *Nonchurch Movement* (*Mukyokai*).

À procura do caminho da salvação, é provável que o Fundador tenha participado dessas reuniões, atento ao que nelas se pregava. [...]

Nessa época, a Religião Omoto colocava propagandas vistosas nos jornais e realizava conferências em diversas regiões do país, desenvolvendo uma diligente atividade de difusão. Certo dia, o Fundador foi a uma dessas conferências, realizada no Edifício Kinki, de Kanda, onde costumava assistir a sessões cinematográficas. Sentiu, então, que algo o atraía fortemente. Para ele, que, devido aos constantes sofrimentos, viera perguntando a si mesmo o significado da vida, era uma luz nas trevas. Assim, decidiu converter-se àquela religião. Isso ocorreu no mês de junho de 1920. (FMO-MOA, s/d (b), p. 232-233).

O encontro de Mokichi Okada com a Oomoto²⁵ foi arrebatador. Ele próprio se referiu ao evento denominando-o como seu *segundo nascimento*.

Diante dessa nova experiência, rendeu-se à existência de algo maior. O mistério presente no *Ofudesaki*²⁶ e os sucessivos milagres que lhe ocorreram – como a repentina cura da esposa, que estava com tuberculose e recebeu a graça após o marido peregrinar à terra santa da Oomoto – deixaram-no fascinado. Okada lia e relia todos os ensinamentos avidamente. Seu fervor era tanto que ele recomendava a Oomoto a todas as pessoas que encontrava. Em pouco tempo, vários de seus parentes, funcionários e até pessoas com quem negociava, acabaram ingressando na religião.

Além do mistério, o que mais atraiu Okada para Oomoto foi sua proposta de reformar o mundo. Por fim, se conscientizara que, sem a proteção e a permissão de Deus, o homem jamais conseguirá transformar este mundo em um lugar melhor.

²⁵Adotarei a grafia utilizada pela Associação religiosa Oomoto do Brasil, ao invés de usar a grafia utilizada no livro Luz do Oriente, no qual “Oomoto” está grafado com somente um “O”. *Oomoto* significa “a grande origem”.

²⁶Coletânea dos ensinamentos escritos pela fundadora da Religião Oomoto, Nao Deguchi.

Apesar de, no início, ter praticado a fé de maneira bem austera (de maneira *shojo*, como se diz na linguagem messiânica), tentando manter-se dentro das linhas rígidas da Oomoto daquela época (não vestir roupas de seda, só as de algodão, não usar roupas ocidentais para ir à igreja, não se alimentar com carne de quadrúpedes etc.), algum tempo depois, começou a achar as abstinências algo ilógico e contraditório. Assim, resolveu voltar a se vestir e a se alimentar como sempre o fizera. Mokichi Okada conta que, naquela época, provavelmente, ele era o único fiel que ia aos cultos vestindo traje ocidental. No restaurante do trem a caminho para a terra santa, por exemplo, era o único que pedia sanduíche. “As pessoas [da Oomoto] se espantavam com as minhas atitudes e davam-me vários conselhos e advertências; eu só sorria.”²⁷

Com o intuito de aproximar-se de Deus, Okada começou a pesquisar e praticar exaustivamente o *chinkon kishin*²⁸. A partir da noite de 25 de dezembro de 1926, durante três meses, viveu uma importante experiência mística, por meio da qual recebeu uma revelação divina sobre, entre outras coisas, o passado, o presente e o futuro da humanidade e dele próprio, sobre a formação do Japão etc. Soube que, a partir daquele momento, Deus utilizaria seu ser para executar a obra de salvação da humanidade. Sobre o que sentiu na época, escreveu:

Por tratar-se de uma missão grandiosa demais, nunca vista até então, não pude deixar de achá-la muito pesada para um ser comum como eu. Entretanto, como era Deus, maravilhoso para todas as pessoas, quem me incumbia dessa missão, é claro que eu não podia recusá-la. No início, duvidei bastante, chegando mesmo a

²⁷OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. *Okada Mokichi Zenshu - chojutsu hen*. [Obra Completa de Mokichi Okada - Artigos]. Vol. 6. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1995. p. 317-319.

²⁸*Chinkon* é um método sagrado destinado a ativar plenamente as funções da alma primária do homem. *Kishin* é o estado espiritual em que a alma humana, por meio da corrente interna derivada diretamente do caráter divino, se harmoniza com o Grande Deus Original. (ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA OOMOTO DO BRASIL. *O que é a Oomoto* – 2. Jandira/SP: Associação Religiosa Oomoto do Brasil, 2004, p. 9).

rebelar-me, mas de nada adiantou. Deus me manipulava livremente. (FMO-MOA, s/d (b), p. 262).

A partir de então, as atividades religiosas de Mokichi Okada começam a se modificar, *“ampliaram-se da pesquisa centralizada em livros para a busca do método de salvação que liberta as pessoas do sofrimento através da força espiritual, encaminhando-as para a felicidade. Ou seja, ele avançou para a parte prática”*²⁹.

Imbuído do desejo de se dedicar de corpo e alma à salvação das pessoas, mesmo ciente das dificuldades, especialmente financeiras, que enfrentaria, decidiu, em 4 de fevereiro de 1928, abandonar as atividades comerciais, deixando a administração dos negócios ao encargo de dois funcionários, e tornar-se missionário da Oomoto. Posteriormente, ele se desfez de fato da Loja Okada. (É importante salientar que, apesar de Mokichi Okada ter abandonado as atividades comerciais da Loja Okada em 1928, ele não deixou completamente o mundo empresarial. Em 1935, por intermédio de uma senhora que fora salva pelo *johrei*, foi apresentado ao seu marido, que administrava uma mineradora que estava sem capital de giro. Convidado a investir no negócio, Mokichi Okada aceitou. A partir de então, entrou para o ramo da mineração, tocando-o como uma atividade paralela, que, além de prover recursos para subsidiar o desenvolvimento da sua obra religiosa, conferia-lhe uma profissão, minerador, o que ajudava a desviar um pouco a atenção das autoridades. Durante aproximadamente vinte anos, Okada adquiriu e administrou quatro minas, de onde extraia tungstênio, sulfato de cobre, zinco, chumbo, bronze, prata e até ouro(cf. FMO;2003 (a), p. 130-132)).

Sua ascensão na hierarquia oomotana foi rápida: ele, que já era um dos diretores da Editora Meiko da Oomoto, tornara-se também diretor de uma filial da igreja em Tóquio.

²⁹FMO-MOA (Ed.). s/d (b), p. 262.

Mokichi Okada ainda estava tentando compreender e aceitar a missão recebida de Deus e por isso foi até ao grande mestre Onisaburo Deguchi (co-fundador da Oomoto), pedir sua orientação. Consta que, após conversarem sobre diversos assuntos, Onisaburo lhe dissera: “*Daqui para a frente, se você se dedicar à cura de doenças, poderá curá-las quanto quiser. Faça-o o mais possível. Se, por acaso, você colocar água num copo e disser que a tomem, porque é remédio, essa água se transformará em remédio, sabia?*”³⁰ E assim ele fez. Os resultados obtidos eram surpreendentes e, a cada dia, crescia o número de pessoas que vinha até ele em busca de ajuda para resolver os mais diversos tipos de problemas.

No amanhecer do dia 15 de junho de 1931, acompanhado por um grupo de vinte e nove seguidores, incluindo sua esposa, escalou o Monte Nokogiri e lá entoou uma oração. Nesse momento, Mokichi Okada intuiu que uma transformação muito importante estava ocorrendo no mundo espiritual. Isto ficou conhecido como *Revelação sobre a transição da era da Noite para a era do Dia*. E sua missão, nesse contexto, seria conduzir e orientar as pessoas para que pudessem ultrapassar esse momento crítico com segurança.

A maneira de Mokichi Okada atuar dentro da Oomoto começou a gerar certo desconforto entre seus colegas missionários. O seguinte texto publicado no material “*O que é a Oomoto – vol. 2*”³¹ é bastante ilustrativo:

Mokichi Okada [...] trabalhou energicamente em Tóquio, na qualidade de chefe da filial de Oomori da Oomoto.

Desde o início, a Oomoto distribuía amuletos que só a Fundadora ou sua sucessora tinham o direito de escrever, mas Okada começou a confeccioná-los, sem ser notado, para dá-los aos membros de sua filial. O boato começou a correr, chegando

³⁰FMO-MOA (Ed.). s/d (b), p. 264.

³¹ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA OOMOTO DO BRASIL. **O que é a Oomoto – 2**. Jandira/SP: Associação Religiosa Oomoto do Brasil, 2004.

ao conhecimento dos diretores que, irados, o conduziram perante Onisaburo. Ouvindo cada um dos diretores, Onisaburo chamou Okada à frente, momentos depois, com um aceno. Este o reverenciou profundamente, esperando com resignação o trovejar de sua cólera. Onisaburo então lhe cochichou ao ouvido, baixinho, de modo que ninguém pudesse ouvir: “Como você vê, eles estão ofendidos; de agora em diante, tenha mais cuidado; faça-o com o máximo sigilo.”³²

Para Masao Shimura³³, essa atitude de Onisaburo se justificaria pelo fato de existir entre ele e Mokichi uma relação semelhante à de pai e filho (SHIMURA, 1994, p. 24). De fato, Mokichi Okada considerava a Oomoto como sua “progenitora”, aquela que o trouxera à vida espiritual. Assim como um filho que cresce, atinge a maioridade e precisa sair da casa dos pais para trilhar seu próprio caminho, em maio de 1934, Okada abriu o Oojin-do, uma espécie de centro terapêutico no qual se praticava o “Tratamento Espiritual de Digitopuntura³⁴. no Estilo Okada”. Em 15 de setembro do mesmo ano, desliga-se oficialmente da Oomoto. Paralelamente às atividades do Ojin-do, Okada frequentava, desde dezembro de 1933, um curso para formação de sacerdotes xintoístas, no qual estudava a doutrina, os rituais e a maneira de realizá-los etc. Em dezembro de 1934, inspirando-se no sutra “Kannon”³⁵, compôs a oração *Zengen-sanji*³⁶ (uma oração de louvor, na qual descreve as mudanças na manifestação de Deus e o mundo paradisíaco). No ano seguinte,

³²Ibid. p. 9-10. O mesmo episódio também é relatado com detalhes no capítulo nove do primeiro volume do livro *Luz do Oriente* (FMO-MOA, s/d (b)).

³³Professor emérito da *Tokyo University of Foreign Studies* e membro da Comissão Editorial das Obras Completas de Mokichi Okada.

³⁴O termo digitopuntura é um neologismo produzido pelo tradutor para traduzir a palavra *shiatsu*, que, à época da tradução, provavelmente, ainda não era muito difundida no país. No terceiro capítulo, que versará sobre a localização da Igreja Messiânica no Brasil, serão analisados este e outros aspectos da tradução.

³⁵O sutra “*Kanzeon Bossatsu - Fumonbon*”, ou simplesmente sutra “*Kannon*”, é o vigésimo quinto dos vinte e oito capítulos do sutra “*Myo-horen-gue*”, chamado comumente de sutra “*Hoke*”. O sutra “*Hoke*” influenciou não só a fé e a filosofia, mas também a arte e a literatura budista. Muitas seitas, considerando-o como uma compilação completa das últimas pregações sistematizadas de Sakyamuni, têm-no como centro máximo de todas as escrituras budistas. (FMO-MOA, 2003 (b), p.38.).

³⁶Após a inauguração do Solo Sagrado de Guarapiranga, esta oração deixou de ser entoada durante os cultos da IMMB. Ela foi substituída pela Oração dos Messiânicos (renomeada, posteriormente, Oração Messiânica), inspirada na *Sengen Sanji* e composta no Brasil.

concluiu o curso e recebeu a qualificação para exercer a função de sacerdote xintoísta³⁷.

Em 1º de janeiro de 1935, funda a *Dai Nippon Kannon Kai* (Associação Kannon do Grande Japão³⁸), que, posteriormente, dará origem à *Sekai Kyusei Kyo* (Igreja Messiânica Mundial), como será tratado mais adiante.

1.1.5 Mokichi Okada – filho, marido, pai e patrão

É relevante discorrer sobre esses aspectos da vida de Okada, pois eles revelam algumas características suas que destoam do padrão japonês da época e que, posteriormente, se refletiram no desenvolvimento do seu trabalho religioso.

Como já foi mencionado anteriormente, Mokichi Okada nasceu em uma família de comerciantes e nunca viveu a experiência de ser empregado. Antes de abrir o primeiro negócio, em 1905, sua única experiência profissional fora como ajudante de contabilidade na hospedaria da irmã, e isto não constitui exatamente um emprego nos moldes formais, já que se tratava de um empreendimento familiar.

É possível pensar que o fato de não ter trabalhado fora e de ter sido obrigado a abandonar cedo a escola devido às doenças, colaborou para que suas relações pessoais mais íntimas ficassem restritas à família. A exceção, segundo a literatura disponível, fora a amizade com o médico Shota Matsumoto, com quem começara a se relacionar, provavelmente, quando já se encontrava perto dos trinta anos de idade. Num texto no qual relatou o quanto se sentia dependente da medicina ocidental antes de se tornar religioso, Mokichi Okada escreveu:

Como o homem nunca sabe quando vai ficar doente, eu queria encontrar um médico

³⁷SHIMURA, 1994, p. 23.

³⁸Durante o período expansionista, os japoneses se referiam ao Japão denominando-o Dai Nippon (Grande Japão). Após a derrota na Guerra, essa denominação foi abolida, e o país passou a ser chamado simplesmente de Nippon (Japão que, literalmente, significa origem do sol).

atencioso, que, na hora em que eu precisasse e lhe desse um telefonema, me atendesse imediatamente, fosse de noite ou de madrugada. Acabei encontrando um médico assim, a quem eu tratava da melhor maneira possível. Tornamo-nos tão íntimos como se fôssemos parentes. Ele é o padrinho de casamento de minha atual esposa. (FMO-MOA, s/d (b), p. 172-173).

Como filho, além de grande amigo do pai, sempre se mostrou muito cuidadoso com a mãe. Consta que, durante a juventude, ele procurava se levantar primeiro que ela, para cozinhar o arroz do desjejum, o que não era um costume comum entre os rapazes daquela época.

De acordo com o antigo sistema familiar japonês, o filho mais velho deveria se tornar o herdeiro principal e o responsável pelo cuidado para com os pais e demais membros da família. Depois que o pai de Mokichi faleceu, seu irmão mais velho, como ditava o costume, herdou a casa da família e, junto com a esposa, tomava conta da mãe, do irmão e do sobrinho. Porém, tão logo conquistou a independência financeira, ainda solteiro, Mokichi fez questão de se mudar da casa do irmão, levando consigo a mãe e o sobrinho, solicitando junto à prefeitura o registro de separação familiar. Assim, ele assumiu a responsabilidade da família.

Levar a mãe e o sobrinho, mesmo durante a semana, para jantarem fora, assistirem a espetáculos teatrais e fazerem outros tipos de passeios era um costume seu desde os tempos de solteiro. Após se casar com Taka, a primeira esposa, esse hábito de sair com a família continuou.

Mokichi Okada se casou duas vezes, como já foi mencionado. A primeira vez, em 1907, com Taka, que também era filha de comerciantes e muito o ajudou nos negócios. Após sua morte, ele contraiu matrimônio com uma moça quinze anos mais jovem, chamada Yoshi Ota, com quem teve sete filhos (após a morte de Mokichi Okada, ela se tornou sua sucessora

na liderança espiritual da Igreja Messiânica e passou a ser chamada de Nidai-Sama).

Não há muitos registros de como era sua atitude com a primeira esposa, porém, acredita-se que não diferia muito da maneira como tratava Yoshi. Segundo vários registros que narram o relacionamento dos dois, fica claro que, como marido, Mokichi fugia consideravelmente dos padrões da época. Para ele, a esposa era uma verdadeira companheira, cúmplice. Com ela compartilhava seus planos e sonhos; sempre pedia sua opinião; ajudava-a na administração da casa, na elaboração do cardápio e até na escolha dos quimonos. Gostava da sua companhia para ir ao cinema, ao teatro, às compras, aos passeios e às caminhadas. Nestas ocasiões, contrariando totalmente o costume, solicitava que ela caminhasse ao seu lado e não vários passos atrás. No início, esta atitude causava certo desconforto até mesmo à esposa, que posteriormente deu o seguinte depoimento:

Na época, era uma grande novidade marido e mulher andarem juntos, de modo que chamávamos muita atenção. Eu achava que não estávamos procedendo muito bem, mas Meishu-Sama³⁹ não se importava. Podemos dizer que também nesse ponto ele era moderno.(FMO-MOA, 2003 (a), p. 117-118).

Mokichi Okada não era exatamente um feminista, no sentido que o termo adquiriu depois da década de 1960. Contudo, era um bom conhecedor da alma feminina e alguém que, ao longo de toda a vida, tratou as mulheres com muita deferência. Ele dizia que, em sua última encarnação, antes de nascer como Mokichi Okada, nascera como mulher e que, por isso, era um homem delicado e possuidor de algumas características femininas. Para ele, a reencarnação ora como homem, ora como mulher é muito positivo, pois possibilita o surgimento de uma personalidade menos extremista, na qual a força masculina e a

³⁹Meishu-Sama é o nome religioso pelo qual Mokichi Okada passou a ser chamado a partir de 1950.

delicadeza feminina se mesclam harmoniosamente⁴⁰. O fato de ele ter feito muito sucesso criando adornos e acessórios para mulheres sugere, no mínimo, que ele era sensível o bastante para captar os anseios femininos. O seguinte relato de Miyako Yoshioka, a segunda filha de Mokichi Okada, durante seu encontro com os diretores da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e suas esposas, em 18 de outubro de 1998, é aclarador:

Mesmo sendo homem, Meishu-Sama pregava a bondade e a cortesia. Estas qualidades parecem ser mais atributos femininos, não é mesmo? Por isso, acho que Meishu-Sama possuía ambas as características: masculina e feminina. Portanto, quando eu tinha algum problema, ao invés de procurar minha mãe, procurava Meishu-Sama, porque além de compreender muito bem o sentimento feminino, ele era muito habilidoso em avaliar o problema. (informação verbal)

Como patrão, exigia qualidade do trabalho e incentivava o desenvolvimento pessoal dos empregados. Era justo e generoso: ao adotar o sistema de salário acrescido de comissões, que variavam de acordo com o rendimento de cada um, mostrou-se inovador e um partidário da meritocracia. Na administração, delegava tarefas e deixava que cada um as cumprisse com o máximo de liberdade possível. Se, por um lado, isso era um dos pontos que atraía para perto de Okada uma grande quantidade de profissionais competentes e fiéis, por outro, a confiança excessiva que depositava nos mesmos e a falta de um acompanhamento cuidadoso do trabalho realizado por eles acabaram sendo também o estopim de sua bancarrota, pois deixara os negócios da financeira que abrira totalmente nas mãos de um único empregado, a ponto de entregar-lhe seu sinete⁴¹. Ocorreu o seguinte. O gerente encarregado por Okada de cuidar dos negócios da financeira recém instituída tomou a

40OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. Okada Mokichi Zenshu - kowa hen. [Obra Completa de Mokichi Okada - Palestras]. Vol. 2. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1998 (a). p. 26.

Idem Okada Mokichi Zenshu - kowa hen. [Obra Completa de Mokichi Okada - Palestras]. Vol. 3. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1998 (b). p. 367.

41No Japão, o sinete tem valor de assinatura. Portanto, entregar o sinete tem o mesmo valor de passar uma procuração universal.

decisão de depositar todo o capital de giro do negócio em um determinado banco. Com a crise que abalou o mercado financeiro no final da década de 1910, esse banco faliu e levou consigo todo o capital de Okada que estava depositado nele. Percebendo a gravidade da situação, o gerente, que tinha autonomia total no que diz respeito a este negócio, tomou uma série de decisões desastrosas que acabaram resultando na falência de Okada, como fora mencionado anteriormente. Este gerente acabou tirando a própria vida, pois, no Japão, entre outras coisas, o suicídio é considerado uma maneira honrosa de se assumir a responsabilidade por um erro cometido. Conta-se que Okada participou do seu funeral e que, lamentando a situação, nunca demonstrou nenhum rancor por essa pessoa, pois reconhecia que a responsabilidade maior da situação era sua, por ter confiado demais. (FMO-MOA, s/d (b)).

Como pai, era paciente, benevolente e liberal. Para ele, mais do que “ensinar”, os pais precisam tornar-se exemplos para o filho. Os seguintes trechos do relato de Miyako⁴² são elucidativos:

[...] Meishu-Sama quase não incentivava nada. Praticávamos o que queríamos. Ele não nos forçava. Ele próprio praticava e quase sempre dava o exemplo com sua postura. Se estávamos distraídos, ele não ficava dizendo “Tem que fazer isto ou aquilo”, portanto, não nos obrigava a nada. Talvez, diante daquela nossa postura, Meishu-Sama pensasse: “Algum dia eles me compreenderão”. Ele não gostava de impor as coisas e era muito paciente. Ao invés de determinar o que devia ou não ser feito, valorizava a iniciativa de cada um e compreendia que o ser humano não é movido por ordens. Ele era muito habilidoso em motivar as pessoas.[...]

⁴²Encontro de Miyako Yoshioka, a segunda filha de Mokichi Okada, com os diretores da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e suas esposas, em 18 de outubro de 1998, na Sede da IMMB, em São Paulo.

[...] Meishu-Sama era um homem muito verdadeiro e com relação aos filhos era muito espontâneo. Suas emoções eram realmente naturais e, para mim, quando observo a Grande Natureza, sinto a presença de meu pai [...].(Arquivo da Secretaria de Tradução)

Outra característica de Mokichi Okada, ressaltada por Miyako na mesma ocasião, é a alegria:

Como pessoa natural de Tóquio, a expressão de Meishu-Sama era sempre alegre. A associação de poemas humorísticos (*Warai Kanku no Kai*)⁴³ foi fundada em uma época de pobreza. Quando o dinheiro acabava, Meishu-Sama, ao contrário da maioria das pessoas, se mantinha alegre. Espantava todos os males com o sorriso [...] Por mais que a situação fosse ruim, Meishu-Sama dizia: “Coisas ruins são boas”. [...].

1.1.6 As tragédias coletivas

Mokichi Okada viveu de perto duas grandes tragédias coletivas: o Grande Terremoto da Região de *Kanto*, que, em 1º de setembro de 1923, juntamente com o grande incêndio que o acompanhara, avassalou, principalmente, a região metropolitana de Tóquio, ceifando a vida de quase 120 mil pessoas e deixando cerca de 400 mil famílias desabrigadas. Isto significa a destruição total de cerca de 70% das construções de Tóquio.

A maior perda sofrida por Mokichi Okada nesse episódio foi a morte do filho mais velho, de apenas um ano e nove meses, vítima do surto de cólera que atingiu a cidade depois da tragédia.

Durante o terremoto, Okada e sua família estiveram a salvo, pois tinham se mudado, quatro

⁴³Miyako se refere à *Tennin Kai* (Associação Ser Paradisíaco), criada por Mokichi Okada na década de 1930, com o intuito de reunir pessoas para compor e declamar poemas humorísticos.

meses antes, para Omori, subúrbio de Tóquio. Estudando os ensinamentos de Nao Deguchi, a partir de uma frase do texto, Okada intuiu que, em breve, Tóquio se tornaria um “mar de chamas”, por isso, não se tranquilizou enquanto não se mudou. E, de fato, a profecia se realizou. Depois disso, ele, que estava afastado da Oomoto desde o verão de 1920, voltou a frequentá-la.

Outra grande tragédia coletiva vivida por Okada foi a Segunda Guerra Mundial. Nessa ocasião também, pressentindo o perigo, deixou Tóquio, juntamente com a família e os dedicantes⁴⁴ mais próximos, e mudou-se, em 1944, para Hakone, uma cidade pequena e afastada dos grandes centros. Na época, aconselhou todos os discípulos a fazerem o mesmo.

A vivência dessas experiências, certamente, marcou profundamente Mokichi Okada, alterando sua visão de mundo e impactando diretamente sobre a maneira como conduziu sua obra religiosa.

1.1.7 O final da vida

Mokichi Okada faleceu em 10 de fevereiro de 1955. Deixou esposa, seis filhos e quase oitenta mil membros. Em vinte anos de trabalho à frente da religião que fundara, construiu três *protótipos do paraíso terrestre*, conhecidos também como Solos Sagrados, colecionou centenas de obras de arte que hoje constituem o acervo da Igreja Messiânica Mundial⁴⁵, desenvolveu um método agrícola, chamado *Agricultura Natural*, que dispensa o uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos, escreveu mais de dois mil artigos e cinco mil e quinhentos poemas *waka*⁴⁶, estabeleceu os pilares para a instituição de um estilo de

⁴⁴No jargão messiânico, *dedicante* é aquele que se empenha voluntariamente em servir a Deus e ao próximo por meio da prática da fé messiânica.

⁴⁵Mesmo grandes críticos do Mokichi Okada religioso reconhecem a importante contribuição que ele dera à arte japonesa impedindo que, no pós-guerra, uma considerável quantidade de relevantes obras artísticas do Japão fosse levada definitivamente para o exterior. (Cf. AGOU, 1991, p. 337-338.) Dentre as obras adquiridas por ele, existem três Tesouros Nacionais e dezenas de obras classificadas como Importante Patrimônio Cultural.

⁴⁶Poema clássico japonês, sem rima, composto de 31 sílabas.

vivificação floral baseado em seus preceitos – a Ikebana Sanguetsu –, deixou centenas de pinturas e desenhos e escreveu centenas de milhares de caligrafias⁴⁷.

Sua morte aos setenta e dois anos de idade, em decorrência de um acidente vascular cerebral, foi considerada precoce pela maior parte das pessoas que o conhecia. Sobre isso, sua esposa, Yoshi – que após sua morte assumiu a liderança da Igreja Messiânica na condição de Segunda Líder Espiritual (Nidai-Sama) –, escreveu:

De nada adianta contar quantos anos vivemos, muito pelo contrário: devemos esquecer a própria idade. Meishu-Sama, em seus últimos anos de vida, não se comportava como um idoso, mas como uma criança feliz e vivaz. Portanto, deveríamos tomar este fato como exemplo. Uma pessoa veio a mim e disse com pesar: “Eu pensava que Meishu-Sama ainda viveria muito mais, mas, para nossa surpresa, ele morreu cedo, não?” Obviamente, se contarmos o número de anos que ele viveu, foi menos do que pensávamos. Todavia, se observarmos o legado que ele deixou, concluiremos que sua existência foi muito longa. (FMO-MOA, 2003 (c), p. 60).

1.2 MOKICHI OKADA E A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL (IMM)

Na maioria dos textos institucionais e nas principais obras literárias da IMM⁴⁸, 1º de janeiro de 1935 figura, geralmente, como a data oficial de instituição da Igreja Messiânica Mundial⁴⁹. Entretanto, a Igreja Messiânica Mundial (*Sekai Meshiya Kyo*) só foi instituída,

⁴⁷“No caso da Imagem da Luz Divina [que são as caligrafias colocadas nos altares] e dos quadros — estes, escritos horizontalmente — onde eram caligrafadas letras maiores, Okada confeccionava cem em trinta minutos; no caso do protetor, que só tinha uma palavra (“Hikari”), fazia de quinhentas a seiscentas em uma hora.” (FMO-MOA, 2003 (b), p. 173).

⁴⁸Refiro-me, principalmente, aos ensinamentos e às obras publicadas em português, cuja estratégia de tradução procura não “confundir” o leitor que desconhece o contexto histórico-social da Igreja Messiânica no Japão. Este assunto será retomado no terceiro capítulo.

⁴⁹Durante sua apresentação na Conferência Internacional *Herança Espiritual Japonesa no Brasil – Modalidades de Transplantação Religiosa e Adaptação Cultural desde 1908*, realizada pela PUC-SP e a FMO-MOA em agosto de 2008,

de fato, em 4 de fevereiro de 1950, sendo que, em 1957, finalmente, tivera seu nome modificado para *Sekai Kyusei Kyo*, permanecendo inalterado até hoje. A data 1º de janeiro de 1935 se refere, na verdade, ao ano de instituição da *Dai Nippon Kannon Kai* (literalmente, Associação *Kannon* do Grande Japão), a primeira instituição de cunho religioso fundada por Mokichi Okada. Tal abordagem, por parte da IMM, sobre estas datas parece ser intencional e didática. No entanto, do ponto de vista histórico-crítico, tal recurso pode causar nos leitores menos atentos a falsa impressão de que a IMM já nasceu “pronta” e esta noção de “acabado” é uma das ideias menos apropriadas para caracterizar a obra de Mokichi Okada em qualquer tempo, pois ela é marcada pelo dinamismo e pela evolução.

A essência do trabalho religioso de Okada nunca mudou: desde o início, seu objetivo era conduzir as pessoas à verdadeira saúde e salvação⁵⁰, viabilizando a concretização do paraíso sobre a Terra. O que se alterou, pois, foi a forma e a abrangência desse trabalho. Mudanças estas, geralmente provocadas, inicialmente, pelas constantes pressões feitas pelo governo. Como não poderia ser diferente, Mokichi Okada procurou interpretar essas ocorrências como manifestações da vontade de Deus, que Se valia dos mais inesperados recursos para promover o desenvolvimento de Sua obra.

1.2.1 Preparando-se para a independência

Como já fora mencionado, desde que se conscientizara, por meio da revelação divina, da missão de salvar as pessoas e de orientar a construção do paraíso sobre a Terra que lhe fora

Michael Pye, professor emérito da Universidade de Marburg (Alemanha), questionou a tradução do nome *Sekai Kyusei Kyo* (世界救世教) como Igreja Messiânica Mundial, já que *kyusei* (救世), literalmente, significa *salvação* e não está necessariamente relacionado a *messias*. A referência ao messias encontrada na tradução do termo *kyusei* (救世) como *messiânica* se origina de um recurso linguístico utilizado por Mokichi Okada quando nomeou a nova instituição religiosa que estava fundando em 1950. Na ocasião, ele utilizou os ideogramas 救世 (*kyusei*) referentes à salvação, mas utilizando o sistema de escrita *katakana* (usado, principalmente, para grafar palavras estrangeiras, com exceção das chinesas) forçou a leitura do ideograma *kyusei* como *meshiya* (messias), estabelecendo uma relação definitiva entre messias e salvação no contexto da religião fundada por ele.

⁵⁰Os conceitos de verdadeira saúde e de salvação segundo a visão de Mokichi Okada serão tratados posteriormente.

atribuída por Deus, Mokichi Okada começara a se empenhar de corpo e alma a esta tarefa. Dedicou-se à pesquisa dos fenômenos espirituais e ao desenvolvimento do método⁵¹ de salvação por meio da canalização da luz divina (chamada também de poder *Kannon*, força absoluta, força vital etc.), alcançando grandes resultados na cura dos mais diversos tipos de males, tanto do corpo quanto do espírito. Por isso, o número de pessoas que buscavam sua ajuda aumentava progressivamente. Na época, porém, a diretriz traçada pela liderança oomotana recomendava concentrar esforços no trabalho de “reconstrução do mundo” por meio da transformação ideológica; mas a insistência de Okada em priorizar a salvação por meio da erradicação do sofrimento a partir de uma perspectiva pragmática, começou a gerar sérios atritos entre ele e alguns diretores da Oomoto. Assim, reconhecendo que, para atuar com mais liberdade, deveria se distanciar da Oomoto, começou a se preparar para fazê-lo. Alugou uma pequena casa e nela abriu (maio de 1934) um centro terapêutico chamado Oojin-do.

1.2.2 Pressão sobre as Novas Religiões Japonesas (NRJs)

De 1192 a 1867, o sistema de poder baseado na autoridade do *shogun*, supremo líder militar, predominou no Japão. O comando do país fugiu completamente das mãos do imperador. Porém, em 1868, um grupo de políticos que se opunha ao sistema feudal, que idealizava a construção de um Estado moderno, promoveu a Restauração Meiji que, entre outras coisas, restituiu ao imperador o comando do país. O xintoísmo foi eleito sustentáculo ideológico do novo Estado, pois, entre outras coisas, afiançava a origem divina do imperador e a superioridade do povo japonês. O nascimento desse *shinto* estatal, que cultua o imperador como deus-vivo, desencadeou uma grande pressão contra toda e qualquer ideologia que pudesse abalar os

⁵¹Enquanto permaneceu na Oomoto, Mokichi Okada utilizou a nomenclatura oomotana, *chinkon*, para descrever o método que estava utilizando. Após iniciar, a partir de maio de 1934, suas atividades religiosas independentemente, numa clara demonstração de rompimento, nomeia seu método *shijutsu* (terapia), nomenclatura utilizada até 1937. A partir desse ano até 1947, o método foi chamado de *chiryō* (tratamento) e, a partir de então, denominado *okiome* (purificação). Esta nomenclatura foi utilizada durante poucos meses, até ele ser renomeado definitivamente como *johrei* (literalmente, purificação do espírito). SHIMURA, 1994, p. 22.

ideais nacional-imperialistas do governo. O Estado empenhou-se incisivamente na tarefa de inculcar em seus cidadãos os sentimentos de veneração e dedicação total ao imperador e à pátria. Em 1882, o xintoísmo foi classificado em duas categorias: xintoísmo de santuário e xintoísmo sectário, constituído por treze seitas reconhecidas como religião, entre elas a *Tenri-kyo* e a *Konko-Kyo*. Até 1900, ambas as categorias foram reguladas pela Secretaria de Santuários do Ministério dos Negócios Internos. Posteriormente, este órgão se subdividiu e os santuários passaram a ser controlados pela Secretaria de Santuários e as seitas, pela Secretaria de Religiões (Kishimoto, 1965, p. 227; FMO-MOA (Ed.). s/d, p.351).

O processo de modernização ocidentalizado bem como a reação do budismo e outros fatores inviabilizaram as intenções do governo de consolidar a perfeita união Religião-Estado. Apesar de, durante determinado tempo, o governo ter obrigado até mesmo monges budistas e ministros religiosos cristãos a divulgar a ideologia do *shinto* estatal, foi por intermédio das escolas que foi alcançado o sucesso na empreitada de incutir essa ideologia no coração do povo.

Em um artigo de 1973, Takashi Maeyama descreve da seguinte maneira as escolas japonesas⁵²:

As escolas japonesas (...) invariavelmente expunham o go-shinei (O Retrato do Imperador) e guardavam o kyoiku-chokugo (Escritura Imperial sobre Educação, [promulgada em 30 de outubro de 1890]) como uma relíquia. Acreditava-se que, nesta Escritura Imperial sobre Educação, se incorporavam os princípios máximos da niponicidade. A sua leitura era feita exatamente como qualquer sutra. Ela era, com efeito, a sutra sagrada do culto ao Imperador. (Maeyama, 1973, p. 436).

No campo político, o início do período Showa (1925-1989) foi marcado pela ascensão e fortalecimento de um regime militar fascista que, tomando de empréstimo a ideologia do

⁵²Esta descrição diz respeito às escolas japonesas encontradas no Brasil antes da guerra. Contudo, é possível dizer que ela é perfeitamente válida para descrever também as escolas japonesas do Japão daquela época, já que “o grosso dos imigrantes de pré-guerra [...] chegou [ao Brasil] durante a década de 1926-1936 [...] e], de certa forma, haviam sofrido 'uma lavagem cerebral', debaixo da nova situação política do Japão.” (Maeyama, 1973:436).

xintoísmo estatal, conduziu a Nação aos seus ideais expansionistas, que culminaram na Segunda Guerra Mundial.

Nesse contexto, toda e qualquer ideologia, especialmente a das NRJs, que, de alguma forma, contrariassem ou pusessem em risco os interesses do Estado, tornaram-se alvo de rigoroso controle. Com a criação da Polícia Especial, em 1923, e a promulgação da Lei de Segurança, em 1925, esse controle tornou-se ainda mais acentuado.

Em contrapartida, a difícil situação na qual toda a sociedade – principalmente, o povo – se encontrava, fazia crescer a procura de ajuda nas novas religiões. Quanto mais estas cresciam, maiores o controle e a pressão por parte do Estado.

Dentre as muitas novas religiões pressionadas, a Oomoto certamente foi uma das mais perseguidas, devido à sua ideologia de revolucionar o mundo e às palavras e atitudes de Onisaburo que, apesar de não serem declaradas abertamente à sociedade e ficarem restritas à esfera interna da organização, insinuavam a ilegitimidade do imperador, que reivindicava para si o título de legítimo imperador do Japão⁵³. Sem dúvidas, este fato chegou ao conhecimento das autoridades. Consequentemente, em 8 de dezembro de 1935, suas instalações em Ayabe e Kameoka foram invadidas e completamente destruídas por policiais. Seu co-fundador, Onisaburo Deguchi, e a esposa, Sumi – segunda líder espiritual da Oomoto –, e todos os diretores foram detidos, brutalmente interrogados e mantidos na prisão durante anos (Onisaburo e Sumi, seis anos e oito meses).

1.2.3 O início das atividades independentes

Quando começaram as atividades terapêuticas no Oojin-do, o tratamento era aplicado, preferencialmente, por Mokichi Okada. Para difundi-las, ele preparou um panfleto

⁵³OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. 1995, p. 362-364.

explicativo, distribuído nas ruas pelos discípulos que o acompanhavam desde a Oomoto.

Nele se dizia:

O Tratamento Espiritual de Digitopuntura no Estilo Okada, iniciado por mim, é uma decorrência da sensibilidade espiritual que repentinamente me foi atribuída há oito anos por Kannon, o qual me deu um grande poder para curar todo e qualquer tipo de doença. Objetivando cumprir a tarefa de corrigir os erros do mundo e salvá-lo, durante estes anos vim aplicando esse poder nos mais variados tipos de doentes, em número superior a mil. Os resultados alcançados foram verdadeiramente surpreendentes: as enfermidades mais sérias, os casos mais graves, como milagres de Deus, foram completamente curados. (...)

Instalei um centro terapêutico em Koji, no centro da cidade imperial, e almejo alcançar o meu objetivo de salvar o mundo [...]⁵⁴

Além de uma breve apresentação, no referido panfleto, estavam descritos a quantidade média de aplicações necessárias para se obter a cura de 53 tipos de enfermidades (por exemplo: gripes, catarro intestinal, dores de dente ou de cabeça, dentre outras, de uma a três aplicações; paralisia infantil, tifo intestinal, cefaleia crônica, pneumonia etc., de três a sete aplicações; diabetes, asma, problemas nos rins ou no fígado, entre outros, de cinco a quinze aplicações; a quantidade de aplicação para a cura de males como tuberculose pulmonar, tumores, doenças cardíacas, entre outros, seria definida de acordo com diagnóstico feito pelo próprio mestre terapeuta); os horários de atendimento (na clínica, das 9 às 15 horas; visitas para aplicação do tratamento, entre as 15 e 18 horas) e o valor de cada aplicação (na clínica, primeira vez, 2 ienes, a partir da segunda, um iene; no caso de

⁵⁴FMO-MOA; 2003 (a), p.355

visitas domiciliares, primeira vez, 10 ienes, a partir da segunda, 5 ienes⁵⁵.) (OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. 1994, p. 19-21).

Três meses após começar o trabalho no centro terapêutico, Okada foi intimado a prestar depoimento, em 28 de agosto, na delegacia do bairro. Logo após esclarecer a natureza do seu trabalho, foi liberado; porém, ele sabia que estava sob a mira da polícia. Em 15 de setembro do mesmo ano, desliga-se formalmente da Oomoto, o que não mudou o fato de ele continuar sendo vigiado pelas autoridades: uma vez oomotano, sempre suspeito, principalmente, se estivesse atuando em algum movimento ideológico.

Enquanto desenvolvia as atividades terapêuticas no Oojin-do, preparava-se para instituir a *Dai Nippon Kannon*⁵⁶ Kai – instituição que se tornaria a matriz da Igreja Messiânica Mundial. Desde sua instituição até a fundação da IMM, *constituição* e *dissolução*, do ponto de vista organizacional, são constantes nas atividades religiosas de Mokichi Okada. Foram, ao todo, constituídas e dissolvidas seis principais organizações, além de outras secundárias: 1) *Dai Nippon Kannon Kai* (Associação Kannon do Grande Japão): de 1º janeiro de 1935 a 1º de julho de 1936; 2) *Dai Nippon Kenko Kyokai* (Associação Japonesa de Saúde): fundada em 15 de maio de 1936 e dissolvida em 28 de julho do mesmo ano; 3) *Nippon Joka Ryoho Fukyu-kai* (Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação): de 11 de fevereiro de 1947 até, provavelmente, 30 de agosto; 4) *Nippon Kannon Kyodan* (Igreja Kannon do Japão): instituída em 30 de agosto de 1947 e dissolvida em 4 de fevereiro 1950; 5) *Nippon Miroku Kyokai* (Igreja Miroku do Japão): instituída em 30 de outubro de 1948 e dissolvida em 4 de fevereiro de 1950; 6) *Sekai Meshiya Kyo* (Igreja Messiânica Mundial): fundada em 4 de fevereiro de 1950 a partir da dissolução e da fusão

⁵⁵A título de informação, na época, o salário inicial de um funcionário público era, aproximadamente, 75 ienes, e o preço do saco de 10 kg de arroz, 2,50 ienes.

⁵⁶A palavra *Kannon* é a forma contraída de *Kanzeon*.

das igrejas *Kannon* do Japão e *Miroku* do Japão. Foi renomeada *Sekai Kyusei Kyo* em março de 1957.

1.2.4 A Dai Nippon Kannon Kai (Associação Kannon do Grande Japão)

A *Dai Nippon Kannon Kai* era uma associação de cunho religioso que não chegava a ter *status* de religião. O alvo da fé era Kanzeon Bosatsu⁵⁷ e o objetivo era a construção do Mundo da Grandiosa Luz (*Komyo Sekai*), o Paraíso Terrestre – isento de doença, miséria e conflito. Por intermédio da luz e dos ensinamentos de *Kannon*, os aspectos equivocados do mundo contemporâneo seriam corrigidos e promover-se-ia a união harmoniosa entre as civilizações do Ocidente e Oriente. A este respeito, Mokichi Okada dirigiu as seguintes palavras aos cerca de 150 fiéis que participaram da sua cerimônia de inauguração:

[...] A civilização oriental é espiritual e vertical, e a civilização ocidental é material e horizontal. [...] A sua união, no final, é a Providência de Deus. O ponto de união é o Japão, e a hora da união é a partir deste momento. É como se formar um casal. O noivo, chamado Oriente, e a noiva, chamada Ocidente, se casam, e o padrinho de casamento é Kannon. A criança que nascerá dessa união é a “Verdadeira Civilização”, o “Mundo Ideal”, tão esperado pela humanidade — o Paraíso Terrestre, o Mundo de Miroku. O poder, nunca visto antes, que executará a grande tarefa de promover esse casamento, fazendo nascer uma criança bela e perfeita, é, em suma, o Poder Kannon. (FMO-MOA, 2003 (a), p. 35.).

A concretização desse mundo paradisíaco, afirmou Okada durante esse discurso, se dará a partir da salvação da menor unidade da sociedade, o indivíduo, pois ele é o ator dessa concretização.

⁵⁷Nas escrituras budistas, Kanzeon Bosatsu (*Kannon*) era considerado como a materialização da ilimitada piedade que faz a salvação ansiada pelo povo. Entretanto, para Mokichi Okada, “ele não é outro senão o Ente Absoluto, fonte de todas as divindades, Deus Salvador que deseja vivificar todos os seres.” (FMO-MOA, 2003 (a), p. 37-40.)

A divulgação da obra religiosa de Mokichi Okada, desde o início, se desenvolveu, principalmente, de duas maneiras: a divulgação boca a boca do poder de salvação manifestado por Okada nas curas milagrosas de males tanto do corpo quanto do espírito; e a edição de jornais, revistas e, posteriormente, livros, nos quais publicava os ensinamentos, o significado e os objetivos das suas atividades, as críticas à sociedade etc. Além de servir como meio de comunicação com os membros (fiéis) e de divulgação junto à população em geral, as publicações, segundo Okada, tinham outra função ainda mais importante: polir a espiritualidade dos leitores. Isto porque nelas estava contida a verdade que lhe fora revelada por Deus e que ora compartilhava com todos.

Quando a *Dai Nippon Kannon Kai* foi instituída, além de Okada, somente treze diretores podiam aplicar o “método de salvação”. No intuito de ampliar seu trabalho, o fundador decidiu conceder a toda pessoa, desde que ela assistisse ao curso de preparação e recebesse o talismã, a permissão para aplicar o método. É o início da democratização da aplicação do método de salvação proposto por Mokichi Okada. É observada, nesse momento, uma importante mudança na maneira de aplicar esse método. Até então, para aplicá-lo, os treze discípulos utilizavam um papel ou leque chamado *miteshiro*, confeccionado por Okada. *Miteshiro*, literalmente, significa “substituto da mão”. Neste caso, da mão de Mokichi Okada, o único que aplicava o método diretamente com as mãos, sem utilizar nenhum instrumento. A partir da mudança, não mais seriam utilizados os *miteshiro*. As pessoas habilitadas a aplicar o método passaram a fazê-lo diretamente com as mãos, desde que estivessem usando, pendurado ao pescoço, o talismã confeccionado com as caligrafias escritas por Mokichi Okada. Para formar o maior número possível de elementos humanos, abriu, em 4 de junho de 1935, o Curso de Terapia Japonesa, que consistia na observação de práticas do método que mais tarde foi chamado de *johrei* e no

estudo da *Apostila da Terapia Japonesa*. Esta foi fruto do projeto de estabelecimento e sistematização do princípio da cura por meio do espírito divino e da fé intuído, pesquisado e praticado por Mokichi Okada sob o nome de “Tratamento Espiritual de Digitopuntura no Estilo Okada”. Por meio desta informação, percebe-se que as atividades da *Kannon Kai* são uma extensão do trabalho que vinha sendo realizado no centro terapêutico, porém, com uma ênfase um pouco mais religiosa, característica acentuada ainda mais a partir de 15 de julho do mesmo ano, quando foi criado o Curso Kannon, ministrado em sete aulas. Na ocasião, Mokichi Okada afirmou:

Explanarei algo que não existe em nenhuma religião ou organização similar.

Trata-se do verdadeiro aspecto da execução do Plano de Deus para o Céu e a Terra.

Vou esclarecer, em todos os sentidos, que Deus construirá o Mundo de Luz por meio desta Igreja⁵⁸. (FMO-MOA, 2003 (a), p. 52-53).

Transcrevo o quadro⁵⁹ com as datas, conteúdo das aulas e o número de pessoas que participaram do primeiro curso, ministrado por Mokichi Okada pessoalmente. A partir da segunda turma, ele nomeou sete de seus discípulos mais próximos para ministrarem o curso como seus auxiliares.

DATA	CONTEÚDO	Nº DE ALUNOS
15/7/1935	1ª aula - O objetivo de Deus Supremo e o verdadeiro aspecto da execução do Seu Plano para o Céu e a Terra.	114
25/julho	2ª aula - A origem da Religião e a vinda do Salvador.	127
5/agosto	3ª aula - A verdadeira natureza de Kanzeon Bosatsu.	112
15/agosto	4ª aula - A realidade dos Mundos Divino, Espiritual e Material	123
25/agosto	5ª aula - A essência do Bem e do Mal e a construção do Mundo de Luz.	120
5/setembro	6ª aula - A missão do Japão e dos outros países.	140

⁵⁸ A tradução fiel do original em japonês seria “por meio da Kannon Kai (Associação Kannon)”.

⁵⁹ FMO-MOA, 2003 (a), p.53.

15/setembro	7ª aula - A doença; princípios e métodos infalíveis para se obter a saúde.	
-------------	--	--

Quadro: Curso Kannon

Os resultados desta abertura foram imediatos. O número de membros associados que, em maio de 1935, era aproximadamente duzentos, em apenas três meses, desde o início do Curso Kannon, em julho do mesmo ano, elevou-se a seiscentos, e o número de filiais, de quatro, passou a onze. A sede da associação tornou-se pequena e fez-se necessária a mudança para um lugar bem maior, situado no subúrbio de Tóquio, às margens do rio Tamagawa (FMO-MOA, 2003 (a), p.63).

No culto mensal do mês de setembro daquele ano, durante a palestra, Okada fez o seguinte relato aos presentes:

Quando vi o local, minha surpresa foi enorme. Era tão magnífico, que fiquei paralisado. Exclamei, então: É esse! Já estava preparado por Deus! Situa-se no ponto mais alto da região, possuindo um jardim de formato esplêndido; sua área é de 25 mil metros quadrados. Mais da metade do terreno (cerca de 16 mil metros quadrados) é muito boa. Daí se avista, logo abaixo, um pomar de pêssegos, seguido de um arrozal. Mais adiante fica o Rio Tamagawa, dando para se ver uma ponte a partir da qual se sucedem várias colinas dos campos de Mussashi. Posso afirmar que não há, na cidade de Tóquio, outro lugar com um panorama tão magnífico como esse.⁶⁰

Para Okada, o *Gyokusen-Kyo* (Terra de Tamagawa), nome atribuído ao local onde foi instalada a Sede Geral da *Dai Nippon Kannon Kai*, era a flor do Paraíso, como demonstra esse poema de sua autoria:

⁶⁰ FMO-MOA (Ed.) Luz do Oriente: Biografia de Mokiti Okada - Vol. 2. 2ª ed. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (a), p. 60.

*O Gyokusen-Kyo ,
Favorável à lua, à flor e também à neve,
É a Flor do Paraíso.*

No entanto, ainda não se vê aqui a ideia de “protótipo do Paraíso”, tão presente na obra de Mokichi Okada. A leitura dos registros das palestras de Okada à época da aquisição deste imóvel e da inauguração da nova sede sugere que, àquela altura, ele ainda não tinha em mente construir protótipos do Paraíso Terrestre, pois não há nenhum comentário sobre a intenção de fazer daquele lugar um modelo. Conclui-se, portanto, que foi depois que ele se mudou para lá, que essa ideia amadureceu.

O *Gyokusen-Kyo* não era apenas a Sede Geral da *Dai Nippon Kannon Kai*. Ele tornou-se também a residência da família Okada. E a mudança para este local foi fundamental para a ampliação do escopo da obra religiosa de Mokichi Okada. É de se pensar que o ambiente do local, propício à prática da agricultura, mesmo que em escala doméstica, ao cultivo das flores, à criação de galinhas e à contemplação da natureza, fora decisivo para a elaboração do princípio da Agricultura Natural. O fato de sair ao jardim e ter sempre à mão flores e galhos em abundância, certamente, contribuiu para que Okada se dedicasse à prática da *ikebana* e, posteriormente, desenvolvesse uma doutrina de salvação por meio do belo, que tem a flor como elemento básico. Conclui-se que, ao deixar o centro de Tóquio e se mudar com a família para o subúrbio de Tamagawa, a vida de Mokichi Okada tornou-se mais integrada e diretamente influenciada pela Natureza, o que, por sua vez, influenciou imensamente sua obra.

Após a mudança para Tamagawa, o Movimento Kannon, como também eram conhecidas as atividades da *Dai Nippon Kannon Kai*, ganhou mais vigor ainda. Consequentemente, aumentou a vigilância por parte das autoridades.

1.2.5 A Nippon Joka Ryoho Fukyu-kai (Associação de Divulgação da Terapia

Japonesa de Purificação)

Ciente de que se encontrava na mira das autoridades e também preocupado em possibilitar o acesso à salvação ao maior número de pessoas possível, independentemente de suas convicções ideológicas, Okada decidiu instituir, em 15 de maio de 1936, a *Dai Nippon Kenko Kyokai* (Associação Japonesa de Saúde) – uma organização com propósitos terapêuticos sem ênfase nas práticas religiosas. Seu objetivo principal era, apontando as falhas da medicina ocidental, desenvolver um método de saúde apropriado ao povo japonês e solucionar seus problemas nessa área. Para tanto, planejava-se, inclusive, a abertura de hospitais, seguindo a legislação vigente. Para se tornar um associado, a pessoa deveria pagar uma taxa de inscrição no valor de 50 centis. Em contrapartida, ela recebia um exemplar do livro “Medicina do amanhã”. O valor da mensalidade era 30 centis, que dava ao associado o direito de receber a revista *Kenko* (Saúde), cujos textos Mokichi Okada assinou com o pseudônimo Jinsai. Àqueles que contribuíam de uma maneira mais efetiva para com o desenvolvimento da Associação, oferecendo, mesmo que esporadicamente, quantias acima de cem ienes, era atribuído o título de “patrocinador”. Os patrocinadores, além de terem assistência (terapêutica) para si, recebiam assistência e orientações de saúde para toda a família. A sede da Associação foi instituída em *Koji*, na sede de Tóquio da *Dai Nippon Kannon Kai*. (extraído do texto do estatuto da Associação, publicado no primeiro volume da revista *Kenko*⁶¹.)

Devido à intensificação da hostilidade das autoridades para com a *Dai Nippon Kannon Kai*, Okada viu-se obrigado a dissolvê-la. Isto ocorreu em 1º de julho de 1936.

⁶¹OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. *Okada Mokichi Zenshu* - kowa hen. [Obra Completa de Mokichi Okada - Palestras]. Vol. 2. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1998 (a), p. 399.

Impedido de dar continuidade às atividades religiosas, Mokichi Okada passa, então, a se dedicar com todo empenho às atividades terapêuticas da *Dai Nippon Kenko Kai*. Durante um curso especial de verão sobre as técnicas do tratamento de doenças no Estilo Okada, ele criticou duramente a medicina ocidental, apontando-lhe os erros. O conteúdo deste curso chegou aos ouvidos da Polícia Metropolitana e, em 28 de julho, foi baixada uma ordem proibindo a prática de tratamentos. Com esta ordem, a *Dai Nippon Kenko Kai* também foi dissolvida.

Uma semana depois, Okada foi intimado a prestar depoimento na delegacia da cidade de Omiya, onde havia uma filial da *Dai Nippon Kenko Kai*, sob a acusação de estar contrariando a Lei da Medicina. Ficou detido por um dia e, em seguida, liberado. Poucos dias depois, foi intimado novamente, desta vez, porém, pela delegacia de Tamagawa, na qual ficou detido durante 10 dias. A razão alegada pelos policiais foi obstrução da medicina. No entanto, isto foi somente um pretexto. A real intenção das autoridades era investigar a relação entre a *Kannon Kai* e a Oomoto. A casa da família fora toda revistada e todos os documentos e objetos relacionados à Oomoto, confiscados e levados como provas.

Em agosto de 1936, para diminuir a atenção das autoridades sobre si, Okada modificou o nome do local que servia como sede geral de suas atividades. Abandonou o nome Gyokusen-Kyo (Terras de Tamagawa), de apelo ligeiramente religioso, e adotou o nome Hozan-So (Solar da Montanha Preciosa), absolutamente laico. Afastado das atividades terapêuticas e religiosas, durante um ano, aproximadamente, conseguiu tempo para se dedicar à pintura de imagens coloridas de *Kannon*. Para todos os efeitos, esta atividade não era religiosa, contudo, artística. Neste ínterim, confeccionou cem imagens, que foram vendidas a 50 ienes cada (FMO-MOA, 2003 (a), p. 83-84). O dinheiro arrecadado com

essas vendas, certamente, foi muito importante para que Okada pudesse manter, não só a família, mas também o considerável número de dedicantes e até de doentes que se hospedavam no Hozan-So.

No campo político-social, a sociedade japonesa assiste à ascensão dos militares ao governo e à aproximação do país com a Alemanha de Hitler, em 1936. No ano seguinte, eclode a Segunda Guerra Sino-Japonesa e, em 1941, após o ataque do Japão aos Estados Unidos da América em Pearl Harbor, o conflito, que se localizava na Europa, tomou proporções mundiais, transformando-se na Segunda Grande Guerra.

Um ano após ser proibido de desempenhar as atividades terapêuticas, graças à intervenção do general-de-exército, Saburo Yasumi, o qual tivera a filha curada por Mokichi Okada, e à colaboração de Tago Ichimin, que posteriormente se tornou ministro da Agricultura, a ordem de proibição fora anulada e Okada e seus discípulos puderam voltar a praticar os tratamentos. Pressionado pelas autoridades a escolher entre atuar como religioso ou terapeuta, optou pelo segundo.

O número de pessoas que vinham em busca de tratamento crescia a cada dia e, proporcionalmente, aumentava o número daqueles que, movidos pelo sentimento de retribuir o grande bem recebido, tomavam a decisão de seguir a carreira sacerdotal assumindo todos os riscos da época.

Okada atendia, por ordem de chegada, sem discriminação, pessoas de todas as classes sociais. A frequência ao Hozan-So cresceu tanto que foi necessário adotar o sistema de distribuição de senhas. Diante da situação, mais uma vez, as autoridades começaram a pressionar. Conforme aumentava a presença de policiais no Hozan-So, diminuía o número de pessoas que vinham em busca do tratamento. Em 28 de novembro de 1940, Okada foi

detido durante três dias, acusado de infringir a Lei de Medicina. Antes de receber nova proibição, comprometeu-se a abandonar a prática da terapia.

O Fundador gozava de grande fama entre as pessoas influentes, de modo que, embora ele tivesse entregue o pedido de extinção de atividades, políticos, empresários, militares e pessoas de suas famílias continuavam indo ao Hozan-So em busca de Johrei. Entre essas pessoas, estava, por exemplo, a esposa do Almirante Nobumassa Suetsugu, além da esposa de Fumio Goto⁶² [...]. Não podendo atendê-las, por estar proibido de exercer a terapia, o Fundador desculpava-se, dizendo: “No momento, minhas atividades estão suspensas e, por isso, não posso fazer tratamentos. Se quiserem mesmo que eu faça, obtenham a permissão da Polícia Metropolitana e eu as atenderei a qualquer hora.” Então, essas pessoas se dirigiram àquele órgão, e como elas eram muito influentes, seus pedidos não puderam ser recusados. Depois de muitos apuros, foi comunicado ao Fundador que entregasse o “Pedido de Prática de Tratamento”. Isso aconteceu em 1941. Assim, ele passou a ministrar Johrei, mas a um limitado número de pessoas. (FMO-MOA, 2003 (a), p.104).

Em 23 de dezembro de 1940, quando completou cinquenta e oito anos de idade, Okada promoveu uma grande mudança no sistema de sua obra. A partir desta data, deixa a linha de frente da difusão a encargo de seus discípulos, permitindo-lhes, inclusive, a outorga dos talismãs.

Okada era um otimista. Sempre procurava enxergar as adversidades por um lado positivo. Neste episódio, ao se ver cerceado de realizar seu trabalho, interpretou o fato como uma evolução e não um retrocesso.

⁶²Ministro do Interior no governo do primeiro-ministro Keisuke Okada, em 1936.

Para driblar as autoridades, ao invés de receber seus seguidores em grande número no Hozan-So, passou a encontrar-se com eles em restaurantes, na forma de jantares de confraternização. Nessas ocasiões, além de se confraternizarem de fato, eram realizadas palestras nas quais ele transmitia seus ensinamentos aos participantes.

Se a experiência da pobreza, vivida por Okada durante a infância e parte da juventude, ensinou-lhe o valor do dinheiro, o quanto é motivo de gratidão tê-lo em mãos e como é repreensível o desperdício, as dificuldades financeiras enfrentadas durante o tempo em que ficara proibido de realizar suas atividades entre 1936 e 1937 tiveram também um papel importantíssimo em sua obra. Para suprir uma parte da alimentação da família e dos dedicantes, começou a criar galinhas e a cultivar verduras e legumes no quintal.

Inicialmente, fora utilizado o método convencional, mas os resultados não foram satisfatórios. Então, Okada começou a aplicar e experimentar os princípios da Agricultura Natural que ele mesmo havia apresentado durante o Curso *Kannon*.

Ao ser impedido pelas autoridades de realizar suas práticas terapêuticas, Mokichi Okada ganhou tempo para, entre outras coisas, realizar diversos experimentos, especialmente, no campo da agricultura. Foi nesta época que ele pesquisou diversas técnicas e estabeleceu o método da Agricultura Natural.

Conforme observou Michio Araki⁶³, o mundo religioso de Mokichi Okada tornou-se mais rico e profundo graças à experiência de superar as pressões das autoridades. Durante os vinte e um anos de atividade como líder religioso – desde a abertura do centro terapêutico no Oojin-do, em 1934, até sua morte, Okada foi obrigado a aguçar a sensibilidade e usar a criatividade para superar os obstáculos que lhe foram impostos (ARAKI, 1994).

⁶³Cientista da religião, professor da *Tsukuba University* e membro da Comissão Editorial da coletânea Obra Completa de Mokichi Okada.

1.2.6 A *Nippon Joka Ryoho Fukyu-kai* (Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação)

Desde o início de suas atividades, em 1934, até a instituição da *Nippon Kannon Kyodan*, em 1947, Okada fora pressionado por um desafio: posicionar seu trabalho dentro de um campo de ação conhecido. Terapia ou religião? Ao longo desse tempo, seu posicionamento oscilou entre um campo e outro, de acordo com as circunstâncias. Na verdade, aplicou durante todo esse tempo uma de suas máximas: “*Tudo, na vida humana, principalmente a nossa fé, tem de ser versátil (“enten-katsudatsu”), livre e desimpedido (“jiyu-mugue”)”. Assim, sem se prender a uma determinada forma, procurou o caminho que lhe permitiria atuar melhor naquele momento. Devido à natureza do seu trabalho ser essencialmente religiosa, por estar alicerçada em revelações divinas e na fé, procurou atuar no campo religioso. Contudo, ao perceber o caminho se fechando em virtude da intensificação da perseguição às religiões, viu a possibilidade de atuar com um pouco mais de liberdade inserindo-se no campo das terapias alternativas. E assim o fez. Mokichi Okada não só entrou para esse campo, engajado, como chegou a se tornar conselheiro da Associação dos Terapeutas de Tóquio, criada em 3 de novembro de 1946⁶⁴. Na cerimônia de inauguração desta associação, proferiu as seguintes palavras:*

Minhas congratulações por ocasião da criação da Associação de Terapeutas de Tóquio (...) Como todos sabem, no que concerne à Medicina, até hoje preponderaram duas correntes: a medicina ocidental e a fitoterapia chinesa. Nunca existiu uma verdadeira medicina japonesa. Neste sentido, creio que seria muito bom que nascesse, ou melhor, é imprescindível que surja uma medicina japonesa. E não tenho dúvida de que isto se dará por meio do aperfeiçoamento e

⁶⁴Sobre a relação de Mokichi Okada e as terapias alternativas do Japão, consultar TANABE 1997 e 1998.

consolidação das terapias populares que vemos hoje. O mundo só progride quando surgem novas culturas excelentes. Sendo assim, meu maior desejo é que os senhores dêem [*sic*] origem a uma medicina que possua o verdadeiro poder de cura. (...)”⁶⁵

Com o fim da Guerra em 1945 e a promulgação da nova Constituição em 1947, finalmente, o Japão se tornou uma democracia. Apesar da Lei da Liberdade Religiosa ter sido promulgada em 28 de dezembro de 1945, Okada não registrou sua instituição como religião de imediato. Preferiu permanecer como estava e fundar, em 11 de fevereiro de 1947, a Associação Terapêutica *Nippon Joka Ryoho Fukyu-kai* (Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação). A partir de então, as atividades terapêuticas que seus discípulos vinham desenvolvendo individualmente, sob o nome “Tratamento de *Shiatsu* no Estilo α ” (α corresponde ao sobrenome do discípulo responsável pela unidade), foram unificadas em torno da associação recém-criada, cujo presidente era Mokichi Okada.

Entretanto, em março do mesmo ano, o universo das práticas terapêuticas sofreu um grande impacto, causado pelo relatório do Conselho do Sistema de Saúde, que proibiu a prática de toda e qualquer atividade análoga à medicina. Contudo, àqueles que já vinham desenvolvendo esse tipo de atividade seria concedida autorização para atuarem até 1955, desde que dessem entrada com um pedido especial de concessão.

1.2.7 A Nippon Kannon Kyodan (Igreja Kannon do Japão)

Na literatura disponível, não há registros claros sobre o assunto, porém, é possível imaginar que esta situação contribuíra para que, em agosto do mesmo ano, Mokichi Okada instituísse,

⁶⁵TANABE, Shintaro. Okada Mokichi Zenshu – Kowa hen dai ikkan kaisetsu [Comentários sobre o 1º volume da coleção de palestras da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – kowa hen dai ikkan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 22** [Suplemento do 1º volume da coleção de palestras da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 22]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1997. p.18.

finalmente, a religião *Nippon Kannon Kyodan* (Igreja Kannon do Japão), que três anos mais tarde, passaria a se chamar *Sekai Meshiya Kyo* (Igreja Messiânica Mundial). Mesmo que essa denominação não lhe parecesse a mais correta, a seu ver, era a mais apropriada. Sobre isso registrou:

[...] quero, antes, esclarecer que a nossa Igreja não é pura e simplesmente uma religião. Em parte, a Religião está incluída nela, mas é óbvio que não constitui o seu todo. Então, poderão me perguntar por que lhe dei esse nome. Foi por não ter alternativa, uma vez que se trata de uma obra de salvação inédita, nunca sequer imaginada, em toda a história da humanidade. Ao invés de dar-lhe outro nome, achei que esse era mais compreensível e familiar; entretanto, para ser fiel à verdade, nossa Igreja é uma religião que supera a Religião, ou seja, é uma Ultra-religião[*sic*] [...] (FMO-MOA, 2003 (b), p. 259).

[...] que abarca todos os campos da atividade humana e que poderia ser denominada Empresa Construtora do Novo Mundo. Entretanto, como isso pareceria fachada de alguma construtora civil, o jeito é chamá-la, por enquanto, Igreja Messiânica Mundial. (FMO-MOA, 2003(d), p.11).

Quando a Igreja Kannon do Japão fora instituída, Mokichi Okada, seguindo a determinação do Ministério da Educação e Cultura⁶⁶, estabeleceu o sistema matriz-filiais independentes. Inicialmente, eram oito filiais, cada uma constituindo uma pessoa jurídica diferente e, no ano seguinte, foi instituída mais uma. As unidades de atendimento, que à época da *Nippon Joka Ryoho Fukyu-kai* (Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação) eram

⁶⁶Mokichi Okada mencionou este fato quando respondia à carta de um fiel, em 18 de abril de 1948, na qual era questionado sobre o sistema de filiais independentes (分会分立) e a disputa interna que ele ocasionava. In OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. Okada Mokichi Zenshu - kowa hen. [Obra Completa de Mokiti Okada - Palestras]. Vol. 1. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1997.

chamadas de centros terapêuticos, passaram a ser chamadas de centros de orientação. Estes, por sua vez, passaram a ficar ligados às nove igrejas filiais, a saber: Igreja Miroku, Igreja Tengoku, Igreja Daiwa, Igreja Showa, Igreja Shinshin, Igreja Meshiya (Koho), Igreja Ko-no-Hana e Igreja Jitsuguetsu. Fora adotado o sistema de associação e cada membro associado deveria pagar uma mensalidade de trinta ienes. Fora estabelecida também uma hierarquia clerical: *kyoshi* (ministro dirigente), *kyoshiho* (ministro adjunto), *kyodoshi* (orientador) e *kyososhiho* (orientador adjunto). Atualmente, a hierarquia é composta pelos seguintes níveis: *kyoshi* (ministro dirigente), *kyoshiho* (ministro adjunto) e *jokyoshi* (ministro assistente).

Além destas, houve mudanças ainda mais profundas:

[...] as atividades de salvação foram totalmente reformuladas. Na nova organização, que iniciou suas atividades como religião, o Johrei até então denominado “tratamento”, passou a ser chamado de “Purificação” e, logo a seguir, de “Johrei”. Quanto ao talismã, este passou a ter as palavras “Hikari” (Luz), “Komyo” (Luz Intensa) e “Dai-Komyo” (Luz Muito Intensa) escritas verticalmente. A partir de janeiro de 1948, começou a ser entoada a oração Zenguen-Sanji e também os salmos.

Foi nessa ocasião também que, por determinação do Fundador, os fiéis passaram a dirigir-se a Deus, diante de Sua Imagem, pelo nome Miroku Omikami. Na Imagem de Deus estava escrito “Dai-Komyo Nyorai” (Divindade de Luz Muito Intensa); mais tarde, na época da Segunda Líder Espiritual, essas palavras foram mudadas para “Dai-Komyo-Shinshin” (Deus Verdadeiro de Luz Muito Intensa). Isso significa que, desejando a salvação da humanidade, Deus, Criador do Universo, que descera até a posição de Bossatsu e se manifestara sob o nome de

Kanzeon Bossatsu, finalmente retornava à sua posição original e começava a atuar para desenvolver a grande obra da salvação. (FMO-MOA, 2003 (a), p. 183.). Com todas essas mudanças, os membros que eram apegados à terapia popular denominada Tratamento da Purificação por Digitopuntura vacilaram.

Aqueles que pensavam unicamente em solucionar os seus próprios problemas, sentiram muita insegurança ao ouvirem falar do ideal de salvar a humanidade e transformar a Terra num paraíso. Entre as pessoas que se limitavam a pensar no Johrei como um tratamento, não conseguindo reconhecer a existência de Deus e o eu amplo desejo de salvação, muitas interpretaram que tinham sido enganadas, quando se revelou seu aspecto religioso. Quanto aos intelectuais, havia os que, embora comprovando a grandiosidade do Johrei, achavam incoerente reconhecer nele o Poder Divino, uma vez que tinham uma visão materialista do mundo. Havia, ainda, aqueles para os quais era embaraçoso, perante a sociedade, ter ligação com uma religião nova. Assim, quando foi instituída a Igreja Kannon do Japão, muitos membros da Associação de Divulgação da Terapia Japonesa de Purificação se afastaram. (FMO-MOA, 2003 (a), p. 183-184).

Apesar do grande número de desligamentos, o número de novos membros também crescia. Em apenas dois anos, esse número passou de algumas centenas para dezenas de milhares, sendo que, em 1949, depois que Mokichi Okada concedeu autonomia à Igreja Miroku – que passou a se chamar *Nippon Miroku Kyo* (Igreja Miroku do Japão), ultrapassou-se a casa de cem mil pessoas. Além disso, em um curto espaço de tempo, a igreja expandiu-se por todo o país.

Na época, as igrejas regionais tinham Mokichi Okada como centro, porém, existia uma grande rivalidade entre elas, fosse no aspecto de difusão, doutrinário ou organizacional. A

Igreja Miroku (dirigida por Shibui Sosai), que apresentava o melhor resultado na difusão, e a Igreja Tengoku (dirigida por Nakajima Isai), que apoiava toda a igreja no aspecto estrutural, eram as mais representativas. Sob a liderança de Shibui Sosai, a Igreja Miroku apresentou resultados impressionantes quanto à difusão do *johrei* em escala nacional e se transformou, rapidamente, em uma grande igreja. No que diz respeito à difusão, ela mostrou rapidamente grandes resultados conseguindo formar muitas pessoas e angariar muitos donativos. Porém, sua expansão vertiginosa acabou dando origem ao problema de sonegação de impostos em razão de erros na contabilidade, o que foi o gatilho da perseguição religiosa sofrida posteriormente (ARAKI, 1995, p.24).

Com a promulgação da Lei das Pessoas Jurídicas de Natureza Religiosa, o Japão assistiu a um *boom* de novas religiões. Muitas, como a *Kannon Kyodan*, vinham atuando há tempo, mas não podiam se apresentar como religião; outras vinham atuando sob o manto de religiões tradicionais para escaparem às perseguições; agora, por meio de um processo muito simples – no qual era dispensada a aprovação do governo, desde que todos os documentos requisitados fossem apresentados –, todas elas poderiam ser reconhecidas legalmente e agir com liberdade. Entretanto, como as religiões são organizações sem fins lucrativos e, portanto, possuem isenção de impostos, foram criadas muitas religiões de fachada, com finalidades absolutamente desonestas, que acabaram acarretando grandes transtornos à sociedade.

A consequência deste fato foi o aparecimento de uma crescente desconfiança e de uma hostilização por parte da sociedade para com as novas religiões. E a *Nippon Kannon Kyodan* não foi exceção. Seu rápido crescimento chamava atenção. Um fato, porém, foi decisivo para que a Igreja recém-criada e seu fundador passassem a ser alvos, como denominou a Igreja, de uma intensa perseguição religiosa, que culminaria na prisão de

Mokichi Okada em 29 de maio de 1950.

Em 1948, a Igreja foi alvo de uma dura investigação do Ministério da Fazenda, sob a suspeita de ter sonegado na declaração de imposto de renda da Igreja relativa ao ano-base de 1947. Mediante a comprovação de que o erro na declaração não fora intencional, o caso fora resolvido mediante o pagamento de uma multa, sem maiores complicações. No entanto, para a imprensa, o assunto era motivo para numerosas críticas. E, desde então, dentre outras coisas, começaram a ser divulgadas pelos meios de comunicação de massa, inclusive pelos grandes jornais e até pela rádio estatal NHK, notícias e informações falaciosas, geralmente afirmando que a Igreja tinha muito dinheiro, que enganava as pessoas e que era supersticiosa. O *johrei* e o método da Agricultura Natural também foram duramente criticados. Mokichi Okada tinha plena consciência de que grandes inovações são sujeitas a grandes críticas, porém, não se intimidou e utilizou amplamente os veículos de comunicação da Igreja para responder, da maneira mais civilizada possível, a tais críticas e calúnias, ressaltando a falta de ética e de compromisso com a verdade daqueles meios de comunicação.

Se, por um lado, a grande exposição na mídia desgastava a imagem da Igreja como um todo e de seu fundador, por outro, serviu também para difundi-la, despertando em muitas pessoas a curiosidade para conhecê-la, contribuindo, assim, para sua difusão e crescimento.

Nessa época, quem mais formava novos membros e angariava donativos era a Igreja Miroku⁶⁷ (que se tornara, do ponto de vista administrativo, independente da *Kannon Kyodan*, mas que continuava atuando centralizada em Mokichi Okada). Todavia, do ponto de vista administrativo, não era bem organizada. A Igreja Tengoku (que continuava atuando como a mais influente igreja filial da *Kannon Kyodan*), era bem estruturada, mas não

⁶⁷Na época, 80% dos seguidores de Mokichi Okada estavam ligados a ela.

expandia a contento. Diante de tal situação, Mokichi Okada aconselhou a dissolução das igrejas *Kannon* do Japão e *Miroku* do Japão, para fundi-las e constituir uma nova organização: a *Sekai Meshiya Kyo* (Igreja Messiânica Mundial).

1.2.8 A *Sekai Meshiya Kyo* (Igreja Messiânica Mundial)

Analisando os artigos referentes à razão pela qual Mokichi Okada teria denominado a igreja de *Sekai Meshiya Kyo* (Igreja Messiânica Mundial), Shimazono (1996, p. 21-22) comenta:

[...] Até então, a Igreja tinha o nome de “Kanzeon Bossatsu”⁶⁸ (*Nippon Kannon Kyodan*, Igreja Kannon do Japão), mas este possuía um aspecto oriental e búdico, e sua atuação era limitada à ação da Lua. A partir de então, se aproximava o final dos tempos, uma época em que se deveria salvar toda a humanidade e, para tanto, seria necessária uma atividade de âmbito mundial. Além disso, com a transição da era da noite para a era do dia, a atuação divina substituiria a ação búdica, que vinha ocorrendo até então. Nesse caso, não bastaria um deus de aspecto xintoísta e popular, mas o mais elevado Deus, que salva toda a humanidade. *Kanzeon Bossatsu* representava a salvação do bem e do mal sem fazer distinção; porém, a partir de agora, quando o Paraíso Terrestre se aproxima, deve-se separar o bem do mal [...]. O Messias é quem manifestará o poder desta última salvação e está relacionado ao Juízo Final. Além disso, acredita-se que, ao escrever a palavra “messias” com os ideogramas referentes à palavra “salvação” (*kyusei*), porém valendo-se do recurso de forçar sua leitura com a pronúncia *meshiya* (messias), por meio do *katakana* [alfabeto japonês destinado a palavras estrangeiras], Mokichi Okada intencionou mostrar que salvará o mundo, abrangendo o Oriente e o Ocidente. Está expresso o pensamento de que se deve substituir o pensamento

⁶⁸N.T.: O termo *Kannon* é uma abreviação de *Kanzeon*.

restrito ligado ao Japão ou ao Oriente pelo pensamento voltado ao mundo inteiro. A nova Igreja foi instituída em 4 de fevereiro de 1950. Mokichi Okada, que, até então, ocupara a posição de conselheiro, passou a ser o responsável da Igreja na posição de *Kyoshu* (Líder Espiritual). A partir daí, Mokichi Okada passou a ser chamado de Meishu-Sama (Senhor da Luz).

Antes da instituição da Igreja Messiânica Mundial (IMM), do ponto de vista jurídico, cada igreja regional ligada à Igreja *Kannon* do Japão constituía uma pessoa jurídica diferente. Consequentemente, cada uma delas possuía um responsável jurídico diferente. Apesar de todos esses responsáveis terem Mokichi Okada – que até então, ainda era chamado de Dai Sensei (Grande Mestre) – como orientador, do ponto de vista jurídico, ele não estava à frente da Igreja. Ao instituir a IMM, Meishu-Sama assume, do ponto de vista jurídico, a posição de responsável, de representante principal da Igreja e, do ponto de vista religioso, o papel de Líder Espiritual de uma instituição que, a partir daquele momento, dava início a uma nova fase do seu trabalho de salvação da humanidade (RAFFO, 2006).

No que diz respeito à abrangência de seu trabalho, podemos dizer que, enquanto Igreja *Kannon* do Japão, ele estava mais restrito ao Oriente e, com a instituição da IMM, ele passa a ser de âmbito mundial. Segundo Mokichi Okada, a fase que antecedeu a instituição da IMM foi uma preparação.

Dei o primeiro passo em fevereiro de 1928. Faz, pois, exatamente vinte e dois anos. Nesse período, ficaram prontas as obras básicas e, por fim, estou organizando o pessoal, hasteando a grande bandeira da salvação do mundo e começando as atividades propriamente ditas. Ou seja, é como se eu estivesse me preparando no meu camarim e, já pronto, subisse ao palco. (FMO-MOA, 2003 (a),

p. 200).

Uma breve comparação entre os artigos publicados por Mokichi Okada antes e depois da fundação da IMM aponta para uma mudança de enfoque. Antes, mais voltado para o Japão e o seu povo, depois, para o Mundo. Um levantamento minucioso e sistematizado, provavelmente, demonstrará que muitos dos ensinamentos republicados por Mokichi Okada após 1950 receberam alterações justamente dessa natureza.

Com relação à difusão, a partir de 1950, além de difundir a Fé utilizando o *johrei* e as publicações, como vinha fazendo até então, Mokichi Okada decidiu empenhar-se na difusão por meio de palestras para grandes públicos, em auditórios fora da Igreja, em várias partes do país. Foram, no mínimo, onze palestras. Sendo que uma das mais marcantes foi a realizada em 22 de maio de 1951, no Hibiya Public Hall. Isto porque, segundo consta, foi a partir desta palestra que ele começou a falar diretamente à sociedade em geral sobre a essência de seus ensinamentos.

A respeito do conteúdo do discurso de Mokichi Okada nessa época, Shimazono comenta:

Dentre os fundadores das novas religiões que lograram desenvolver-se nesse período, Mokichi Okada se sobressai por pronunciar-se ativamente não só no que se referia às questões religiosas, mas também às questões políticas, artísticas, sociais e de diversas outras áreas. Observando-se as considerações de Mokichi Okada publicadas nos jornais Hikari, Kyusei e Eiko, em 1950, é surpreendente a quantidade de artigos semelhantes a resenhas políticas, culturais e sociais fundamentadas no ideal religioso.

Mokichi Okada possuía, ao mesmo tempo, um vasto conhecimento sobre os diversos fenômenos mundiais que encheriam as páginas dos jornais e revistas, e

uma capacidade de pronunciar-se a partir de uma posição independente. [...] Não é difícil imaginar que, especialmente para fiéis do sexo masculino com grande interesse pela sociedade, tais artigos fossem extremamente atraentes. (SHIMAZONO, 1996, p. 20-21).

A expansão internacional da IMM teve início em 1953, quando Mokichi Okada enviou aos Estados Unidos a ministra Kiyoko Higuchi, que, antes de deixar tudo para seguir a carreira missionária e tornar-se a responsável da igreja Nikko, era professora de inglês da Universidade do Japão, e, como seu assistente, o jovem ministro Haruhiko Ajiki. Em 1954, ao tomar conhecimento de que uma jovem messiânica, de dezoito anos de idade, estava emigrando para o Brasil com o intuito de difundir seus ensinamentos, Mokichi Okada pediu ao responsável pela igreja à qual a jovem estava filiada que lhe entregasse uma imagem da Luz Divina (imagem do altar) e dez talismãs (*ohikari*) para ela levar e outorgar aos membros que fossem formados no Brasil.

Com o falecimento de Mokichi Okada em 10 de fevereiro de 1955, sua esposa, Yoshi Okada, foi acolhida pela diretoria da Igreja como sua sucessora, sendo nomeada Segunda Líder Espiritual (*Nidai Kyoshu-Sama*, ou, simplesmente, *Nidai-Sama*, como ficou mais conhecida).

Antes de sua morte, Mokichi Okada não deixou claramente definido quais deveriam ser os critérios escolhidos para definir seus sucessores. Às pessoas mais íntimas, teria dado a entender que a pessoa mais indicada para sucedê-lo seria a esposa. Todavia, isso não era oficial e, dentre os discípulos mais próximos que ocupavam posições elevadas na hierarquia, começou a surgir um clima de tensão acerca de quem seria o próximo Líder Espiritual. Ciente da gravidade da situação e do perigo que ela representava para o futuro da Igreja, Yoshi Okada tomou a frente e, num gesto de muita determinação e coragem, afirmou aos

diretores da Igreja que o novo líder tinha que ser ela. Para Hayashi Nakai⁶⁹ essa atitude de Yoshi Okada salvou a Igreja de um colapso, pois, naquele momento, em que todos se sentiam meio órfãos, ela se posicionou com a firmeza da mãe que sabe o que é melhor para os filhos, conseguindo mantê-los, quase todos, unidos em torno da causa principal. (Informação verbal)⁷⁰ É verdade que o presidente da Igreja na época, Yoshitaka Kihara, e mais dois responsáveis de igreja não aceitaram o posicionamento de Yoshi e deixaram a Igreja Messiânica para instituírem as suas próprias.

Contudo, não foram somente esses três elementos que se afastaram. O choque causado pela morte do fundador fez com que muitos membros deixassem a fé. No entanto, sob a liderança de Nidai-Sama, a Igreja se reergueu e expandiu. Dentre os principais feitos da Segunda Líder, destacam-se a sistematização da liturgia messiânica, a criação do culto em sufrágio às almas dos antepassados (*Sorei-Saishi*), a edição da coletânea de ensinamentos de Meishu-Sama intitulada *Alicerce do Paraíso* e as orientações sobre a prática da fé direcionadas aos diferentes públicos: ministros, missionários, jovens etc. Suas orientações foram, posteriormente, compiladas na coleção *Fonte da Sabedoria*, constituída de cinco volumes.

A partir de Nidai-Sama, a IMM adotou o critério da consanguinidade para escolher o sucessor do trono de Kyoshu.

Com a morte de Nidai-Sama, em 24 de janeiro de 1962, Itsuki Okada, a terceira filha do casal, assume como Terceira Líder Espiritual (*Sandai Kyoshu-Sama* ou, simplesmente, *Sandai-Sama*), aos 35 anos de idade. Itsuki atuou como Líder Espiritual até o ano de 1998,

⁶⁹Hayashi Nakai serviu diretamente com Meishu-Sama durante os três últimos anos de sua vida e, após sua morte, continuou servindo junto a Nidai-Sama. Exerceu vários cargos executivos dentro da Igreja, com destaque para a função de secretário executivo da comissão editorial que elaborou a coletânea *Reminiscências sobre Mokichi Okada* e a sua biografia, *Luz do Oriente*. Foi o diretor geral da Divisão de Administração e vice-presidente da IMM – Grupo Shinsei.

⁷⁰Informação fornecida por Nakai em entrevista realizada no Solo Sagrado de Atami, Japão, em 21 de junho de 2009.

quando abdicou em favor do sobrinho, Yoichi Okada. Atualmente, é conselheira do Quarto Líder e presidenta da Fundação Cultural e Artística – MOA.

Durante os trinta e seis anos nos quais a Terceira Líder estivera à frente da obra divina, a IMM consolidou-se como uma das dez maiores NRJ⁷¹, dentro e fora do Japão. Em âmbito nacional, passou por uma profunda reforma organizacional, que visou à unificação da Igreja. O novo sistema descontentou a muitos, gerando uma grande tensão que, além de ter ocasionado algumas dissidências, culminou em um cisma, que dividiu a Igreja em três grupos – *Saiken* (Reconstrução), *Shinsei* (Renascimento) e *Goji* (Preservação) – na década de 1980.

No campo cultural, em 1971, foi fundada a Academia Kado Sangetsu, estabelecida com base nos princípios preconizados por Mokichi Okada e na estética de suas *ikebanas*. Em 1982, foi inaugurado o Museu de Arte MOA, na cidade de Atami, junto ao Solo Sagrado. Este museu, assim como o Museu de Arte de Hakone – construído por Mokichi Okada, como parte do Solo Sagrado de Hakone –, preserva e expõe permanentemente o acervo artístico da IMM.

A Agricultura Natural também foi amplamente fomentada por meio do incentivo à pesquisa e da implantação de fazendas experimentais.

Em âmbito mundial, a Igreja expandiu-se em mais de trinta países e construiu dois Solos Sagrados fora do Japão. O primeiro, no Brasil, inaugurado em 1995, e o segundo, na Tailândia, em 1996.

O Quarto Líder Espiritual tomou assento ao *Trono de Kyoshu* em 4 de fevereiro de 1998. Seu principal desafio seria promover a reconciliação dos três grupos cindidos na década

⁷¹Cf. SHIMADA, 2007.

anterior. Em 2000, foi instituído um novo sistema centralizado numa Igreja-Mãe, a *Sekai Kyusei Kyo*, que possui igrejas-filiais. Assim, os grupos *Saiken*, *Shinsei* e *Goji* passaram a ser denominados Igreja Luz do Oriente (*Toho-no-Hikari Kyodan*), Igreja Izunome⁷² (*Izunome Kyodan*) e Igreja Luz Primordial (*Su-no-Hikari Kyodan*), respectivamente; e representantes três igrejas assinaram um acordo de reconciliação, por meio do qual firmaram o compromisso de trabalharem em conjunto, para que, visando à verdadeira unificação da IMM, consigam superar as diferenças de opinião concernentes aos aspectos doutrinários, organizacionais e de difusão.

Para conseguir tal objetivo, o Quarto Líder Espiritual vem orientando espiritualmente os líderes e membros das três igrejas e os resultados já começam a aparecer. Um exemplo é o intercâmbio que vem ocorrendo entre os fiéis das três igrejas por meio da participação em eventos e atividades realizadas em conjunto. Portanto, é grande a expectativa em relação à continuidade do trabalho que vem sido desenvolvido pelo Quarto Líder, *Kyoshu-Sama*.

1.3 A ESSÊNCIA DO CONTEÚDO DOUTRINÁRIO DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL

Os artigos escritos por Mokichi Okada, chamados de ensinamentos pela comunidade messiânica, foram escritos com base nas revelações divinas recebidas e nas experiências vividas por ele.

Este item pretende descrever a essência do conteúdo doutrinário da IMM.

1.3.1 O segredo da felicidade

Mokichi Okada se lançou no mundo da religião, mais especificamente, na Oomoto, em busca da resposta para as perguntas “Por que mesmo sendo uma pessoa honesta, íntegra,

⁷²Izunome remete ao princípio do cruzamento, equilíbrio e harmonia de forças/naturezas opostas, proposto por Mokichi Okada.

bondosa, inteligente, competente e esforçada, não consigo ser feliz?” e “O que é preciso fazer para ser verdadeiramente feliz?”.

No artigo intitulado “Minha natureza” (FMO-MOA, 2003 (d)), Okada afirma ter se tornado uma pessoa verdadeiramente feliz e atribui a causa de tamanha felicidade ao fato de estar se dedicando dia e noite ao cumprimento da missão que recebera de Deus – conduzir a humanidade pelo caminho da salvação e compartilhar com todos a capacidade de salvar que lhe fora outorgada pelo Criador –, obtendo excelentes resultados.

Em outro artigo, conclui:

[...] para ser feliz, é necessário crer em Deus Absoluto, adorá-Lo, compreender e praticar a Sua Vontade, somar méritos e purificar o espírito de modo que o seu habitat espiritual se eleve ao Céu. Não há outro processo para alcançarmos a felicidade [...]. (FMO-MOA, 2003 (d), p.129).

Não seria exagero afirmar que toda a obra de Mokichi Okada é uma descrição minuciosa deste processo. Seguindo a ordem apresentada por ele no trecho acima, é interessante observar, primeiramente, que a ênfase é na necessidade de se crer em Deus Absoluto, e não na necessidade de compreender Sua essência. Isto justifica o fato de, em sua obra, Okada não se ocupar tanto do problema fundamental de Deus – como o fizera Tomás de Aquino, por exemplo –, mas, muito mais, da Sua relação com a Criação, especialmente, com o ser humano.

Procedendo a um breve levantamento quantitativo, verificou-se que o ideograma (人) que se refere à palavra *pessoa*, aparece 20.203 vezes ao longo dos doze volumes que constituem a parte destinada aos artigos (*Chojutsu hen*) na Obra Completa de Mokichi Okada, enquanto o ideograma (神) que se refere a Deus, aparece somente 7.206 vezes. Mesmo incluindo a

ocorrência das palavras *Kannon* e *Kanzeon Bosatsu*, termos que, para Okada, se referem a algumas das manifestações de Deus, este número não chega a 8.300. Este dado não é absoluto, mas corrobora, até certo ponto, a proposição apresentada.

Retomando o processo para se alcançar a felicidade, para Mokichi Okada, além de admitir a existência de Deus, o ser humano precisa “*compreender e praticar Sua Vontade*”, que, para ele, é a própria Verdade. O artigo “Doutrina da Igreja Messiânica Mundial”⁷³(FMO-MOA, 2003 (d), p.10.), que pode ser considerado o credo da Igreja Messiânica, declara: “*Nós, messiânicos, cremos em Deus, Criador do Universo. cremos que, desde o início da Criação, Deus objetivou estabelecer o Céu na Terra e tem atuado continuamente para a concretização desse objetivo.*”

A expressão “Céu na Terra” é também denominada por Mokichi Okada como “Paraíso Terrestre”. Segundo ele, o Paraíso Terrestre é um mundo perfeito⁷⁴ de Verdade, Bem e Belo, livre dos sofrimentos causados pelas doenças, pela pobreza e pelos conflitos.

Uma vez consciente de que Deus é o criador de todo Universo e de que Seu propósito é concretizar o Paraíso na Terra, caberia ao ser humano compreender a constituição do seu ser e a missão que lhe fora atribuída ao ser criado.

1.3.2 O ser humano e sua missão

Segundo Okada, o ser humano, em sua totalidade, é constituído por um corpo físico, que envolve o corpo espiritual, que envolve uma consciência, que envolve a alma. O corpo físico é a parte externa, visível do ser humano; e o corpo espiritual, sua parte interna, invisível, o conteúdo.

⁷³Há indícios de que este artigo não tenha sido redigido por Mokichi Okada, pessoalmente, mas, sim, por seus discípulos. Entretanto, ele é considerado como ensinamento, talvez pelo fato de ter sido publicado no jornal *Kyusei*, informativo oficial da Igreja, sob a supervisão de Okada.

⁷⁴A noção de *perfeito*, no pensamento de Mokichi Okada, tem mais a conotação de *harmonia* do que de *completude*.

No centro do corpo espiritual encontra-se a consciência e, no centro da consciência, a alma. Em outras palavras, um é “recipiente” do outro, ou melhor, o físico, o corpo espiritual e a consciência estruturam-se de forma a servirem como o “recipiente” da alma, por meio do qual ela se manifestará⁷⁵.

Para Okada, a alma – chamada também de espírito primordial ou espírito protetor primordial – é a partícula do espírito de Deus, outorgada ao ser humano no momento da concepção, é a vida, a própria essência do ser. É um corpo luminoso, puro e imaculável, podendo expandir-se ou retrair-se. A alma *é* no ser, mas pertence ao mundo divino, ao infinito. Não é existência criada, mas fonte criadora. Ela é eterna. Por preocupar-se com o bem de todos, é a bondade absoluta, a origem do correto juízo.

Mokichi Okada denomina consciência (*kokoro*) o campo em que ocorrem os processos mentais, a luta constante entre o bem e o mal. É a sede da razão, do sentimento e da vontade, que formam a trilogia do pensamento (*sonen*). É a partir dela que os pensamentos e, posteriormente, as ações, se formam. Sua manifestação é a natureza humana, o próprio *eu*. É o invólucro da alma, porém, diferentemente desta, é maculável. Além disso, a consciência do incalculável número de antepassados dos quais cada pessoa é a síntese também está ligada à consciência do *eu* que vive agora.

O corpo espiritual (*reitai*), ou simplesmente espírito (*seirei*), além de ser o “recipiente” da consciência e da alma, é o âmbito em que se alocam o espírito protetor secundário e qualquer outro espírito que, temporariamente, tente possuir (*hyoi*) ou influenciar a consciência⁷⁶. Apresenta exatamente a mesma forma do corpo físico, de cada célula; porém, é invisível e possui uma espécie de *vestimenta* chamada aura, como será visto mais adiante.

⁷⁵OKADA, Yoichi. Orientação do Quarto Líder Espiritual no Culto de Outono. **Jornal Messiânico**, São Paulo, nº 354, p. 4-5, jan/fev 2006.

⁷⁶Cf. FMO-MOA (Ed.) *Os japoneses e as doenças psíquicas*. In: **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 2. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (e).

O espírito protetor secundário, ou simplesmente espírito secundário, é um espírito de natureza animal outorgado por Deus ao ser humano após o nascimento, geralmente, por volta de dois ou três anos de idade. É coadjutor do espírito primordial (alma). Sua especialidade é a matéria, é proteger o corpo carnal. Sem ele não existiriam os desejos físicos, não surgindo, conseqüentemente, o espírito competitivo, o desejo de superação e o gosto pelo prazer, que são indispensáveis à existência humana⁷⁷. O espírito secundário preocupa-se apenas consigo mesmo, representa o mal. Portanto, em contraposição à alma, é a origem do juízo incorreto.

Além dos espíritos protetores primordial e secundário, o homem conta ainda com um terceiro espírito protetor: o Espírito Guardião, que, apesar de não “habitar” dentro do ser humano, o acompanha a vida toda, do nascimento à morte. Portanto, pode ser considerado como constituinte do espírito humano. Via de regra, é o espírito de um dos ancestrais mais elevados da pessoa que assume esta função e atua como seu tutor. Sua principal função é guardar e zelar pela segurança do protegido, incentivando-o e conduzindo-o constantemente pelo caminho do bem para que se torne uma pessoa correta. Sua eficiência está condicionada ao nível espiritual ocupado por ele, daí o fato de existirem espíritos guardiões mais poderosos, mais atentos, mais ágeis do que outros. Sua atuação se dá, na maioria das vezes, por meio de sinais, avisos em sonhos, pressentimentos, inspirações.

Sobre a atuação e a relação entre estes elementos constituintes do espírito humano, Mokichi Okada escreveu:

Dentro de cada ser humano há uma batalha constante entre o bem e o mal. [...] A vitória do mal resulta em pecado e infelicidade; a vitória do bem cria felicidade. [...] Naturalmente, a força que nos arrasta à prática do mal pertence ao Espírito Secundário, e a que nos conduz pelo caminho do bem, ao Espírito Guardião. Como, além destes, temos o Espírito Primordial, que determina o Absoluto Bem, precisamos fazer algo para aumentar-lhe o poder de atuação, porque essa é a força

⁷⁷Cf. FMO-MOA (Ed.) *Vença seu próprio mal*. In: **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 3. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (f).

que domina o mal pela raiz. Sendo assim, [o ser humano deve estar sempre atento em cultivar essa força e]⁷⁸ o único recurso [para isso] é adorar a Deus e solidificar a fé. Não existe outro meio para se obter a felicidade.⁷⁹

De acordo com a doutrina messiânica, Deus, que é espírito, criou o ser humano – que, enquanto vivo, é espírito e matéria – para, por meio deste, concretizar o Paraíso na Terra. Em outras palavras, a missão do ser humano é tornar-se um verdadeiro representante de Deus na Terra, uma existência pela qual Deus, a partir da partícula divina, possa se manifestar livremente e tornar este mundo um Paraíso. Para Mokichi Okada, que é um pragmático, servir a Deus é servir ao próximo, à humanidade.

Com tal propósito, [Deus] fez do ser humano o Seu instrumento [no original, em japonês, a palavra é *daikosha*, cuja tradução mais apropriada seria *representante*] para servir ao bem-estar da humanidade, condicionando a ele todas as demais criaturas e coisas. (FMO-MOA, 2003 (d), p.10. Grifo meu).

Deus concedeu ao homem a liberdade infinita. Eis a Verdade. As outras criaturas, como os animais e os vegetais, gozam de liberdade limitada. Aqui se percebe a superioridade do homem. Falar da sua liberdade, é dizer que ele ocupa o ponto médio entre os dois extremos – o animal e o Divino. Quando ele se eleva, torna-se Divino; quando se corrompe, equipara-se ao animal. Se desenvolvermos esse princípio, veremos que basta o homem querer para que o mundo se converta em paraíso. Caso contrário, ele faz do mundo um inferno. (FMO-MOA, 2003 (d), p. 38).

Resumindo, a consciência se encontra entre a alma e o espírito. Se ela permanece em seu

⁷⁸Trecho presente no original em japonês e suprimido na tradução para o português.

⁷⁹FMO-MOA (Ed.) *Vença seu próprio mal*. In: **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 3. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (f). p. 17-18.

estado original, livre de “nuvens” ou “máculas espirituais”⁸⁰, a luz emanada pela alma ilumina perfeitamente toda a extensão, todas as dimensões do ser humano. Ou seja, o estado paradisíaco inerente à alma reflete-se e reproduz-se diretamente no pensamento, na ação e no próprio corpo físico do ser humano. Nesse estado, o homem cumpre sua missão como verdadeiro representante de Deus na Terra, pois, assim, a partícula divina manifesta-se plenamente por intermédio do seu ser. Porém, à medida que a consciência vai se tornando nebulosa, devido ao acúmulo de máculas – decorrente da ignorância e do afastamento do ser humano em relação à vontade de Deus, às leis da Natureza –, a luz da alma vai sendo ofuscada. Consequentemente, a consciência passa a receber influência, cada vez maior, do Espírito Secundário e de outros espíritos. Sem a luz da alma iluminando plenamente seu ser, o homem distancia-se do seu estado original, que é paradisíaco, e começa a trilhar um tortuoso caminho; seu pensamento e sua ação entram em desacordo com a vontade de Deus, e isto se reflete até no corpo físico, que passa a sofrer as consequências do processo purificador, que busca o reequilíbrio. Em suma, quanto maior a quantidade de nuvens na consciência, mais ofuscada se torna a luz da alma, que vai se contraindo até o ponto de tornar-se adormecida. Chegando a esse estágio, o domínio do Espírito Secundário e de outras forças negativas torna-se pleno, e o homem equipara-se à fera. Ao contrário, se a consciência mantém-se límpida, a luz da alma ilumina todo o ser, e o Espírito Secundário, que teme essa luz, permanece em seu lugar, cumprindo sua missão original, e o ser humano torna-se divino.

1.3.3 A verdadeira saúde e o princípio da ação purificadora

Segundo Mokichi Okada, para que o ser humano se torne feliz, é essencial que ele tenha

⁸⁰ Mokichi Okada utiliza a metáfora da “nuvem” ou da “mácula espiritual” para se referir às alterações ocorridas no estado original da consciência e do espírito.

consciência da sua verdadeira natureza e da missão que lhe fora atribuída por Deus, identifique-se com esta missão e a cumpra. Sendo assim, outra questão passa a ocupar uma posição central na obra de Mokichi Okada: a verdadeira saúde, pois ela é uma condição fundamental na execução do plano divino.

Para ele, a verdadeira saúde é aquela que abrange os aspectos físico, mental e espiritual. Sua ausência implica o aparecimento da doença, da pobreza e do conflito. Como fora explicitado, na visão okadiana, o ser humano é uma existência constituída de espírito e matéria, sendo que o espírito é primordial e a matéria, secundária (Lei “do espírito precede a matéria”). Além desta, existe outra lei muito importante: a lei de identidade espírito-matéria, que enuncia a reciprocidade existente entre ambos. Por exemplo, a ingestão de substâncias que não podem ser completamente assimiladas e expelidas pelo organismo e o consequente acúmulo destas, acabam gerando toxinas que, devido a esta lei, se refletem no espírito tornando-o nebuloso. Assim, a causa da verdadeira saúde ou de sua ausência está relacionada, principalmente, com a situação do espírito, mas também, com a da matéria. (cf. FMO-MOA, 2003 (d), p. 113-115).

Okada afirma que é necessário conhecer e praticar a vontade de Deus, pois, se assim o fizer, o ser humano não só passará a acumular menos nuvens em seu espírito, como também aprenderá a não obstruir a ação natural, que busca restabelecer a harmonia original do ser, processo que Mokichi Okada denominou purificação.

A Natureza demonstra que, inevitavelmente, viver implica gerar resíduos. Entretanto, se os resíduos gerados forem devidamente tratados e eliminados, não há maiores consequências. Os grandes problemas causados pelos resíduos surgem quando estes são acumulados em excesso. Se o termo “resíduo” for substituído pelos termos “nuvens” ou

“máculas espirituais”, é possível compreender bem o sentido que Okada atribuiu àqueles.

Para Mokichi Okada, as “nuvens espirituais” acumuladas além da conta são a origem de todos os males e sofrimentos. Portanto, somente a purificação do espírito e, conseqüentemente, do corpo, poderá proporcionar a solução radical dos problemas.

A purificação é promovida pela *luz* de Deus, a qual chamou também de *elemento fogo*. De acordo com a intuição recebida por Mokichi Okada a partir da revelação divina de 1931, essa luz está se intensificando a cada dia, potencializando a ação purificadora. Assim, os resíduos que, antes, ficavam acumulados durante muito tempo, hoje, logo entram no processo para serem eliminados.

Segundo Okada, as doenças e os sofrimentos em geral nada mais são do que a manifestação do processo natural de purificação, os sintomas deste processo. Portanto, combater os sintomas não seria a solução, pelo contrário, ao impedir que tal processo transcorra naturalmente, provocar-se-ia um acúmulo ainda maior de impurezas, o que agravaria a situação.

1.3.4 A fé messiânica e um estilo de vida favorável à purificação do espírito

Desde que recebera as revelações divinas acerca do plano divino, do seu papel dentro dele, e se conscientizara que, da parte de Deus, chegou o tempo certo e que, da parte do homem, só “*basta [ele] querer para que este mundo se converta em Paraíso*”, Mokichi Okada se dedicou ao desenvolvimento e proposição de um novo tipo fé: a fé messiânica – que, por meio de seus artigos, pretende guiar as pessoas pelo caminho que lhes permite tornar-se úteis a Deus e ao mundo paradisíaco que Ele concretizará na Terra, apresentando-lhes uma nova visão da vida, uma nova visão de mundo.

No artigo “O que é a Igreja Messiânica Mundial⁸¹”, Mokichi Okada explica, de maneira bem sucinta, sua visão sobre o “juízo final” e a missão da Igreja Messiânica.

A Igreja Messiânica Mundial tem por finalidade o advento do Paraíso Terrestre, criando e difundindo uma cultura espiritualista que se desenvolva em conjunto com o progresso material.

[...]

Seria uma felicidade se o Paraíso Terrestre pudesse ser estabelecido sem que nada precisasse ser mudado. Antes, porém, é indispensável haver um acerto de contas no velho mundo a que pertencemos. É como na construção de um novo edifício, quando se fazem necessárias a demolição do prédio velho e a limpeza do terreno. Deus poupará o que for aproveitável – e a seleção será feita por Ele. Eis a razão pela qual é importante que o homem se torne útil para o mundo vindouro.

Ultrapassar a grande fase de transição significa ser aprovado no exame divino, e a fé é o único caminho para obtermos aprovação. A qualificação para o homem ultrapassar essa fase é ter plenas condições de viver num mundo isento de doença, pobreza e conflito, isto é, ser livre de doenças, estar liberto dos sofrimentos da pobreza, amar a paz e rejeitar o conflito.

Deus resguardará aqueles que tiverem essas três grandes condições e deles se utilizará, como entes preciosos, no mundo que vai surgir. Certamente, não há discordância entre os desígnios de Deus e os ideais do ser humano. Haveria, então, um caminho que permita estabelecer as condições requeridas? Nossa Igreja tem por objetivo orientar as pessoas e transmitir-lhes a Graça Divina,

⁸¹O nome original do artigo é “O que é a Igreja Kannon do Japão (*Nippon Kannon Kyodan*)”, pois se trata de um texto de 1948, portanto, anterior à instituição da IMM (*Sekai Kyusei Kyo*).

possibilitando-lhes criar tais condições. (em fase de elaboração)⁸²

Em seus artigos, Okada descreve os princípios fundamentais que deverão alicerçar o *sonen* (vontade-sentimento-razão) e as atitudes do ser humano verdadeiramente útil a Deus. Dentre os quais, destacam-se: o amor altruísta, o princípio *izunome*⁸³, a gratidão em qualquer circunstância, o não julgamento do bem ou mal alheios, o bom senso, o progressismo (no sentido de não se prender a velhas formas, renovar-se e aperfeiçoar-se constantemente) e o pragmatismo (no sentido da fé ser aplicada no dia a dia).

Para que o homem conseguisse assimilar e praticar os princípios propostos, eliminar as nuvens espirituais, que são a causa de todos os infortúnios, e qualificar-se para ser aprovado no exame divino, Mokichi Okada desenvolveu três pilares, chamados também de “colunas da salvação”⁸⁴, que, unidos, viabilizam um estilo de vida que prima pelo zelo à purificação do espírito.

O primeiro é o método do *johrei* – ação de canalizar a luz divina por meio, principalmente, das mãos. Este método potencializa o processo de purificação e atua para que as máculas do espírito e/ou as toxinas acumuladas no organismo sejam eliminadas com mais rapidez e menos sofrimento. Além disso, por intermédio de seus efeitos – muitas vezes, considerados milagrosos –, o *johrei* desempenha outra importante função: evidenciar a existência de Deus.

A invisível Luz de Deus, canalizada através do Johrei, alcança as profundezas do espírito e o ilumina, mesmo quando o Johrei é recebido com atitude cética. O

⁸²Apesar deste texto já ter sido publicado (FMO-MOA, 2003 (d)), optou-se pela apresentação da versão revisada que se encontra em fase de elaboração. No terceiro capítulo, será feita a comparação e análise dos dois textos.

⁸³*Izunome* significa o cruzamento e a harmonização de tendências opostas. Segundo este princípio, o ideal é não tender para nenhum lado, mas buscar uni-los e harmonizá-los, o que não significa excluir totalmente ou anular uma das partes. Por isso, ele pode ser chamado também de “princípio da imparcialidade” ou “o caminho do meio”. Segundo Okada, a aplicação deste princípio é o melhor caminho para solucionar e prevenir conflitos.

⁸⁴Do ponto de vista semântico, o termo *pilar* é mais apropriado para traduzir a palavra *hashira* do que *coluna*.

Johrei desperta a natureza Divina do homem, colocando-o em contato com a sua alma. [...]

Do ponto de vista material, esta compreensão pode ser difícil. Mas quando se experimenta o efeito do Johrei, intui-se a Luz de Deus. Mesmo aqueles que dão excessiva importância ao intelecto serão despertados para o poder do Espírito sobre a Matéria [...]. (FMO-MOA, 2003 (d), p. 34).

De acordo com lei da identidade espírito-matéria – segundo a qual tanto o espírito influencia a matéria, quanto esta influencia o espírito –, para que se possa garantir um nível desejável de pureza do corpo e, conseqüentemente, do espírito, é fundamental a redução máxima possível da ingestão de produtos que o intoxiquem, recomendando-se, portanto, uma alimentação mais natural e rica em energia vital. Para tanto, os alimentos precisam ser, na medida do possível, frescos, nada ou pouco processados e livres de resíduos de agrotóxicos e de aditivos químicos. Com esta finalidade, Okada desenvolveu um método agrícola totalmente livre de substâncias que poderiam intoxicar o solo, aqueles que o cultivam e os consumidores. A este método denominou Agricultura Natural – o segundo pilar.

Além da produção de alimentos mais saudáveis, o método da Agricultura Natural visa também à preservação e vitalização do solo, à saúde e ao bem-estar dos agricultores, uma vez que, em comparação com o método agrícola convencional, os custos da produção diminuem, e o trabalho do agricultor, principalmente do pequeno, passa a ser mais valorizado.

Para Mokichi Okada, as leis divinas que regem o ser humano são as mesmas que regem a Natureza, em outras palavras, as leis da Natureza são as próprias leis de Deus. Portanto, o organismo vivo chamado solo também deve receber o mesmo cuidado que o organismo

humano, ou seja, não deve ser intoxicado e sua capacidade de purificação e recuperação natural deve ser fortalecida. Somando-se a isto, o sentimento de respeito e de gratidão do agricultor para com o solo e dos consumidores para com os alimentos e para com quem os produziu, deve estar presente nessa cadeia.

Finalmente, o terceiro pilar: o belo⁸⁵.

Para Mokichi Okada, o bem é o pensamento gerado pela Verdade (a vontade de Deus) e o belo é a forma gerada pelo bem. Assim, o autêntico belo tem a capacidade de purificar e elevar o espírito de quem o aprecia. Indubitavelmente, segundo ele, esta seria a forma mais agradável de se purificar. Entretanto, as limitações econômicas se mostram um grande obstáculo à disseminação deste pilar, como Okada observa no artigo que se segue:

O Paraíso Terrestre a que costumamos nos referir é, em termos mais claros, o Mundo do Belo. Em relação ao homem, é a beleza dos sentimentos, o Belo espiritual. Naturalmente, as palavras e atitudes do homem devem ser belas. Da expansão do Belo individual nasceria o Belo social, isto é, as relações pessoais se tornariam belas, assim como também as casas, as ruas, os meios de transporte e as praças públicas. Em grande escala, como é natural que a limpeza acompanhe o Belo, a Política, a Educação e as relações econômicas também se tornariam belas e limpas, da mesma forma que as relações diplomáticas entre os países.

[...] a sociedade contemporânea está cheia de fealdade e maldade. Nas classes baixas, principalmente, o Belo é escasso demais, em virtude das péssimas condições financeiras, que causam a decadência do ensino e a precariedade dos estabelecimentos e instalações de atendimento ao público. Daí, conseqüentemente

⁸⁵ Sobre o belo no pensamento de Mokichi Okada, cf. TERROR, Heloísa Helena Guedes. **O belo e a salvação no pensamento de Meishu-Sama**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

[sic], nasce a intranquilidade [sic] social.

Agora, gostaria de falar em especial sobre a parte relativa às diversões. Nesse campo, o Belo precisa ser muito enriquecido, pois a consciência do Belo é o que de melhor existe para a elevação dos sentimentos humanos. Esse é um dos motivos pelos quais sempre incentivamos a Arte. Nem é preciso mencionar o quanto o baixo nível das artes, na época atual, está degradando a espiritualidade das pessoas.

Como se vê, um fator essencial para a criação do Mundo do Belo é o poder econômico. Enquanto o povo for pobre, não poderemos sequer sonhar em concretizar esse mundo. Mas como fortalecer o poder econômico? Se todos os indivíduos trabalharem com total empenho visando a elevar o poder de produção, estarão fortalecendo-o. A condição básica para tanto é a saúde de cada indivíduo. E a saúde é o principal objetivo de nossa Igreja, o que se torna evidente pelo grande número de pessoas perfeitamente saudáveis que estamos conseguindo criar unicamente com o poder de purificação por nós manifestado. [...] ⁸⁶

No intuito de solucionar, ao menos em parte, o problema, Okada, além de construir protótipos do Paraíso Terrestre nos quais a beleza se faz presente por meio de diversas manifestações artísticas, propõe uma campanha de difusão do belo utilizando-se as flores.

Não se trata de um movimento baseado na elaboração de arranjos florais suntuosos. Pelo contrário, eles podem ser singelos, mas compostos com alegria e com o sentimento de levar felicidade ao próximo. Sendo assim, seria possível ornamentar todos os lugares, deixando o belo à vista de todas as pessoas, independentemente de sua classe social (FMO-MOA, s/d (c)).

⁸⁶FMO-MOA (Ed.). *Coletânea Alicerce do Paraíso*, vol. 5. SP: Fundação Mokiti Okada, s/d (c), p. 49-50.

Sintetizando,

[...] trazer o Belo para a vida [na visão de Meishu-Sama] não significa cercar-se de obras de arte ou tornar-se um artista. Significa fazer do ambiente em que vivemos, em que trabalhamos, em que nos divertimos, locais de beleza, de harmonia, de bem-estar, apurando nossa sensibilidade estética através dos sentidos. Ser capaz de praticar o estilo *Sanguetsu* de *ikebana*, por exemplo, não significa necessitar dominar a técnica do arranjo floral mas, sobretudo, apreender o sentido de se conseguir, realmente, **vivificar** a flor: com que sentimento – o de dar vida a ela respeitando a sua natureza – e com que finalidade – a de levar beleza e felicidade a quem a contempla. E para isso, não é imprescindível a técnica; ela é importante, na medida em que vai trabalhando a sensibilidade e o gosto do praticante, orientando e apurando seu senso estético. Mas sem o sentimento, sem o espírito de harmonia com a natureza e o objetivo de servir à humanidade, o *Sanguetsu-ryu* não se fará presente, o Belo não existirá. Existirá a beleza estética, mas não o Belo que salva. (TERROR; 2009, p. 188).

Por meio de um estilo de vida baseado no vivenciamento dos três pilares da salvação – *johrei*, Agricultura e Alimentação Natural e o Belo –, a pessoa começa a purificar o espírito e a destoxificar o organismo, fatores essenciais para que ela se eleve espiritualmente e se torne verdadeiramente saudável e feliz, ou seja, uma representante de Deus.

Para Mokichi Okada, ser salvo significa ser aprovado no exame divino e obter a paz e segurança necessárias para cumprir a missão recebida de Deus. Quanto à religião, seu maior valor consiste na sua capacidade de possibilitar ao homem o vivenciamento da existência de Deus e de reconduzi-lo à alegria de viver de acordo com a Sua vontade. Quanto à maneira de ser da religião, Okada esclarece que o artigo de fé é de natureza espiritual, uma verdade

eterna e imutável, a qual, portanto, não deve ser distorcida. Entretanto, o aspecto operacional da Igreja, por ser de natureza mundana, pode e deve ser constantemente atualizado para adequar-se a cada época. Para tanto, é importante que inclusive a religião possua conhecimento profundo sobre as correntes de pensamento da época.

Conclusão do primeiro capítulo

Ao longo deste capítulo foram apresentados recortes importantes da vida, do pensamento e da doutrina pregados por Mokichi Okada e do desenvolvimento da religião fundada por ele.

Ficou claro que, apesar de ter nascido no Japão, o Extremo Oriente, dado ao momento histórico e ao local no qual nascera e fora criado, Mokichi Okada conviveu com diversas influências tanto do Japão tradicional como do moderno, ocidentalizado.

Ele experimentou a extrema pobreza durante a infância e, apesar de ter cursado somente o ensino fundamental, graças à sua garra, determinação e autodidatismo, tornou-se um empresário bem-sucedido. Sofreu imensamente com a morte das filhas e da esposa. Errou como administrador e perdeu praticamente tudo. Tentou se reerguer e conseguiu até certo ponto. Fascinado pelo mundo do mistério, deixou a vida empresarial para se dedicar exclusivamente à religião. Como religioso, tentou responder aos problemas de uma sociedade que vivia uma ambiguidade cruel: por um lado, a modernização, enriquecimento e consolidação do país como potência internacional e, por outro, o aumento dos sofrimentos causados, entre outros fatores, pelo impacto dessa modernização: aumento das doenças, da fome e da guerra.

Mokichi Okada não era contra a modernidade, pelo contrário, sempre comemorou o progresso trazido por ela. Entretanto, criticou duramente os fundamentos e a maneira como as ciências modernas tratam a vida, desqualificando seu aspecto transcendental. Esta crítica

se deve ao fato de que, para Okada, sem reconhecer a existência de um “Algo Maior” (MMURAKAMI, 2008)⁸⁷, a ciência nunca dará conta de explicar ou resolver de fato as questões relacionadas à vida.

Ao longo de sua obra, Mokichi Okada tratou das questões essenciais da vida, do ser humano. Apesar de conter muitos aspectos locais do Japão, especialmente nos textos anteriores a 1950, em essência, sua obra é universal, no sentido de não ser restrita a um povo, a uma localidade e também, no aspecto de que oferece ao ser humano a liberdade de escolher o caminho da sua salvação. Ela se propõe a solucionar os problemas que, seja no campo físico, emocional ou espiritual, são comuns a todos: a doença, a pobreza e o conflito.

Antes de falecer, Mokichi Okada acompanhou com alegria os primeiros passos da expansão internacional da sua Igreja. Contudo, para ele, o mais importante não era o crescimento da Igreja enquanto instituição, mas sim, seu desenvolvimento como o veículo por meio do qual o *Evangelho do Paraíso*⁸⁸ anunciado por ele chegará a todas as partes do planeta.

Creio que, atualmente, não existe uma pessoa tão feliz quanto eu, e minha gratidão a Deus é constante e profunda. [...] Desde jovem gosto de dar alegria ao próximo, a ponto de isso se tornar quase um “hobby” para mim. Sempre estou pensando no que devo fazer para tornar as pessoas felizes. [...] Sou sempre pacífico, alegre e abomino o apego. Esta é a minha natureza. [...] O resultado do que acabo de expor é um dos fatores determinantes da minha felicidade. Por isso eu sempre afirmo: “Se não fizermos a felicidade do próximo, não poderemos ser felizes.” Acredito que meu maior objetivo – o Paraíso Terrestre – estará

⁸⁷MURAKAMI, Kazuo. Código divino da vida: ative seus genes e descubra quem você quer ser; 1ª Ed. – São Paulo, SP: ProLíbera Editora: Antakarana/WHH – Willis Harman House; 2008.

⁸⁸Mokichi Okada utilizou esta expressão algumas vezes para se referir aos ensinamentos pregados por ele, chegando a publicar um livro com este título.

concretizado quando meu estado de espírito encontrar ressonância e expansão no coração de todos os homens. (em fase de elaboração)⁸⁹

O próximo capítulo discorrerá sobre a chegada e o desenvolvimento da Igreja Messiânica Mundial no Brasil.

⁸⁹ Apesar do presente artigo, intitulado *Minha Natureza*, já ter sido publicado (FMO-MOA, 2003 (d)), optou-se pela apresentação da versão revisada que se encontra em fase de elaboração.

2 HISTÓRIA DA IMM NO BRASIL

*Convivi com um povo bastante tolerante que
geralmente nos ouvia falar sobre o Johrei
sem nenhum preconceito.*
Teruko Sato

Após apresentar, no capítulo 1, a trajetória de Mokichi Okada e da IMM no Japão e a essência do seu conteúdo doutrinário, serão apresentados neste capítulo tópicos importantes da história da IMM no Brasil. Assim como no anterior, o conteúdo do presente capítulo não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas de oferecer um panorama da trajetória da IMM no Brasil, contextualizando-a na medida do possível.

Este capítulo constitui-se de dois grandes itens subdivididos em outros menores. O primeiro discorrerá sobre a trajetória da imigração japonesa no Brasil com ênfase na vida religiosa dos imigrantes. O segundo item tratará da difusão da IMM no Brasil. O item foi estruturado tomando-se por base a divisão por períodos proposta por Masako Watanabe⁹⁰.

A descrição do capítulo será feita a partir de pesquisas bibliográficas, consultas aos arquivos das Secretarias de Tradução e de Documentação Histórica da IMMB, e ao arquivo pessoal da autora, além de entrevistas e observação participante.

2.1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

2.1.1 O início do movimento migratório do Japão para o Brasil

A imigração japonesa para o Brasil se inicia de fato em 1908, com a chegada do navio *Kasato Maru*, que aportou em Santos trazendo a bordo 781 imigrantes vinculados ao acordo

⁹⁰WATANABE, Masako. “Sekai Kyusei Kyo Jyorei no Kiseki to Ikusei Shisutemu” [IMM – Os milagres do Johrei e o Sistema de Formação]. In: **Burajiru Nikkei Shinshukyo no Tenkai: Ibunka Fukyo no Wadai to Jissen (Developmental Processes of Japanese New Religions in Brazil: Tasks and Achievements of Missionary Work in Brazilian Culture)** Tokyo:Toshindo, 2001.

imigratório estabelecido entre Brasil e Japão.

No Brasil faltavam trabalhadores nas lavouras de café de São Paulo, e a imigração era a solução para o problema. No entanto, a preferência era por imigrantes europeus, pois, além de suprir a demanda de mão-de-obra, eles colaboravam para com o projeto da elite intelectual brasileira que, com base em teorias “científicas” advindas do darwinismo social surgido na Europa, pretendia “branquear” e “civilizar” o país, cujo atraso era atribuído ao alto grau de miscigenação de sua população. Por isso, houve uma resistência grande, por parte das autoridades brasileiras, à abertura da imigração para asiáticos, como descreve a historiadora Márcia Yumi Takeuchi.

[...] A abertura da Legação do Brasil em Tóquio, em agosto de 1897, representou a oportunidade da *intelligentsia* nacional em avaliar o exótico súdito do Império do Sol Nascente. A opinião do corpo diplomático não foi favorável, sendo que a mais conhecida de um dos seus integrantes, Luis Guimarães, encarregado de Negócios do Brasil em Tóquio, não deixava dúvidas quando informado da natureza de um contrato entre a Companhia Imperial de Imigração e o governo paulista, em 6 de novembro de 1907, que inaugurou a imigração japonesa para o Brasil. Afirmava que abrir as portas a tal corrente significaria trazer para o nosso país os conflitos verificados em São Francisco (EUA) entre trabalhadores japoneses e brancos, além de qualificar o japonês de "espião de nascença", "inimigo pelo sangue" e "orgulhoso até a morte".

Às vésperas da partida do vapor Kasato Maru do porto de Kobe trazendo a bordo os pioneiros japoneses, Alcino Santos Silva, côsul-geral do Brasil em Yokohama, relatava ao Itamaraty o juízo que tivera dos futuros imigrantes ao visitá-los a fim de legalizar a sua documentação de viagem: o nipônico era feio, baixo e de

aparência mais fraca do que forte. Concordava, portanto, com o seu antecessor no cargo, Dario Freire, que externara sua opinião ainda em 16 de novembro de 1906, quando da inauguração de uma linha de navegação direta entre o Brasil e o Japão para facilitar a imigração: era contrário a ela por considerar os nipônicos inassimiláveis e elementos perturbadores na economia e na depuração das raças de qualquer país.

Inassimiláveis, eugenicamente inferiores e produtores de pobreza nos países que os recebiam. Tal imagem dos japoneses repercutia desfavoravelmente nos meios políticos e acadêmicos. Acrescentava-se, ainda, o perigo político representado pelos nipônicos como nacionais de uma potência imperialista em ascensão, cuja vitória sobre os russos, em 1905, assombrara o mundo. (TAKEUCHI, 2008).⁹¹

Entretanto, diante da diminuição do fluxo de imigrantes europeus, agravada durante a Primeira Guerra Mundial, e pressionado pela necessidade de mão-de-obra, o governo paulista abriu as portas para o imigrante japonês, considerando-o um substituto temporário do imigrante europeu. Segundo Takeuchi (2008), a política do governo paulista de concessão de subsídios à imigração japonesa é uma evidência do que foi afirmado: tão logo a imigração europeia se normalizou, em 1922, foram cancelados definitivamente os subsídios à imigração japonesa.

O governo japonês começou a incentivar a emigração de seus habitantes a partir da década de 1880. Com a Restauração Meiji (1868) e o projeto de modernização que fora implantado no país, a situação dos pequenos camponeses ficou bastante precária, não obstante a reforma agrária realizada. As causas principais desta precariedade foram a mecanização da agricultura, que tirou o emprego de muitos trabalhadores, e a mudança na forma de

⁹¹TAKEUCHI, Marcia Yumi. A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado. **Rev. USP**, São Paulo, n. 79, 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892008000400016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Fev. 2010.

pagamento dos impostos, que causou um grande impacto na vida, principalmente, dos pequenos agricultores. Até o final do período Edo (1603-1867), os impostos eram pagos com uma parte da própria produção, mas a partir da Restauração, eles passaram a ser cobrados em dinheiro, onerando consideravelmente os pequenos produtores, que, endividados, se viram forçados a abrir mão da própria terra e, na maior parte dos casos, a buscar um posto de trabalho nos centros urbanos. Além disso, a melhoria das condições de saneamento, a diminuição da mortalidade infantil, dentre outros fatores, acentuaram o crescimento demográfico após a modernização do país, agravando o problema do desemprego e a tensão social, o que levou o governo a investir numa ostensiva política emigratória.

Para o governo japonês, o Brasil era, até o fechamento de portas aos seus súditos por parte dos Estados Unidos, em 1907, uma segunda opção. Com o movimento antinipônico instalado em São Francisco, a política emigratória japonesa muda de rumo, encarando os cafezais paulistas como alternativa viável. Contudo, a perspectiva de que o fenômeno do preconceito racial contra os imigrantes japoneses se repetisse no Brasil alertou o Império do Sol Nascente, que concluiu pela necessidade de assumir os subsídios aos seus nacionais que desejassem recomeçar a vida no nosso país. Essa "política de Estado" empreendida pelo Japão foi amplificada em 1924, com a aprovação da Lei de Origem Nacional pelo Congresso dos EUA, que vedava categoricamente a entrada de japoneses por terem sido considerados incapazes de adquirir nacionalidade norte-americana.

A consequência [*sic*] é que, a partir de 1924, o Japão começava não somente a subsidiar as passagens dos seus súditos, mas também a investir capital nas companhias de emigração a fim de que essas pudessem adquirir terras no Brasil e

instalar as benfeitorias necessárias para que os colonos japoneses tivessem condições de se manter em sua nova pátria de adoção e auxiliar na produção de matérias-primas que seriam, posteriormente, exportadas para as indústrias japonesas. (TAKEUCHI, 2008)

Para convencer seus cidadãos a deixar o país e emigrar para o Brasil, o governo japonês, por meio das companhias de imigração, investiu pesado em propagandas, muitas vezes enganosa, como pode se verificar no relato de vários imigrantes como Teruko Sato (depois de casada, Teruko Yoneyama), pioneira da difusão da Igreja Messiânica no Brasil: “*Antes de sair do Japão, a prefeitura [da província de Okayama, terra natal de Teruko] falava pra gente: 'olha, quando vocês chegarem lá [no Brasil, mais precisamente, no estado do Amazonas, distrito de Manacapuru], vão encontrar casa, luz e água também. Depois que chegar lá, é só começar a plantar* (informação verbal)⁹². Contudo, a realidade encontrada pelos imigrantes, geralmente, era bem diferente daquela que era promovida no Japão como foi o caso de Teruko. A chegar em sua colônia, ela e os companheiros de viagem não encontraram nada do que havia sido prometido, pelo contrário: tratava-se de um terreno de mata virgem, totalmente fechada. Para passarem a primeira noite no lugar, foi preciso abrir uma clareira e levantar pequenas cabanas utilizando os galhos e troncos das árvores derrubadas, como está descrito em um depoimento seu que será apresentado mais adiante.

Portanto, não é difícil imaginar o choque e as dificuldades encontradas pelo imigrante japonês ao chegar ao Brasil. Sua adaptação ao trabalho, à língua, aos hábitos, à cultura e ao clima do novo país não foi fácil. Um ano após terem desembarcado em Santos, apenas 191 dos 781 imigrantes vindos no *Kasato Maru* permaneciam na mesma fazenda que os contratara desde o início.

⁹²Informação obtida durante o encontro de alunos e professores da Faculdade Messiânica com a reverenda Teruko Sato (cujo sobrenome de casada é Yoneyama), realizado em São Paulo, na sede desta instituição, em 21 de outubro de 2009.

Mesmo assim, o fluxo imigratório não foi interrompido. Em 28 de junho de 1910, desembarcaram em Santos mais 906 trabalhadores, distribuídos por outras tantas fazendas e que viveriam dificuldades semelhantes às vividas por seus antecessores.

De acordo com Célia Sakurai (1998)⁹³, os esforços coletivos empreendidos pelos governos do Brasil e do Japão foram fundamentais para que os imigrantes japoneses pudessem ingressar e tomar parte da sociedade brasileira, cultural e historicamente tão distinta da sua sociedade de origem. Segundo a autora, a participação tutelar do governo japonês, que por meio de seus representantes, desde o início, amparou, orientou, ajudou e gerenciou o processo de imigração, contribuiu para a superação das desconfianças e do estranhamento inicial. Além disso, o problema das diferenças culturais teria esmaecido diante do sucesso na atividade econômica: a contribuição desses imigrantes ao desenvolvimento da agricultura no país era evidente e justificava sua presença aqui (SAKURAI, 1998).

Em 1973, o *Nippon Maru* desembarcou, no porto de Santos, a última leva de imigrantes japoneses que vieram de navio para o Brasil. A partir de então, eles passaram a vir de avião e o número de imigrantes foi diminuindo paulatinamente. A emigração oficial encerrou-se em 1993. (NINOMIYA, 2000)⁹⁴ Nesses 65 anos de imigração, chegou ao Brasil cerca de 234 mil imigrantes. Sendo que, no início da década de 1990, a população *nikkei* (termo que se refere aos japoneses e seus descendentes) do Brasil era de aproximadamente 1.200.000 pessoas (SAKURAI, 1998). Trata-se, pois, da maior população *nikkei* fora do Japão.

Superando as dificuldades naturais e o racismo sofrido, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, pouco a pouco, o imigrante japonês e seus descendentes foram ganhando o respeito da sociedade brasileira, adaptando-se, integrando-se e buscando novos horizontes e

⁹³SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- **1908-1941**. In: **XXII Encontro Nacional da ANPOCS**. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. 1998 Caxambu-MG.

⁹⁴ NINOMIYA, Masato . A imigração japonesa: passado, presente e futuro. In: Paulo Reis. (Org.). República das Etnias. Rio de Janeiro: Gryphus - Museu da República, 2000, v. , p. 24-25.

contribuindo efetivamente para o desenvolvimento do Brasil nas mais diversas áreas, em especial, na Agricultura. A retidão de caráter, a diligência, a perseverança e o gosto pelos estudos, característicos das primeiras gerações de *nikkei*, ainda hoje são uma fonte inspiradora. Com a imigração japonesa, a sociedade e a cultura brasileiras ganharam novas cores e sabores, corroborando o pluralismo brasileiro.

2.1.2 A vida religiosa dos imigrantes

Num artigo sobre a vida religiosa dos imigrantes e de seus descendentes e as religiões japonesas no Brasil, Koichi Mori (1992) realizou uma divisão histórica em quatro períodos.

O primeiro período, que se inicia em 1908, com a chegada do *Kasato Maru* e se estende até a década de vinte, é marcado pela ausência de religião entre os imigrantes. As principais causas disso seriam: a) as condições de ordem política e emigratória do governo japonês, que aconselhava a discrição na realização dos cultos do budismo e do xintoísmo, por serem religiões estranhas para os brasileiros, e dissuadia a construção de templos ligados a essas religiões. O mesmo era válido para as novas religiões japonesas (NRJ); b) a consciência do trabalho temporário a curto prazo; c) a falta de condições econômicas para manutenção de pregadores; d) o fato de a grande maioria dos imigrantes ser formada por segundo, terceiro ou quarto filhos e não por primogênitos, que, dentro da estrutura familiar japonesa, principalmente, até o final da Segunda Guerra Mundial, detinham a responsabilidade pela realização dos cultos aos antepassados e deidades. Mori afirma, ainda, que a vida religiosa dos imigrantes nesse período era bastante precária e limitava-se, praticamente, às cerimônias fúnebres realizadas com muita simplicidade e às leituras de rezas budistas ou xintoístas, que eram feitas diante de oratórios nas casas em que houve os falecimentos.

A partir do segundo período, que se inicia em 1925 e vai até os últimos anos da década de

1930 e é marcado pela formação das colônias, iniciam-se as atividades religiosas dos imigrantes japoneses.

Diante da constatação de que os salários recebidos como trabalhadores assalariados nas fazendas eram insuficientes para garantir o retorno ao Japão como pessoas bem-sucedidas, os imigrantes mudaram a estratégia de “trabalho temporário a curto prazo” para “trabalho temporário a longo prazo”. Começaram a deixar o trabalho assalariado nas fazendas para trabalharem como meeiros, arrendatários ou agricultores independentes. Assim, começaram a surgir as primeiras “colônias”.

O sentimento de frustração causado pelo adiamento do retorno à terra natal, as adversidades encontradas no Brasil, bem como o início de novas atividades e a consciência de que, ao permanecerem em terras brasileiras, estavam se desvinculando da família⁹⁵ que deixaram no Japão e formando uma nova, fazem começar brotar nos imigrantes a necessidade de conforto espiritual. É a emersão das aspirações religiosas dos imigrantes japoneses. Daqui para frente, sua vida religiosa vai, pouco a pouco, tornando-se mais ativa.

Vista como um caminho mais curto para a assimilação, a conversão ao catolicismo tornou-se bastante acentuada e igrejas católicas foram erguidas em vários núcleos japoneses. Algumas NRJs, como Tenri-kyo, Oomoto e Seicho-no-ie, já estavam presentes no Brasil, mas não realizaram, neste período, trabalhos ativos de pregação. Nota-se, também, uma discreta movimentação para a construção de templos budistas e xintoístas. Porém, foi o Culto ao Imperador que cuidou da integração coletiva nas colônias.

O terceiro período, marcado pelo êxodo rural e pela migração urbana, cobre um espaço de

⁹⁵Como já foi mencionado, dentre os japoneses que imigraram para o Brasil, a maioria não era de primogênitos. Portanto, mesmo estando no Brasil com esposa e filhos, para o imigrante que não era o primogênito, o núcleo principal da família continuava no Japão, junto do primogênito, que era o responsável por toda ela.

“O japonês que se decidiu pela permanência definitiva começa a identificar-se como o 'antepassado da família', [...] como o antepassado que deverá ser cultuado na 'família', fundada por ele mesmo.” (MORI, 192, p. 578).

tempo que vai desde os últimos anos da década de 1930 até o início da década de 1950.

A desintegração da mundivisão – visão do mundo em torno do culto ao imperador –, que existia como abrigo espiritual dos imigrantes japoneses do pós-guerra; a migração urbana e conseqüentes [*sic*] mudanças de camada social e adaptação às condições urbanas; o surgimento do conceito de “permanência definitiva”, etc. foram os fatores que induziram a “ressurreição das religiões japonesas” que teve início na década de 50 (MORI, 1992, p. 561).

Como condição desta ressurreição, o autor destacou ainda: a) o aumento da capacidade econômica dos japoneses graças à alta nos preços do café e de quase todos os produtos agrícolas em consequência da conjuntura econômica favorável alcançada pelo Brasil após a Guerra; b) a intensificação da migração para a cidade de São Paulo a partir da década de 1950, visando, principalmente, à educação dos filhos; c) a grande onda de migração urbana verificada a partir dos anos 1940 em toda a sociedade brasileira, em decorrência da industrialização e da urbanização, que trouxeram grandes mudanças para a composição da sociedade brasileira, como a expansão da classe média e o expressivo aumento das classes baixas.

O quarto período, que se estende desde a década de 1950 até os dias de hoje, compreende a época urbana e assinala a ressurreição das religiões japonesas e seu desenvolvimento posterior. Nessa época, a proporção dos seguidores das religiões japonesas tradicionais e a dos fiéis da Igreja Católica, dentro da colônia, são praticamente iguais. No entanto, a conversão ao catolicismo se dava muito mais por uma questão de prática e de conveniência social do que por convicção religiosa (Ibid., p. 579).

Em sua exposição, Mori analisa o trabalho de difusão das religiões japonesas dividindo-as em três grupos: budistas, xintoístas e outras. A Igreja Messiânica Mundial ou *Sekai Kyusei*

Kyo, como o autor preferiu se referir em seu trabalho, se encaixa no último grupo, juntamente com a Seicho-no-ie, Perfeita Liberdade (PL), *Reiyu-kai* e outras.

Na década de 1960, com exceção da Igreja Messiânica, os seguidores das religiões de origem japonesa eram praticamente todos *nikkei*. Mori atribui este fato à falta de estruturação dessas organizações religiosas para trabalhar com os não *nikkei* e ao forte desejo presente na comunidade japonesa de que elas atuassem visando especificamente ao público japonês, carente de um pilar que pudesse preencher a lacuna deixada pela proibição do culto ao imperador após o fim da Guerra.

Mori (1992) agrupa as religiões de origem japonesa, da segunda metade dos anos 1960, em dois blocos: de um lado, aquelas que conseguiram romper a barreira da etnicidade e conquistaram, com sucesso, seguidores não *nikkei*; de outro, aquelas que, apesar de desejarem conquistar seguidores não *nikkei*, não superaram as barreiras da etnicidade, ou ainda, aquelas que não visaram trabalhar junto à população não *nikkei*. Segundo o autor, esta diferença pode ser atribuída a diversos fatores, tais como: conteúdo da doutrina, estratégia de difusão etc.

Também foram apontadas por Mori (1992), como razões para o aumento do número de fiéis não *nikkei* das religiões de origem japonesa, os processos de industrialização e urbanização que começaram a ocorrer na sociedade brasileira a partir da segunda metade da década de 1930 e foram acentuados no pós-guerra bem como as mudanças que eles provocaram na sociedade brasileira, tais como o desaparecimento e/ou enfraquecimento do grupo familiar e das relações de vizinhança, o fortalecimento da secularização, do individualismo e do anonimato. Aliados a estes fatores, assinalou ainda a rápida expansão de uma classe média urbana, com todos os seus problemas e dilemas.

Por exemplo, a classe média procura conservar os valores e atitudes da classe alta tradicional, mas como lhe faltam bases econômicas necessárias à manutenção, isso se torna difícil; o marido brasileiro possui, arraigado, o sentimento de machismo, um dos valores tradicionais da sociedade brasileira, e pensa que a mulher deve ser obediente e permanecer no lar, mas a fragilidade econômica produz a necessidade do trabalho da mulher fora do lar, impondo um relacionamento diferente da relação tradicional do casal, e a adaptação a essa nova relação [...]. Outrossim, na região urbana surgiram diversos tipos de profissão, que implicaram o aparecimento de problemas de adaptação às novas relações humanas no local de trabalho e também às práticas profissionais, e, nesse processo, tornou-se necessária a procura de novos valores e atitudes [...]. (MORI, 1992, p. 589).

Nesse contexto, as religiões de origem japonesa, bem como o espiritismo, as religiões afro-brasileiras e outras ganham espaço dentro do campo religioso brasileiro, apresentando novos valores e respostas para uma sociedade em plena transformação.

2.2 A DIFUSÃO DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL NO BRASIL

A Igreja Messiânica Mundial (IMM) chegou ao Brasil na década de 1950, juntamente com as primeiras levas de imigrantes japoneses que adentram no país após o fim da Guerra. Esta época, como delimitou Mori (1992), corresponde ao período marcado pela ressurreição das religiões japonesas. No caso da IMM não se tratou exatamente de uma ressurreição no sentido de ressurgimento, pois, até então, ela não estivera presente no Brasil. Não existe nenhum registro que assinale a presença de um fiel messiânico em terras brasileiras antes de 1953.

Neste ano, é sabido (porém, não há registros oficiais) que um membro da Igreja Messiânica do Japão, chamado Nakata, imigrou para o Brasil no intuito de trabalhar como agricultor, mas, até onde se sabe, ele nunca atuou na linha de difusão (informação verbal)⁹⁶. Portanto, os membros e missionários que vieram para o Brasil para divulgar a fé, começaram do zero, diferentemente de algumas religiões que, por possuir um grande número de fiéis no país, enviou missionários para darem assistência religiosa a eles.

2.2.1 Missionários imigrantes

De acordo com um quadro (ANEXO A) elaborado por Katsumi Yamamoto⁹⁷ sobre os membros que emigraram para o Brasil – contendo nomes, data de chegada, igreja de origem, motivação da viagem, tipo de visto e a fonte de recursos –, o primeiro messiânico a pisar em terras brasileiras foi o deputado federal Kaju Nakamura, que esteve aqui temporariamente como membro da comissão do governo japonês enviada ao Brasil para concluir o convênio de emigração em 1951. A partir do restabelecimento do fluxo de imigração, em 1953, até seu cancelamento, em 1973, trinta e quatro membros, entre ministros, seminaristas e dedicantes, partiram do Japão rumo ao Brasil com o intuito de difundirem a fé messiânica. Além destes, constam dos registros, sete famílias de membros que imigraram com o objetivo de

⁹⁶Esta e outras informações apresentadas aqui sobre a difusão pioneira da IMM no Brasil foram obtidas durante uma aula sobre a história da IMMB, ministrada em 18 de novembro de 2006, pelo Rev. Katsumi Yamamoto – ministro integrante que viera do Japão para difundir a fé messiânica no Brasil a partir de novembro de 1961. Ao longo de vinte e dois anos (1976-1998), ele permaneceu no cargo de vice-presidente da IMMB, exercendo a função de presidente em exercício durante as longas ausências de Tetsuo Watanabe – que, a partir de meados da década de 1980, passou a dividir seu tempo entre a presidência da IMMB e a presidência da Comissão da Difusão Mundial. Após aposentar-se, Yamamoto tornou-se conselheiro da IMMB e é presidente da Comissão de Elaboração do Histórico da IMMB.

⁹⁷Cf. nota anterior.

desenvolverem a agricultura e que, mesmo não tendo trabalhado efetivamente na linha de frente da difusão, apoiaram-na de alguma forma.

Outro dado que chama a atenção no quadro elaborado por Yamamoto é a idade dos missionários que vieram para o Brasil. À exceção dos membros que vieram com suas famílias no intuito de desenvolver a agricultura, todos que imigraram para cá com o objetivo de divulgarem a fé messiânica eram muito jovens. Os mais velhos, ao chegarem ao país, não tinham mais do que 28 anos de idade; a mais nova foi Teruko Sato que, aos 18 anos, enfrentou as vicissitudes dos acampamentos da Amazônia; a maioria, porém, possuía entre 20 e 24 anos. Além disso, desses trinta e quatro jovens que vieram fazer difusão aqui, somente Nobuhiko Shoda e Hidenari Hayashi⁹⁸ já possuíam qualificação sacerdotal quando deixaram o Japão. A partir destes dados e dos depoimentos de alguns desses pioneiros, conclui-se que a difusão pioneira da IMM no Brasil foi feita por jovens que, apesar de terem o forte desejo de expandir a “luz e os ensinamentos da salvação” neste país, tinham pouca experiência de vida e quase nenhuma sacerdotal. Mesmo assim, apesar das dificuldades enfrentadas, como será visto posteriormente, foram bem-sucedidos na empreitada a que se dispuseram.

2.2.2 Desenvolvimento da IMM no Brasil

Masako Watanabe (2001)⁹⁹ propõe uma periodização da trajetória da IMM no Brasil

⁹⁸A informação sobre a titulação sacerdotal de Hidenari Hayashi (atual presidente da IMMB) foi obtida durante entrevista realizada com Sadao Yamashita (diretor aposentado da IMMB) e Mikio Takase (diretor da Divisão Editorial da IMMB) em abril de 2010.

⁹⁹WATANABE, M. “Sekai Kyusei Kyo Jyorei no Kiseki to Ikusei Shisutemu” [IMM – Os milagres do Johrei e o Sistema de Formação]. In: **Burajiru nikkei Shinshukyo no Tenkai: Ibunka Fukyo no Wadai to Jissen** (*Developmental Processes of*

dividindo-a em cinco grandes fases: 1) Difusão pioneira desenvolvida por unidades religiosas (igrejas) do Japão (1955-1961); 2) Estabelecimento de uma sede e criação de igrejas, unidades-base da difusão (1962-1975); 3) Autonomia da sede brasileira (1976-1984); 4) Construção do Solo Sagrado e consolidação do sistema de formação (1985-1994), e 5) Esforços para uma reestruturação interna após a inauguração do Solo Sagrado (a partir de 1995 até os dias atuais).

2.2.2.1 Primeira fase: a difusão pioneira desenvolvida por unidades religiosas (igrejas) do Japão (1955-1961)

O início da difusão no Brasil, diferente da dos Estados Unidos, que fora planejada e ordenada pelo próprio Mokichi Okada, não partiu de uma iniciativa direta da Sede Geral da IMM no Japão, mas sim, dos ministros e membros de algumas igrejas.

Em 1953, Higuchi e Ajiki partiram para a América, juntos, para difundirem a fé messiânica e estavam alcançando bons resultados.

No mesmo ano, atendendo à solicitação de uma imigrante, Meishu-Sama enviou alguns *ohikari* para a Argentina pelo correio. Posteriormente, recebeu uma carta na qual eram relatados muitos milagres que estavam ocorrendo por lá. Entusiasmado, Mokichi Okada passou a publicar artigos a respeito desses fatos nos periódicos da Igreja, compartilhando com todos sua intenção de, num futuro próximo, enviar missionários a outros países. Assim,

naturalmente, crescia entre seus discípulos e seguidores o desejo de levar a cabo o sonho do mestre: ver a luz do *johrei* e o caminho da salvação difundidos a toda humanidade.

Coincidindo com a retomada do programa de imigração estabelecido entre os governos do Japão e do Brasil, no início da década de 1950, alguns responsáveis de igreja e membros ligados a eles viram na emigração para o nosso país uma oportunidade para difundirem a fé. A chegada do ministro integrante¹⁰⁰ Nobuhiko Shoda (26 anos de idade) e de seu assistente, Minoru Nakahashi (19), em 9 de agosto de 1955, é considerada a data oficial do início do trabalho de difusão em solo nacional.

Entretanto, um ano antes, uma jovem dedicante ligada à Igreja Zuiun, cujo responsável era Koichi Yamane¹⁰¹, viera como imigrante para o Brasil com o objetivo específico de difundir a luz da salvação e os ensinamentos de Meishu-Sama. Quando Yamane comunicou a Meishu-Sama as intenções da jovem de imigrar para o Brasil para fazer difusão, Meishu-Sama orientou-o a entregar a ela uma caligrafia da imagem da luz divina (*Komyo Nyorai*) e uma fotografia sua (próprias para serem entronizadas em altar) e dez *ohikari*¹⁰² para serem outorgados às pessoas que se interessassem. O nome da dedicante é Teruko Sato (depois de casada, passou a se chamar Teruko Yoneyama). Ela desembarcou no Brasil em novembro de 1954, aos 18 anos de idade. Devido à precariedade e às atribulações da vida de imigrante, como será apresentado em seguida, não pôde iniciar o trabalho missionário logo que chegou ao estado do Amazonas. Mesmo assim, sua trajetória missionária pouco

¹⁰⁰“Ministro integrante” é a nomenclatura utilizada pela IMMB para denominar os ministros religiosos que se dedicam exclusivamente à Igreja e que são remunerados por isso. Os ministros não remunerados são denominados “ministros dedicantes”.

¹⁰¹Koichi Yamane (1924-1976) foi um grande entusiasta da difusão mundial. A difusão pioneira em Okinawa (que, durante 27 anos, desde o final da Segunda Guerra, estivera sob o domínio dos EUA) e na Tailândia também fora iniciada e desenvolvida por seus discípulos.

¹⁰²Medalha em cujo interior se encontra uma reprodução do ideograma *Luz* caligrafado por Meishu-Sama. É por meio do *ohikari* que o portador torna-se apto a canalizar a divina luz do *johrei*.

conhecida, inclusive pela comunidade messiânica brasileira, como ressaltou Tomita (2009)¹⁰³, é digna de ser registrada e divulgada.

A história de Teruko Sato

Em 2007, a Revista Izunome, editada pela IMM no Japão, publicou a história do trabalho missionário de Teruko Sato, dividindo-a em duas partes.

Em sua tese de doutorado, Tomita (2009) traduziu e publicou a primeira parte desta história, que será transcrita abaixo. Em seguida, será reproduzida também a segunda parte, traduzida a várias mãos, mas que ainda não foi publicada em língua portuguesa. A primeira parte enfoca, principalmente, as motivações que a levaram a imigrar para o Brasil e sua vida como imigrante. A segunda trata principalmente do trabalho de difusão pioneira desenvolvido por ela. As duas partes juntas constituem um importante registro que possibilita conhecer melhor tanto a realidade enfrentada pelos imigrantes daquela época, quanto os aspectos importantes dos primórdios da difusão da IMM no Brasil.

Primeira parte:

Nasci em uma pequena cidade ao sul de Okayama, em 4/2/1936. Em meados de 1945, numa época em que a Igreja Messiânica e seus membros eram chamados de ohikari-san, eu morava defronte à casa de uma família messiânica. Minha mãe, que era doente, passou a receber Johrei e, em 1952, nós nos tornamos membros. Mensalmente, o ministro responsável da Igreja Zuiun vinha ministrar palestras em que falava de assuntos do Mundo Espiritual e antepassados, enfim, coisas que não aprendíamos na escola.

¹⁰³TOMITA, Andréa Gomes Santiago. Recomposições identitárias na integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica no Brasil. São Bernardo do Campo, SP, 2009. 319p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião – Teologia e História). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2009. (texto revisado)

Por volta de 1954, em nossa unidade religiosa, já ouvíamos por parte do ministro Yamane os relatos dos resultados missionários da ministra Kiyoko Higuti e do ministro Haruhiko Ajiki no Havaí e EUA. Diante destas notícias, aos poucos, passei a cultivar o desejo de dedicar-me à difusão no exterior, a exemplo da ministra Higuti. Nessa época, soube que minha família planejava migrar para o Brasil. Ciente desta possibilidade, o ministro Yamane relatou a Meishu-Sama, que imediatamente disse: “Entregue-lhe a imagem de Deus e o Ohikari para que ela leve consigo”. Diante desta resposta de Meishu-Sama, minha certeza de ida ao Brasil se fortaleceu ainda mais. Contudo, durante o processo de pedido de imigração, minha mãe foi acometida de um problema de visão que atrasou a nossa partida. Como uma família conhecida queria migrar para o Brasil e necessitava aumentar o número de pessoas para o trabalho, optei por embarcar antes de meus familiares. Apenas Deus sabia que a separação de minha família seria mais longa do que tinha imaginado...

Aos 18 anos, deixei o Japão em direção ao Brasil levando comigo o forte desejo de servir a Meishu-Sama. Em momento algum, senti medo ou tristeza por partir sozinha. Durante a viagem, não foi fácil viver em alto-mar durante dias a fio e ter de comer *umeboshi* e sopa de arroz diariamente por causa dos enjoos [*sic*] causados pela viagem marítima. Após uma pausa em Los Angeles para abastecimento de combustível e mantimentos, cruzamos o canal do Panamá, tendo chegado ao norte do Brasil, no porto de Belém. Fomos transferidos para um navio brasileiro e subimos o rio Amazonas. Desde que deixara o Japão, dois meses tinham se passado. Chegamos à colônia de Bela Vista, localizada no estado do Amazonas, distrito de Manacapuru, após uma viagem de 1.400 km de extensão. Até chegarmos à fazenda, foi necessário andar cerca de meio dia. O local era uma

floresta desbravada em que havia umas poucas famílias de colonos instaladas. Não havia moradia, água, energia elétrica ou instalações necessárias à vida cotidiana. Comunicar-me com minha família em Okayama era algo completamente impossível. Imediatamente, os homens puseram-se a derrubar árvores para construir casebres, e as mulheres, a cuidar da alimentação. Devido ao clima tropical, éramos picados por insetos e mosquitos dia e noite. Enfrentamos muitos desafios nesta época de adaptação. (...) Foram dias de constante medo e tensão.

Em meio a esta dura realidade, à noite, sozinha, costumava fitar o firmamento e a chorar me perguntando: “O que vim fazer neste fim de mundo... Queria servir a Meishu-Sama e vim para o meio da floresta, viver uma vida primitiva. Será que Meishu-Sama me abandonou? Por que preciso passar por tanto sofrimento? Mãe, pai, vocês estão vendo estas estrelas? Por que acabei vindo, sozinha? Será que Meishu-Sama não previa isso?”

Por outro lado, pensava que não podia me entregar daquela maneira. “Se ao menos pudesse ministrar Johrei aos colonos... Passei a oferecer Johrei a quem estivesse gripado ou com problemas de pele. Contudo, ninguém me dava atenção chegando até mesmo a achar e dizer que eu estava meio abilolada. Diante do desprezo das pessoas, decidi que não mais falaria sobre o Johrei ou religião. Comecei então a trabalhar mais ainda e optei por me desvencilhar da família com quem viera ao Brasil. Trabalharia com famílias que estivessem precisando de mão-de-obra. Passei a roçar os campos, plantar batatas, entre outros trabalhos. Diante disso, pensei que, se minha família viesse para o Brasil, não teria como aguentar tanta dureza. Assim, escrevi aos meus pais pedindo que eles desistissem de migrar para o Brasil. Após alguns meses, recebi uma carta de minha mãe.

Trazia a triste notícia da ascensão de Meishu-Sama ao Mundo Espiritual. Levei uns três dias para me refazer de tamanho choque e crer que ele me protegia do Mundo Espiritual. E que se eu continuasse chorando, Meishu-Sama ficaria triste também...

Certo dia, em meio ao meu trabalho na lavoura, o senhor Naito disse-me que precisava de pessoas para trabalharem consigo. Assim, novamente de barco, parti para Monte Alegre no distrito de Itacoatiara, próximo a Parentins, AM, levando comigo a imagem de Deus e alguns Ohikari. Passei a trabalhar numa loja que vendia alimentos. Trabalhava de dia e, à noite, estudava português à luz de lampião. Naturalmente, muitas eram as diferenças de costume, língua e alimentação em comparação com a vida no Japão. Contudo, em relação à vida que levava na colônia anterior, em Bela Vista, tudo tinha mudado para melhor. Era tratada como filha da família Misono. Aprendi o serviço e, em meio a um novo ambiente, novamente desejei difundir o Johrei, tentando explicá-lo em poucas palavras. Depois de muitas tentativas, algumas pessoas passaram a me ouvir. Naturalmente, não consegui explicar bem o significado do Johrei, mas pouco a pouco foram surgindo pessoas interessadas em recebê-lo.

Depois de um tempo, novamente recebi uma correspondência de minha mãe. Ela transmitia-me um recado do ministro Yamane em que ele dizia que, após a ascensão de Meishu-Sama, um ministro chamado Nobuhiko Shoda havia chegado a Curitiba para fazer difusão no Brasil. Sugeriu então que eu me juntasse a ele para desenvolver atividades missionárias. Imediatamente entrei em contato com o ministro Shoda e decidi que rumaria ao sul do país. Ao comunicar minha decisão ao casal Misono, eles mostraram-se compreensivos e me incentivaram a concretizar meus objetivos. Com o dinheiro que consegui juntar, comprei as

passagens aéreas e, pela primeira vez, subi num avião. No aeroporto, fui recebida por membros tendo sido levada ao encontro do ministro Shoda na igreja. A partir daí, empenhei-me em servir na prática do Johrei na Igreja. (TOMITA, 2009, p. 53-55).

Segunda parte:

O então ministro Shoda, que chegara ao Brasil em 1955, inicialmente focou a difusão entre os japoneses e seus descendentes. A unidade de Curitiba, ponto de difusão onde ele se estabelecera, chegava a contar com a presença de algumas dezenas de pessoas durante o culto mensal. O imóvel fora doado pelo Sr. Shigeru Watanabe, que se tornara membro no Brasil, e projetado para ser um pensionato. Porém, com o aumento do número de membros, o local acabou tornando-se pequeno e começamos a procurar outro imóvel.

Certo dia, um dos membros encontrou uma casa com grande jardim e aluguel baixo. Logo depois da mudança, uma vizinha perguntou: "Não notaram nada de errado nesta casa? Vocês conseguem dormir bem?" Posteriormente, ficamos sabendo que a casa estava sempre vazia por ser considerada uma "casa assombrada". [...] Após fazermos a Cerimônia de Purificação, os barulhos estranhos desapareceram e, na mesma época, a frequência de pessoas que nos procuravam começou a aumentar.

Certo dia, a Sra. Tomoe Takahara, membro que vivia na cidade de Tupã, no interior de São Paulo, nos enviou uma carta, comunicando que, em sua cidade, havia muitos doentes, e nos pedia ajuda. O Rev. Shoda, após fazer uma visita à cidade, designou que eu me mudasse para lá.

Em Tupã havia somente as famílias Takahara e Kokumai de membros. Juntos, procuramos uma casa para iniciarmos a ministração de Johrei. O Rev. Shoda havia

deixado dinheiro para pagar apenas dois meses de aluguel, o que significava que, se não conseguíssemos suprir as despesas com a oferta de gratidão recebida das pessoas pelo Johrei, seríamos despejados.

Eu procurava com todo o empenho pessoas que aceitassem receber Johrei. As senhoras Takahara e Kokumai encaminhavam pessoas doentes para que eu pudesse lhes ministrar Johrei e, além disso, me ajudaram bastante, oferecendo-me armários, panelas e outros utensílios necessários no lar, desculpando-se por serem usados.

Pela manhã eu ministrava Johrei nessas pessoas e, à tarde, visitava hospitais procurando nas salas de espera pessoas que quisessem receber Johrei. Felizmente, elas começaram a surgir, uma após a outra. Vivíamos dias repletos de milagres: cura de cegueira, de paralisia infantil, de reumatismo e outros. As pessoas que recebiam graças contavam a outras e assim, por meio da divulgação boca a boca, começaram a surgir mais e mais frequentadores. Àqueles que, após a imigração para o Brasil, sentiam que estavam descuidando de seus antepassados, fazíamos o assentamento dos antepassados [no oratório] e também o *Sorei-Saishi*¹⁰⁴.

Diante das claras manifestações da salvação, tivemos a permissão de, antes do final do segundo mês, obter a quantia necessária para o pagamento do aluguel do mês seguinte. Como os membros nos agradeciam doando mantimentos, não tínhamos mais nenhuma preocupação.

Os brasileiros aprendem a acreditar em Deus desde que nascem e, mesmo preservando suas crenças nativas, têm o hábito de frequentar as missas aos domingos. Convivi com um povo bastante tolerante que geralmente nos ouvia falar sobre o Johrei sem nenhum preconceito, sem nos refutar antes mesmo de nos

¹⁰⁴Ofício religioso de assentamento e sagração dos ancestrais.

ouvir. Graças a essa característica, talvez, a difusão tenha se expandido bem, havendo meses em que a outorga do *ohikari* contava com dezenas de novos membros.

Frequentemente, eu era acordada por causa do barulho que vinha lá da rua e, olhando pela janela, constatava a longa fila que se formava para receber Johrei. Em dias assim, para conseguir ministrar Johrei em todos que estavam esperando, eu não fazia outra coisa. Por isso deixava minha refeição preparada no dia anterior e tudo o que conseguia comer era arroz com um pouco de sal entre um Johrei e outro. Eram dias de extrema ocupação, mas também de extrema alegria.

Após alguns anos, nossa casa já não comportava o número de membros que vinham participar do culto mensal. Encontramos uma nova casa, mas o valor do aluguel era o triplo, o que nos fez vacilar. Porém, a sala que seria usada como nave era ampla, tinha um quarto para as pessoas que vinham de cidades distantes, e muitos membros gostaram do imóvel – isso fez com que nos decidíssemos por alugá-lo.

Posteriormente, liderados pelos casais Takahara e Kokumai, criamos a associação de senhoras, nomeamos os encarregados de ikebana, da recepção do culto mensal e da limpeza. Conforme o número de membros ia aumentando, a própria estrutura da igreja também ia se estabelecendo.

Nessa época, 50% da oferta de gratidão era enviada à Sede Central, em São Paulo, e 50% podiam ser aplicados livremente nas atividades da unidade. No entanto, como o donativo ofertado pelos membros é dinheiro concedido por Deus e Meishu-Sama, eu o utilizava com parcimônia e fazia economia.

Em 5 de outubro de 1961, seria realizada a cerimônia de inauguração do novo Templo Messiânico, no Solo Sagrado de Atami. Nessa ocasião, ofereci toda a

quantia que havia poupado para que o Rev. Shoda pudesse comprar sua passagem de avião e ir ao Japão. Quando ele voltou, no ano seguinte, trouxe a maravilhosa notícia de que, finalmente, jovens integrantes seriam enviados ao Brasil para fazer difusão. Este grupo era composto por oito jovens, dentre os quais estava o nosso atual presidente, Revmo. Tetsuo Watanabe.

Nessa época, eu fazia difusão também em outras cidades, não me restringindo a Tupã. Às vezes, ia de carona com vendedores; outras, ia de jipe no meio dos cafezais, e até em ônibus velhos, que quebravam no meio da estrada e que tínhamos de empurrar quando atolavam.

Um dia, em meio a tudo isso, um pensamento me veio à mente: “Será que o que estou fazendo está correto? Mal sei qual é a diretriz da igreja! Será que conseguirei realmente conduzir os membros ao caminho da felicidade se continuar fazendo difusão com tão pouca experiência e parco conhecimento dos ensinamentos?” De repente, fui tomada por uma profunda insegurança e vazio.

Ao consultar o Rev. Shoda, que acabara de voltar do Solo Sagrado, ele recomendou que eu fizesse um breve retorno ao Japão.

Em 1963, após nove anos, cruzei novamente o Pacífico, desta vez, rumo ao Japão, numa viagem de vários dias. Quando vi o monte Fuji pequenino, depois de tanto tempo vivendo no exterior, várias lembranças vieram à tona e eu chorei copiosamente, escondida de todos.

Fui direto para o Solo Sagrado de Atami. Sentei-me diante do altar do Templo Messiânico recém-inaugurado e, esquecendo-me do longo tempo que havia passado, chorando, agradei a Meishu-Sama todas as graças recebidas até então.

Voltando a Okayama, fui ao encontro do Rev. Yamane para prestar relatório, mas ao vê-lo não consegui proferir uma só palavra tamanha era minha emoção. Ele me

orientou a primeiro voltar para casa e encontrar-me com meus pais. Lá chegando, abracei meus pais, que pulavam de alegria com o reencontro e, ao abraçá-los, me dei conta dos nove anos de distância, do tempo que havia passado, de meu próprio amadurecimento.

A partir de então, comecei a dedicar em Okayama junto ao Rev. Yamane, em que aprendi muito dando assistência aos membros. Posteriormente, dediquei também no então Departamento Internacional, fazendo traduções para o português e relatando com detalhes as atividades de difusão no Brasil.

Certo dia, fui chamada para um encontro com a Terceira Líder Espiritual, Kyoshu-Sama. Levei um grande susto e me encaminhei junto com o Rev. Yamane ao Hekiun-So, onde ela se encontrava.

A Terceira Líder Espiritual me ouvia e respondia, concordando de maneira muito gentil: "Ah, sim? É mesmo?". Quando terminei, ela me disse: "Imaginei que a difusão no Brasil estivesse sendo feita só por homens, mas você chegou primeiro com a missão de dar à luz o trabalho de difusão a ser desenvolvido... Muito obrigada! Continue se esforçando!" Essas palavras apagaram todos os sacrifícios e os sofrimentos vividos até então e fui tomada por profunda alegria e emoção.

Após um ano de permanência no Japão, voltei a Tupã. O trabalho de difusão já se ampliara, chegando a várias cidades importantes próximas a São Paulo. A Sra. Sada Aono, que recuperou a saúde graças ao *johrei*, começou a falar sobre a graça recebida a seus vizinhos e pedia que eu a visitasse na cidade de Álvares Machado de vez em quando. Lá, ela alugava uma sala em um templo budista da escola Shingon e iniciamos o trabalho de difusão e a ministração de Johrei. Havia muitos japoneses naquela região e, sempre que era marcada alguma atividade, esta era divulgada em japonês pela rádio local. Desta forma, minhas visitas eram

anunciadas a todos os imigrantes.

Certa vez, percebi os missionários falando sobre algo reservadamente, como que em segredo. Fiquei preocupada e comecei a me perguntar se havia feito algo errado, mas decidi não perguntar nada. No dia do culto mensal, um representante dos membros disse que eles achavam que deveria ser muito penoso para eu viajar sempre de ônibus ou de trem e me presentearam com um automóvel zero km. Eu não sabia o que dizer e comecei a chorar de gratidão pelo esforço feito pelos membros. Assim, graças às pessoas maravilhosas que encontrei pelo caminho, consegui desenvolver a difusão.

Baseada na igreja Tupã tive a permissão de visitar vários locais de difusão e de auxiliar inúmeras pessoas. Nos 15 anos de atividades na cidade de Tupã e região, foi possível atingir um total de quase mil membros. Dentre eles, foram formados vários ministros.

Relembrando a minha trajetória, foram grandes as dificuldades e sacrifícios por que passei na juventude, mas sempre contei com a proteção de Meishu-Sama e com a colaboração e ajuda de muitas pessoas enquanto me dedicava de corpo e alma à difusão do Johrei. Depois de minha época, graças a vários jovens ministros integrantes, foi permitida por Meishu-Sama a estruturação da grande organização que existe hoje.

Aos 35 anos, em 1971, casei-me e deixei a linha de frente da difusão.

Discorri sobre minha humilde carreira missionária, mas espero que ela sirva de alguma forma para os jovens que desejam fazer difusão mundial.

Desejo que mais jovens japoneses se empenhem nesse trabalho, por todo o mundo. Oro permanentemente a Meishu-Sama para que eles aprendam o idioma, a cultura e as tradições do país em que forem desenvolver suas missões, que levem os

Ensinaamentos de Meishu-sama e a maravilha do *johrei* a todas as pessoas do mundo.¹⁰⁵

Atualmente, Teruko Sato (Yoneyama) vive no Japão, na província de Chiba, e frequenta um *johrei center*¹⁰⁶ da região, no qual, além de se dedicar à ministração do *johrei*, realiza o culto mensal dos imigrantes brasileiros que vão a esta unidade.

A partir do relato de Teruko, constata-se que, não obstante o desejo de divulgar o *johrei* e os ensinamentos de Meishu-Sama aos brasileiros (sentimento evidenciado pelo fato de Teruko, Shoda e Nakahashi terem, tão logo chegado ao Brasil, se dedicado ao estudo da língua portuguesa), o pouco (ou quase nenhum) conhecimento do idioma obrigou os pioneiros a começar a difusão focando a comunidade *nikkei*. Eles saíam à procura de doentes para que pudessem lhes ministrar o *johrei* e, quando o conseguiam, além de ministrá-lo, procuravam explicar a obra e os ensinamentos de Meishu-Sama.

Entretanto, o primeiro messiânico a ser outorgado no Brasil não o fizera por causa da doença. Otsuo Baba, que, na época já contava 60 anos de idade, era uma pessoa muito culta e bem-sucedida nos negócios. Ele vivia com a família em Belo Horizonte, Minas Gerais. Nakahashi conheceu Baba por intermédio do diretor de um jornal japonês (o Jornal Showa), no qual o jovem pioneiro estava atuando como colaborador na coluna literária. Conta-se que, aficionado por literatura e filosofia, Baba pediu a Nakahashi que lhe explicasse melhor sua religião. Ao invés de explicar, Nakahashi preferiu emprestar-lhe o livro de ensinamentos *Alicerce do Paraíso*. Baba o teria lido avidamente em apenas quatro dias. Em seguida, tornou a lê-lo. Repetiu sua leitura quatro vezes e, convencido de que esta era a religião que procurava, tornou-se membro. Pela intervenção direta de Baba, seguindo a ele, mais trinta e

¹⁰⁵ SEKAI KYUSEI KYO (Ed.). **IZUNOME**. [Revista Izunome]. N° 73. Japan: Sekai Kyusei Kyo Izunome Publishing Dept., 2007.

¹⁰⁶ Johrei center é uma denominação das unidades religiosas da IMM.

seis pessoas receberam o *ohikari*. Dentre estas, encontravam-se pessoas bem posicionadas na comunidade *nikkei* paranaense, o que colaborou para que a difusão se desenvolvesse rapidamente naquele estado e sua capital se tornasse a base da difusão no Brasil.

Em 1957, um membro fervoroso da Igreja Daijo do Japão, chamado Ken'ichi Kato, imigrou com a família para o Brasil com o objetivo de difundir a fé messiânica paralelamente ao trabalho como agricultor. Dois anos após ter chegado, escreveu ao responsável da igreja à qual era filiado no Japão, solicitando-lhe missionários que pudessem ajudá-lo no trabalho de difusão que estava realizando em São Bernardo do Campo, São Paulo. Atendendo à solicitação de Kato, foram encaminhados pela Igreja Daijo, Kazuro Hosono (mar/1959), Morihiro Hirata (nov/1960) e Katsumi Yamamoto (nov/1961). Posteriormente, integrando a primeira turma de seminaristas enviados pela Sede Geral, em 1962, da Igreja Daijo, vieram ainda Isao Yokoyama e Sayohiko Asami.

Paralelamente à Igreja Daijo, as igrejas da IMM do Japão que mais investiram nessa primeira fase da difusão no Brasil foram: a Igreja Seiko, que enviou Shoda e Nakahashi (ago/1955) e Kanbe e M. Nakahashi (jul/1962); a Igreja Zuiun, que encaminhou Teruko Sato (nov/1954) e Kunji Okada (set/1962); e a Igreja Kiko, que mandou Katsumi Morimoto [sobrenome de casado, Kogure] (jan/1958), Hitoshi Nishikawa e Mitsuhiro Omae (jul/1962).

Por ter se tratado de uma iniciativa voluntária dos responsáveis e membros dessas igrejas, não contando ainda, com o suporte da Sede Geral, cada missionário que veio para o Brasil buscava desenvolver suas atividades com base nas orientações que receberam e continuavam recebendo de seus antigos orientadores. Portanto, nesta primeira fase, não havia uma diretriz que nortearia o trabalho de todos.

Intuitivamente, esses missionários desenvolveram a atividade de difusão, baseando-se na cura de doenças por meio do *johrei* e na exaltação dos malefícios causados pelos medicamentos (teoria da toxicidade dos remédios). Nesse segundo tópico, as denúncias por curandeirismo foram um dos principais problemas enfrentados junto a uma parte da sociedade. A solução para esses casos foi a mudança das atividades para outra localidade.

No campo cultural, uma das principais dificuldades enfrentadas pelos pioneiros foi como explicar o ofertório de gratidão em dinheiro. Muito diferente do Brasil católico, no Japão, a cultura da retribuição é vastamente difundida e enraizada. É por meio dela que se manifesta a gratidão por algo recebido e, principalmente nos meios religiosos, trata-se da maneira mais comum de se retribuir as graças recebidas. Neste sentido, a contribuição de Shigeru Watanabe – um imigrante japonês, de formação protestante e que já tinha assimilado muito da cultura brasileira – foi essencial para tornar esta prática, na medida do possível, mais compreensível aos brasileiros.

Assim, conquistando a confiança, despertando a fé e recebendo o apoio dos patrícios e de seus descendentes, os pioneiros vindos do Japão foram desenvolvendo o trabalho de difusão da IMM no Brasil.

2.2.2.2 Segunda fase: o estabelecimento de uma sede e a criação de igrejas, unidades-base da difusão (1962-1975)

Como foi mencionado, além de Shoda, Nakahashi e Teruko, outros missionários vindos do Japão e alguns membros *nikkei* formados no Brasil se empenhavam na atividade missionária. Começam a surgir várias unidades religiosas, igrejas, concentradas nos estados de São Paulo e Paraná. Com o crescimento, começa a se tornar cada vez mais premente a necessidade de organizá-las dentro de um mesmo sistema.

Em setembro de 1961, Shoda, Nakahashi e Hosono (este último viera para o Brasil em 1959) retornam ao Japão para representarem o Brasil na inauguração do novo Templo Messiânico, conforme Teruko declarou. Nessa ocasião, os três ministros prestaram seus relatórios e expuseram a necessidade de criar um sistema com uma sede para unificar a difusão no Brasil. Até então, o trabalho de difusão que vinha sendo desenvolvido no Brasil não era devidamente reconhecido nem recebia ajuda financeira da Sede Geral (Matsuoka, 2004).

Shoda permaneceu cerca de oito meses no Japão, elaborando, junto com a diretoria da Sede Geral, o projeto de implantação da sede brasileira. Após seu retorno, concentrou seus esforços na realização desse projeto, conseguindo instituir, com relativa tranquilidade, a sede provisória da IMM no Brasil.

Com o estabelecimento da sede provisória, tem início o envio de relatórios regulares ao Departamento do Estrangeiro¹⁰⁷ da Sede Geral sobre as pessoas que visitam as unidades religiosas e sobre o número de membros (Cf. ANEXO B). Em 1963, existem 1.763 membros, dos quais 66% são *nikkei* e 34%, brasileiros sem ascendência japonesa.

Em 10 de julho de 1962, chega ao Brasil o primeiro grupo de missionários preparados e enviados pela Sede Geral. Dentre os oito jovens que vieram, estava Tetsuo Watanabe, presidente mundial da IMM desde 2000. Posteriormente, será comentado mais a seu respeito.

Em 1964, é efetivado o registro como pessoa jurídica da Igreja Messiânica Mundial – Sede Central do Brasil e, em 1965, foi fundada, de fato, a Sede Central da IMM no Brasil com a presença do presidente mundial da Igreja, Masakazu Fujieda, que participou da cerimônia

¹⁰⁷Posteriormente, foi denominado Depto. Internacional.

como representante da Líder Espiritual da IMM, Itsuki Okada, sua esposa. A cerimônia contou com a participação de mais de 18 mil pessoas. Ainda nesse ano, começa a ser editado o primeiro periódico em língua portuguesa.

Em 1965, o número de novos fiéis não *nikkei* (53.8%) ultrapassa o número de novos fiéis *nikkei* (46.2%).

Em 14 de junho de 1967, chega o segundo grupo de seminaristas enviados pela Sede Geral, integrado por nove jovens que foram preparados durante dez meses, estudando, entre outras disciplinas, português e cultura brasileira com um professor *nissei* que lecionava na Universidade Sophia.

Em 1969, foi inaugurado o edifício da Sede Central com a participação de nove mil pessoas.

Na Sede Geral no Japão, foi estabelecido o sistema administrativo que ficou conhecido como *Kyodan Ichigenka*, que significa, literalmente, unificação da Igreja (centralização do poder). Contrariadas com o novo sistema, algumas das maiores igrejas da IMM no Japão acabaram dissidiando. Uma delas foi a Igreja Seiko, igreja de origem de alguns membros da diretoria da Igreja no Brasil. Entre eles, o presidente. Temendo pela estabilidade da Igreja no Brasil, a Sede Geral chamou-o de volta ao Japão. Entretanto, outros dois diretores acabaram deixando a Sede Central do Brasil e fundaram suas dissidências. Todavia, tal fato não chegou a desestabilizar a IMM no Brasil.

Em 1970, foi criado o seminário de formação sacerdotal visando à formação de ministros brasileiros. No mesmo ano, inicia-se também o envio de caravanistas brasileiros para peregrinação nos Solos Sagrados do Japão.

Em 1971, foi instituída a Fundação Messiânica (renomeada Fundação Mokiti Okada em

1981) com o objetivo de desenvolver atividades artísticas, culturais, assistenciais e de pesquisas, especialmente no campo da Agricultura e meio ambiente.

Em 1972, foi fundada no Japão a Academia [de Ikebana] Sanguetsu, introduzida no Brasil em 1974. Neste mesmo ano, o Brasil recebeu, pela primeira vez, a visita missionária da Líder Espiritual, quando foi realizado um encontro que reuniu cerca de 18.900 fiéis. Três anos mais tarde, ela veio novamente, para inaugurar a igreja de Brasília e encontrar-se, desta vez, com 25 mil messiânicos.

A instituição da sede brasileira, estabelecendo um eixo com a Sede Geral, aliada às transformações vividas pela sociedade brasileira e o considerável aumento no número de fiéis e missionários não *nikkei* deram um grande impulso ao desenvolvimento da IMM no Brasil.

De acordo com Watanabe (2001), os principais desafios e dificuldades encontrados pela Igreja Messiânica, nesse período, foram o conflito interno causado pela cisão da Igreja Seiko, no Japão, e a falta de liberdade para difundir o método da agricultura Natural, pois ele ia de encontro à política agrícola do governo militar.

Com relação aos problemas causados pela “teoria da toxicidade dos medicamentos”, eles diminuiriam consideravelmente devido à orientação da Sede Geral, que recomendava moderação e bom senso em sua divulgação.

A partir desta realidade, é possível levantar a hipótese de que, com o início das atividades de cunho “ultra-religioso”^[108], alguns aspectos mais controversos da

108O termo ultrarreligião, *choshukyo*, em japonês, foi cunhado por Meishu-Sama para designar uma religião que abrange todas as áreas da atividade humana e não se restringe à religião, ou seja, uma religião que está para além da religião. A tradução do termo *choshukyo* como ultrarreligião, sugerem alguns estudiosos, deveria ser repensada, pois, seu sentido é ambíguo, principalmente quando este substantivo é adjetivado: por exemplo, atividade ultrarreligiosa. Ao ouvinte descontextualizado, o significado dessa expressão toma o sentido oposto do que ela significa no contexto messiânico.

doutrina messiânica tenham passado a ser transmitidos de forma mais branda, sem causar maiores choques à sociedade brasileira em geral, possivelmente, tendo sido alvo de maior reflexão pelos próprios dirigentes da instituição. (TOMITA, 2009, p.72-73).

2.2.2.3 Terceira fase: a autonomia da sede brasileira (1976-1984)

A partir da segunda fase da história da difusão da IMM no Brasil, um nome começou a se destacar: Tetsuo Watanabe (nascido em 1940), o atual presidente mundial da Igreja Messiânica. Por sua trajetória, ele acabou se tornando um marco na história da IMM no Brasil e no mundo. Dono de uma personalidade carismática e filho de um dos mais fervorosos e bem-sucedidos discípulos de Mokichi Okada, Katsuichi Watanabe, Tetsuo Watanabe, segundo Katsumi Yamamoto, transformou a paisagem da difusão da IMM no Brasil. Em 1964, graças à sua ousadia e determinação, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde não havia colônia japonesa, e abriu uma nova frente de difusão, dedicando-se à divulgação direta da fé messiânica para brasileiros não *nikkei*. Devido ao grande número de pessoas que, naquela época e por diversos motivos, transitavam entre o Rio de Janeiro e outros estados (resquícios do passado recente do Rio como capital federal), a difusão ganhou âmbito nacional.

Graças aos resultados obtidos por esse trabalho de difusão, quando foi instituído o Cendal (Centro de Difusão da IMM para a América Latina), na prática, a sede latino-americana da IMM, e Hirata deixou a presidência da Sede Central do Brasil para se tornar o presidente do novo órgão, Tetsuo Watanabe surgiu como o candidato natural a sucedê-lo na presidência da sede brasileira.

O novo sistema de poder centralizado, implantado no Japão em 1972, fortaleceu as sedes tanto do Japão quanto do exterior. Com isso, foi-se concretizando a autonomia da Sede

Central da IMM no Brasil.

Como seu presidente, de 1976 a 2006, Watanabe, dentre muitas outras coisas, consolidou e investiu na formação e aprimoramento do elemento humano, dando especial atenção ao programa de formação sacerdotal. Observando-se o fato deste programa priorizar o estudo da língua japonesa, é possível inferir que haja, por parte da direção da IMM, a intenção de se formar elementos capazes de preservar o vínculo com o Japão, tanto do ponto de vista doutrinário quanto operacional.

Sob a coordenação de Watanabe, foi construído o Solo Sagrado de Guarapiranga (SSG)¹⁰⁹, o primeiro fora do Japão. Depois que ele assumira o cargo de vice-presidente da IMM, no Japão, e se tornou o responsável do Departamento Internacional da Sede Geral, iniciou-se uma nova fase nas atividades de difusão mundial, que, exceto na maior parte dos países asiáticos, passaram a ser desenvolvidas principalmente por brasileiros.

Após ter vindo ainda bem jovem para o Brasil, passado boa parte da sua vida aqui e assimilado muito do “espírito brasileiro”, quando retornou ao Japão, Watanabe certamente não era mais um “autêntico” japonês. Mesmo de volta ao seu país de origem, ele continua passando, ao menos, três meses do ano no Brasil, atuando na condição de presidente de honra da IMMB e coordenando a segunda etapa da construção do Solo Sagrado de Guarapiranga. O restante do seu tempo, divide entre o Japão e os demais oitenta países nos quais a IMM está presente. Portanto, sua experiência como cidadão do mundo é motivo de grande expectativa na condução de uma Igreja Messiânica cada vez mais mundializada.

Transcrevo, a seguir, uma parte da entrevista concedida por Tetsuo Watanabe ao jornalista

¹⁰⁹Sobre o Solo Sagrado de Guarapiranga e os Solos Sagrados do Japão, cf. RIBEIRO, Carlos Roberto Sendas: **UM PROTÓTIPO DO PARAÍSO À BRASILEIRA** – Convergências e divergências entre o Solo Sagrado de Guarapiranga da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e os Solos Sagrados originais da Igreja Messiânica Mundial, no Japão. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

Gilberto Schoereder, em 2000, na qual descreve as motivações que o trouxeram ao Brasil, as dificuldades enfrentadas no início da carreira missionária, um resumo das principais conquistas e seus planos para o futuro:

O senhor veio para o Brasil com o objetivo de divulgar a Igreja Messiânica.

Quando e como isso foi feito?

Lá pelos idos do final da década de 50, eu vivia aquela fase que qualquer jovem vive, de indefinição quanto ao próprio futuro. Eu estava infeliz e insatisfeito comigo mesmo. Cresci acompanhando o trabalho missionário de meu pai, fervoroso seguidor do Mestre Meishu-Sama [...]. Presenciei centenas e centenas de milagres [...]. Fui testemunha ocular de graças e mais graças que os membros recebiam com os conselhos que meu pai, já um missionário convicto, transmitia, baseado nos ensinamentos e orientações do Mestre. Mas não me satisfazia prosseguir o trabalho desenvolvido por meu pai, usufruindo seus louros e méritos apenas. Eu queria fazer algo por mim mesmo. Um dia, pedi permissão a meu pai para me ausentar de casa e meditar sobre minha vida. Disse-lhe que iria para um templo zen-budista da cidade, onde ficaria fazendo meditação durante 10 dias. Meu pai não me impediu. Disse apenas para que eu cumprisse integralmente aquilo a que estava me propondo.

Fui até o templo, mas, para minha surpresa, soube que ele estava fechado. Sem alternativa e para não descumprir o que havia prometido, resolvi escalar uma montanha ao lado do templo, para lá meditar. Confesso que não consegui meditar quase nada. A fome, o frio e os mosquitos me impediram. Porém, uma coisa me veio à mente. Pensei: “Olhando a natureza, ela está sempre calada. Não reclama de nada. Só o homem é que vive reclamando das coisas da vida. E, afinal, de que adianta? Ninguém consegue viver como quer! Já sei! A partir de hoje, vou criar,

em mim, uma segunda pessoa para olhar para mim mesmo. Vou me tornar um barquinho de papel e deixar que esse barquinho navegue pela correnteza da vida. Para onde a correnteza me levar, eu irei”.

Voltei para casa depois de alguns dias, sujo e faminto. Achei que ia levar uma severa repreensão de meu pai, mas ele foi muito hábil e sábio para comigo. Não me disse nada. Apenas aconselhou-me a tomar um banho e, em seguida, me chamou para uma conversa. Depois desse diálogo, comecei a participar mais ativamente como líder de jovens na igreja e cursei o seminário por cerca de dois anos.

Numa outra ocasião, meu pai me chamou para conversar sobre outro assunto e me contou que fora procurado por missionários que estavam iniciando a difusão do movimento no Brasil e estavam precisando da ajuda de novos missionários. De supetão, ouvi a pergunta: “Você não quer ir para o Brasil?”. Pergunta inusitada aquela. Eu nada sabia do país, a não ser um pouco do que ouvira sobre a Amazônia, sobre os índios e sobre o café.

Perguntei se meu pai me daria tempo para pensar, e ele disse, “Sim! Você tem um minuto”. Nesse instante, como um *flash*, surgiu em minha mente o que eu tinha refletido na montanha dias antes. Lembrei-me do barquinho de papel e pensei, “É, parece que Deus está conduzindo meu barquinho para o Brasil...”. Incontinentemente, respondi, “Eu vou !”. Foi a decisão mais acertada de minha vida.

Alguns meses mais tarde, rumei para o Brasil junto com outros sete jovens. Foram 62 dias de viagem de navio. Aportamos primeiro no Rio de Janeiro e eu me encantei de imediato com a cidade. Acho que foi amor à primeira vista. Pensei, “Um dia eu volto para difundir os Ensinamentos de Meishu-Sama nesta cidade maravilhosa”. Nosso destino final, porém, era Santos. De Santos, fomos para São

Paulo, onde fiquei na antiga Igreja Butantã – na época, uma das bases da pequena e pioneira difusão no Brasil. Lá, eu ministrava Johrei a dezenas e dezenas de pessoas por dia.

Nos dois primeiros anos, só fiz isso: Johrei, Johrei e Johrei. Mesmo assim, ainda sem dominar o idioma, presenciei centenas e centenas de milagres. Conduzi perto de 700 pessoas, ganhei autoconfiança e achei que já estava pronto para enfrentar meu desafio: ir sozinho para o Rio de Janeiro.

Ledo engano. Cheguei ao Rio em julho de 1964, os milagres começaram a escassear. Batia de porta em porta oferecendo Johrei e era recusado com frequência. Fui ridicularizado e discriminado. Naquela época, os filmes americanos divulgavam a imagem do japonês como um povo covarde e traidor. Passei por inúmeras dificuldades: desconfiança, falta de dinheiro até para comer e dormir. Cheguei mesmo a dormir em bancos de praças e a me alimentar com um único sanduíche por dia. Foram oito meses muito duros. Pensei até que havia sido abandonado por Deus. Porém, um dia recebi o primeiro milagre. Um marinheiro acidentado que estava em coma, recuperou-se de um momento para o outro com o Johrei. Assim, voltei a ganhar a confiança e os milagres retornaram. Reuni um número de pessoas já certas, aluguei uma casa no Bairro do Maracanã, na Rua Santa Luiza.

Em função dos milagres que surgiam dia a dia, as pessoas começaram a vir, a melhorar e a divulgar os milagres. Apareciam centenas e centenas de pessoas por dia, chegando de madrugada para pegar senhas.

Como o senhor conseguiu expandir as atividades e divulgar mais amplamente a mensagem da messiânica?

Como disse, foi graças aos milagres do Johrei. Depois de ter me fixado no Rio e vencido as primeiras dificuldades, os milagres foram acontecendo às dezenas, às centenas, aos milhares.

Percebi, porém, que não bastava às pessoas receberem milagres. Não queria absolutamente formar *mendigos da fé*. Era preciso fazer delas pessoas úteis ao próximo. Tinha de fazer com que elas entendessem o pensamento maior de Meishu-Sama: “Para ser feliz, é preciso primeiro fazer feliz o seu semelhante”.

Comecei então o trabalho de formação do elemento humano. Fiz aulas, palestras, transmitia mesmo com o meu péssimo português as experiências que tinha vivido naquela semana, naquele mês.

O trabalho não foi só meu. Recebi sempre a colaboração de muitas pessoas, todas dispostas a fazer alguma coisa, por menor que fosse, em prol do crescimento da Obra. Nessa ocasião, os milagres também atraíram a atenção da grande imprensa e, no Rio, foram publicadas dezenas e dezenas de reportagens em jornais e revistas conceituados, com títulos sensacionalistas como: Chegou a Luz do Oriente; Arigó Japonês; Johrei Cura Leucemia. Isso também atraiu muitas pessoas. Foi assim, com a ajuda de muitos, que a Igreja foi se desenvolvendo, os missionários ganhando experiência e convicção pessoais. Em 1969, inauguramos a primeira sede no Rio de Janeiro. Já contávamos com 1.500 membros. Dois anos depois, já eram 4 mil missionários que atuavam ministrando o Johrei. A frequência diária chegava a 5 mil pessoas. A partir daí, esses membros do Rio começaram a divulgar a Igreja, os Ensinamentos e o Johrei para seus parentes e amigos de outros estados. Todo o Norte e Nordeste, Brasília, Goiânia. A essa altura, já tínhamos um corpo firme de ministros e a fé messiânica ia sendo consolidada pouco a pouco.

Em 1971, instituímos a Fundação Mokiti Okada para desenvolver toda a ação cultural, educacional, assistencial, editorial e de pesquisa do pensamento messiânico.

Em 1976, fui designado Presidente da Igreja Messiânica no Brasil. Em 1982, inauguramos o Edifício Mokiti Okada, que abriga hoje a Sede administrativa da Igreja e da Fundação.

Iniciamos a divulgação e a implantação do programa de agricultura natural e as atividades do Belo, centralizadas na Academia de Ikebana Sanguetsu, além de uma série de outras ações abrangentes e ultra-religiosas [*sic*] que, no seu conjunto, formam o Movimento Messiânico — que nada mais é do que o resultado da prática do pensamento e proposta amplos de Mokiti Okada para a criação de uma nova civilização.

Em 1995, como consequência [*sic*] de toda essa expansão, contando com a união e dedicação exemplar de nossos membros e adeptos, construímos e inauguramos o Solo Sagrado do Brasil, instalado às margens da Represa de Guarapiranga, em São Paulo. Hoje, o parque recebe mensalmente mais de 50 mil visitantes. [...]

Recentemente, o senhor foi designado Presidente Mundial da Igreja e, certamente, está na fase de composição do seu *staff*. Como o senhor também permanece como Presidente da Igreja no Brasil, quais são as suas metas para o futuro próximo?

Meus planos são muito grandes. Quero realizar aquilo que o Mestre Meishu-Sama deixou para ser concretizado. Ele sempre orientou: “O homem depende do pensamento”. Por isso, precisamos ter sonhos grandes. Lamento por aqueles que perderam a capacidade de sonhar ou que têm sonhos menores do que eles próprios. No Brasil, quero em três anos dobrar a nossa Obra, em todos os sentidos: dobrar

numericamente, no conteúdo e em nossa capacidade. Quero também me empenhar em expandir a Obra Messiânica em 100 países. Hoje, já estamos em 68, 60 dos quais estão sendo difundidos por brasileiros. Por isso, quero continuar contando com a imprescindível participação especial dos brasileiros nesse trabalho. Eu acho que o brasileiro, por suas características humanitárias, é o povo escolhido.

Um outro projeto ao qual vou dar grande ênfase é o da Agricultura Natural Messiânica. Quero difundi-lo no Brasil e levá-lo ao mundo, para que dentro de poucos anos a humanidade tenha onde e como consumir produtos limpos, saudáveis, isentos de substâncias químicas nocivas. A bandeira da verdadeira saúde — baseada, entre outras coisas, na alimentação pura e saudável — foi tenazmente defendida por nosso Mestre como uma das mais importantes na preservação da espécie humana, e nós vamos persegui-la com muita garra. Quero ainda, nesses próximos dez anos, concretizar no Brasil um projeto arrojado: construir a Cidade da Nova Era, a Arca de Noé do Século XXI.[...](SCHOEREDER, 2000)¹¹⁰

Como Tetsuo Watanabe relata e Watanabe (2001) ratifica, a exposição relativamente frequente da IMM na mídia colaborou para que ela se tornasse mais conhecida do público em geral.

A realização de oito edições do Salão Brasileiro de Artes, bem como a exposição dos originais da primeira edição impressa das gravuras *ukiyo-e* “As 53 vilas de Tôkaidô”, a obra-prima do grande mestre Hiroshige Ando (1797-1858), que contou com cerca de 160 mil visitantes – realizada em comemoração do centenário de Mokichi Okada e da inauguração do edifício homônimo –, alçou o nome da Fundação Mokiti Okada no mundo brasileiro das artes.

¹¹⁰SCHOEREDER, Gilberto. Em busca da harmonia. **Revista Sexto Sentido**, São Paulo, vol. 11, p. 24-32, maio 2000.

Entretanto, desde o seriíssimo conflito interno ocorrido na IMM do Japão, dividindo-a, em 1984, em três grupos – *Saiken* (Reconstrução), *Shinsei* (Renascimento) e *Goji* (Preservação) –, as atividades artísticas do porte das mencionadas acima não foram mais realizadas. Isto se deve, provavelmente, ao fato de que 1) tais atividades eram realizadas sob o aval da Mokichi Okada Association (MOA), responsável, entre outras coisas, por todo o acervo artístico da IMM e pela administração dos museus de arte de Atami e de Hakone e de 2) que a MOA, presidida por Teruaki Kawai, tornou-se o próprio grupo *Saiken*, o rival imediato do grupo *Shinsei*, ao qual, por afinidade, Tetsuo Watanabe e a maioria absoluta da liderança da IMMB estavam ligados. No Brasil, os ministros que estavam vinculados ao grupo *Saiken* deixaram a IMMB e fundaram a MOA International – Associação Mokiti Okada do Brasil, levando consigo uma pequena parcela dos membros.

Apesar do desgaste causado, este conflito não chegou a abalar profundamente a estrutura da IMMB.

2.2.2.4 Quarta fase: a construção do Solo Sagrado e a consolidação do sistema de formação (1985-1994)

Com a construção do edifício Mokiti Okada, um prédio de oito andares e 5.000m² de área construída, realizada totalmente com recursos financeiros vindos do donativo espontâneo dos fiéis da Igreja Messiânica do Brasil, tornou-se evidente o grau de autonomia alcançado por ela.

Durante sua terceira viagem missionária ao Brasil, em 1985, a Líder Espiritual autorizou a construção do Solo Sagrado de Guarapiranga (SSG), num encontro que reuniu 50 mil membros no terreno onde o Santuário seria erguido.

A partir de então, teve início a preparação para esta grande construção. Todos os esforços foram canalizados para ela. O texto de alguns dos *slogans* que sintetizavam a diretriz da Igreja para determinado ano representam bem o espírito da época. Os textos que se seguem foram transcritos do trabalho de Tomita (2009, p. 306-307).

Formação do pensamento voltado para a construção do Protótipo do Paraíso Terrestre do Brasil, em Guarapiranga. Total empenho na prática do *johrei*; três pessoas por dia e mil pessoas por ano. Promoções de atividades que estejam de acordo com a vontade de Meishu-Sama e centralizadas no *johrei*. (1988)

A construção do Paraíso Terrestre – Brasil e o encaminhamento de novos membros (1990).

Participar da construção do Solo Sagrado do Brasil, encaminhando novas pessoas e formando membros, praticando o donativo de construção, dedicando com as nossas próprias mãos é o caminho da nossa salvação. (1991) [Ano em que a construção teve início efetivamente.]

Ano da edificação do Templo. Construir o Solo Sagrado do Brasil é o caminho da nossa salvação. Encaminhar novas pessoas e formar membros, praticando o donativo de gratidão, dedicando com as próprias mãos (1994).

Ano da inauguração do Templo – Construir o Solo Sagrado do Brasil é o caminho da nossa salvação. Encaminhar novas pessoas e formar membros, praticando o donativo de gratidão, dedicando com as próprias mãos (1995).

Nesta fase, o grande desafio enfrentado pela IMMB foi, sem dúvidas, reunir os recursos humanos e financeiros necessários para concluir a construção do Solo Sagrado de Guarapiranga. Para tanto, entre outras iniciativas, focou-se no aprimoramento do elemento humano por meio de encontros realizados nas dependências provisórias do Solo Sagrado, durante os quais, os participantes dedicavam-se à construção com as próprias mãos e aos estudos de ensinamentos e troca de experiências com os demais participantes.

2.2.2.5 Quinta fase: os esforços para uma reestruturação interna após inauguração do Solo Sagrado (a partir de 1995 até os dias atuais)

Em dez anos – desde o recebimento da autorização para a construção do SSG até sua inauguração –, o número de membros aumentou 115%, passando de 126 mil para quase 271 mil pessoas. Sua construção foi concluída em somente quatro anos, a partir do seu início efetivo em 1991.

A inauguração do Solo Sagrado foi realizada em novembro de 1995, com a participação de aproximadamente 160 mil pessoas. E, no mesmo ano, foi instituída também uma nova frente de atuação ligada à Igreja Messiânica, a Korin Agropecuária, criada com o objetivo de escoar e comercializar a produção dos agricultores praticantes do método da Agricultura Natural.

Nos três primeiros anos que sucedeu à inauguração, “centralizar a fé no Solo Sagrado e expandir a sua luz é o caminho da nossa salvação” foi o *slogan* da IMMB.

No ano seguinte à inauguração, a atividade do SSG foi praticamente dedicada a

receber messiânicos de todo o Brasil que o visitavam para estudo e trabalhos voluntários de manutenção do complexo, criando assim laços de afinidade com o local considerado como protótipo do paraíso. Havia três tipos de permanência dos grupos durante a semana, limitados pela capacidade do alojamento para 180 hóspedes: grupos de quatro dias (terça a sexta), dois dias (sábado e domingo) e um dia (sem pernoite). (RIBEIRO; 2009, p. 113).

Em 1998, a Terceira Líder Espiritual da IMMB veio ao Brasil, em sua quarta viagem missionária, para realizar o culto de consagração do Solo Sagrado de Guarapiranga. Na ocasião, diante de um público de 100 mil pessoas, foi lançado o desafio de um novo projeto – a construção da Cidade da Nova Era. Segundo a Líder Espiritual:

[...] Há um Ensino de Meishu-Sama que fala sobre isso [sobre como ele salvará o homem da atualidade]. Trata-se de uma palestra de 65 atrás. Nesta palestra, Meishu-Sama nos diz como construiria o Paraíso Terrestre.

Ele disse que encontraria um terreno bem grande, por exemplo, do tamanho da cidade de São Paulo. Meishu-Sama compraria este terreno. Aí, pessoas que acreditassem na Palavra de Deus se reuniriam e viveriam de acordo com as Leis da Natureza, desenvolvendo um método educacional ideal e se sustentariam sem causar nenhum prejuízo ao meio ambiente. Na cidade ideal, elas também se deleitariam com a Arte e o esporte e não haveria doença nem crime. Ele disse que construiria a Cidade da Nova Era e a mostraria ao mundo para que povos de todos os países a conhecessem e aprendessem com ela (informação verbal).¹¹¹

É interessante observar que o nome dado a esta cidade em japonês é *Kyusei Toshi*, cuja

¹¹¹Trecho da palestra proferida pela Terceira Líder Espiritual nos Cultos de Consagração do SSG, realizados nos dias 10 e 11 de outubro de 1998. Arquivo da Secretaria de Tradução da IMMB.

tradução mais aproximada seria Cidade Messiânica. Percebe-se na opção pela denominação Cidade da Nova Era, uma intenção de não vincular seu projeto à religião messiânica.

Diferentemente da cidade milenarista típica da história, esta será aberta a todos. Na compreensão da Igreja Messiânica, ser intolerante e excludente seria autoprejudicial na medida em que todos devem aprender a viver de acordo com a Lei da Natureza. Deste modo, outras religiões serão bem-vindas e a relação com elas será de cooperação. Caberá a elas decidir, conforme explica o presidente mundial do movimento, se farão o *johrei*, a cura espiritual da Igreja Messiânica, em nome de Jesus, Alá ou Krishna (T.W., entrevista, 8/2006). (Clarke, 2008)¹¹².

De 1999 até 2005, durante todos os anos, a diretriz anual da IMMB esteve sempre direcionada para a construção desta cidade. Como se constata nos exemplos a seguir.

Expandir a luz do Solo Sagrado, participando da construção da cidade da Nova Era, é o caminho da nossa salvação (1999).

Construir a cidade da Nova Era é o caminho da evolução para ser verdadeiramente feliz (2000).

A partir de 2000, visando à ampliação do escopo de sua atuação, surge dentro da Igreja uma tendência à descaracterização religiosa de suas atividades, cristalizada na reforma do sistema de expansão, realizada no intuito de melhorar as condições de trabalho dos ministros, que passariam a cuidar de um número menor de pessoas e a alçar o *johrei* à condição de prática ultrarreligiosa.

Havia uma estratégia de apresentar a Igreja Messiânica como “movimento” e que,

¹¹²CLARKE, Peter B. As novas religiões japonesas e suas estratégias de adaptação no Brasil. **REVER**, São Paulo, ano 8, junho 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2008/t_clarke.pdf>. Acessado em: 14/3/2009. (revisado)

portanto, ela operaria em dois níveis distintos: o interno e, portanto, religioso, e o externo ou ultra-religioso [*sic*], formado por segmentos por área de interesse: arte, cultura, educação, meio ambiente, entre outros.

A este respeito, o reverendo Watanabe salientou que o *johrei* poderia ser praticado até mesmo por adeptos de outros credos religiosos (TOMITA; 2009, p. 239).

O sistema *Johrei Center*, como ficou mais conhecido, dividiu o corpo ministerial em duas grandes áreas de atuação: pastoral (aproximadamente 4/5 dos ministros) e administrativa (1/5).

Converteu as pequenas unidades religiosas chamadas “casas de reunião” e “casas de difusão” em “*johrei centers*”. As “difusões”, como eram chamadas as unidades de médio porte, e as “igrejas”, unidades de grande porte, foram subdivididas e, a partir delas, criaram-se vários pequenos *johrei centers*. Nas dependências dessas unidades maiores, e em prédios novos, posteriormente construídos para tal finalidade, foram instituídos os “centros de aprimoramento”, equipados com auditório (que geralmente é a própria nave) e salas de aula modernas, nos quais seriam ministrados os cursos de aperfeiçoamento, palestras religiosas ou não, aulas de *ikebana*, cursos relacionados aos três pilares da salvação etc.

Os *johrei centers*, inicialmente, deveriam desvencilhar-se, tanto quanto fosse possível, de aspectos religiosos formais, que pudessem causar qualquer tipo de estranhamento às pessoas não membros da Igreja que viessem receber *johrei*. Isto porque, a estratégia era deixar as pessoas à vontade, sem que precisassem passar por um processo de conversão. Conforme a pessoa fosse frequentando e, aos poucos, ficasse mais claro em que área da obra divina

ultrarreligiosa ela preferia atuar, seria conduzida a esse caminho, por meio dos centros de aprimoramento. Os *johrei centers* deveriam ser locais para a ministração do *johrei*. Cultos, orações, outorgas de *ohikari*, aulas de aprimoramento e outras atividades deveriam, a partir de então, ser realizadas nos centros de aprimoramento. Entretanto, na prática, salvo raras exceções, os *johrei centers*, de forma geral, continuaram desenvolvendo a maioria das atividades que eram desenvolvidas nas unidades do antigo sistema. Isto porque, desde o início da implantação do novo sistema, surgiram indícios de que ele não funcionaria tal como tinha sido concebido devido à falta de compreensão e resistência por parte dos membros, e até de alguns ministros, a tamanha mudança.

Possivelmente, a ênfase no tema “movimento ultra-religioso” [sic] seja decorrente da sobreposição de papéis do próprio presidente, que ora atuava em âmbito nacional ora em âmbito mundial. Seria, portanto, possível que a membresia brasileira tenha sido exposta a um conceito doutrinário ainda pouco aprofundado pela própria Igreja. (TOMITA; 2009, p.233)

O fato de nenhuma matéria explicativa sobre o novo sistema ter sido publicada no Jornal Messiânico, o veículo oficial de comunicação da IMMB, antes de sua implantação no ano 2000, permite levantar a hipótese de que, no mínimo, esta proposta não foi discutida suficientemente entre membros e ministros. Na edição setembro/outubro do Jornal Messiânico de 2000, foi publicada a matéria “O que é Johrei Center?” para esclarecer as dúvidas que estavam surgindo entre os membros acerca da implantação do novo sistema.

Em seu trabalho, Tomita (2009) chama atenção para a necessidade de se refletir melhor sobre as implicações causadas por uma mudança tão significativa.

Uma vez que o nome de uma pessoa ou organização tem grande influência na formação da sua própria identidade, vejo a necessidade primária de ressaltar a importância da opção pela denominação “Igreja Messiânica” no caso do Brasil. Contudo, após quase cinco décadas, em 2000, institucionalmente, a IMMB passou a ser chamada de “Johrei Center”¹¹³. Embora, no geral, os membros se autodenominem “messiânicos”, penso ser fundamental a discussão sobre a intencionalidade de uma mudança tão radical (que inclui dois termos estrangeiros, Johrei em língua japonesa e Center em inglesa) e sua real consequência [*sic*], inclusive em termos de identidade, sobretudo na atualidade, quando a IMM vem enfatizando que Meishu-Sama é messias e, portanto o nome Igreja Messiânica serviria de reforço a uma identidade messiânica. (TOMITA; 2009, p.39-40).

Dez anos após sua implantação, o sistema *Johrei Center* tornou-se um *mestiço*, fruto do cruzamento do antigo sistema de igrejas com a concepção do que deveria ser o novo sistema, do qual herdou, principalmente, a estrutura administrativa, que continua sendo, como fora previsto, gerida por ministros designados somente para isso. Em 2009, devido à aposentadoria de vários membros do corpo diretivo da IMMB, houve uma reestruturação da Divisão de Expansão. Atualmente, a frente de difusão no Brasil está dividida em dez áreas que se subdividem em 34 regiões. Em todo o país, existem 50 centros de aprimoramento e 546 *johrei centers*.

¹¹³É importante salientar que a razão social da IMMB não foi alterada. O uso da expressão *Johrei Center* corresponderia, portanto, ao que se chama de nome fantasia. Sobre a intencionalidade do uso da expressão *Johrei Center*, vide item 1.4.5.

O sistema *Johrei Center* implantado no Brasil, posteriormente, foi implantado na IMM (Igreja Izunome) do mundo todo.

A partir de 2006, percebe-se uma mudança importante no *slogan* anual da IMMB, em consequência da linha de orientação tomada pelo atual Líder Espiritual, Yoichi Okada, desde dezembro de 2004.

A construção do protótipo do Paraíso é a construção do homem paradisíaco (2006).

Tornar-se um verdadeiro ser humano paradisíaco, na doutrina messiânica, é prerequisite para que o indivíduo consiga transformar em paraíso o lar, a localidade onde vive e, finalmente, a sociedade como um todo. Dessa forma, percebe-se que houve um recuo aparente em relação à execução do projeto Cidade da Nova Era, que deixou de ser enfatizado para dar prioridade à solução de um problema anterior.

Observando-se o discurso da liderança da IMMB, percebe-se que não se tem falado no projeto Cidade da Nova Era – tal como fora concebido inicialmente, prevendo a compra de um terreno no qual, a partir do zero, erigir-se-ia uma cidade ideal. Ao que parece, esta concepção utópica amadureceu e deu lugar a outra mais realista e viável: a execução da segunda etapa do Solo Sagrado de Guarapiranga, que, apesar de ainda estar em fase de gestação, prevê a ampliação sustentável da infraestrutura do local, criando-se, entre outras coisas, uma escola agrícola e uma escola de artes.

Hoje, o SSG tornou-se uma referência na gestão de empreendimentos sustentáveis, visitado mensalmente por dezenas de instituições de ensino superior, institutos de pesquisas, órgãos governamentais, ONGs, dentre outros, que vão em busca de aprendizado. Sua consolidação como importante ponto ecoturístico da capital vem atraindo cada vez mais turistas à região de Parelheiros, uma das mais carentes da cidade e isto, certamente, poderá contribuir para o seu desenvolvimento socioeconômico. Somando-se a isso, algumas iniciativas promovidas pela Fundação Mokiti Okada (FMO) em parceria com o Município, como o projeto Horta na Escola²³, estão colaborando, por enquanto modestamente, para a melhoria da qualidade de vida de uma parcela da população local.

Dessa forma, pouco a pouco, o SSG começa a demonstrar que tem potencial para transformar positivamente o ambiente e a vida das pessoas que vivem ao seu redor, tornando-se, naturalmente, um modelo real, e não um protótipo artificial e utópico, do que poderia ser o paraíso na Terra – um lugar social, econômica e ambientalmente sustentável, onde se reúnem pessoas verdadeiramente felizes, livres dos sofrimentos causados pela doença, pela miséria e pelo conflito.

Hoje, existem no Brasil cerca de dois milhões e meio de messiânicos, entre adeptos (500 mil)¹¹⁴ e simpatizantes (2 milhões). Dos quais, 1.342¹¹⁵ possuem grau de qualificação

¹¹⁴Quinhentos mil adeptos é o número oficial divulgado pela IMMB. Segundo o Censo 2000, este número é de 109.310. A discrepância entre os números do Censo 2000 e da IMMB é fruto da diferença metodológica. No caso do censo, se seus critérios contemplassem melhor a “*condição religiosa dúplice ou múltipla, tradicional da religiosidade brasileira*”, apontada por Negrão (2009, p. 14), é possível que seus números, não só os referentes à IMMB, fossem bem diferentes. De acordo com a estatística elaborada pela Divisão de Expansão da IMMB, do número total de adeptos, 31,89% é do sexo

sacerdotal.

Além do *johrei*, que continua sendo o carro-chefe das práticas da IMM, das “dedicações” e da participação nos cultos, os messiânicos, orientados pelo Líder Espiritual, vêm se empenhando em uma prática, que, por meio da atitude mental, visa à conscientização do que é o ser humano, qual a sua missão e qual deve ser sua atitude para conseguir cumpri-la. Denominada “prática do *sonen*” (a palavra *sonen*, na doutrina messiânica, se refere à trilogia do pensamento, constituída pela razão, sentimento e vontade, ela deve ser complementada pela “prática de pequenas ações altruístas”. Entretanto, de uma maneira geral, ainda não é possível afirmar que os “três pilares da salvação”, *Johrei*, Agricultura e Alimentação Natural e o Belo, estejam sendo difundidas igualmente. Como já foi mencionado, o *johrei* é a prática central.

O belo é um elemento que, tão logo a pessoa começa a frequentar a Messiânica, entra em contato com ele, graças especialmente às flores. Neste sentido, é grande a contribuição da Academia Sanguetsu, que vem realizando um trabalho consistente e de volume. Em 2009, por exemplo, ela contou com a participação de cerca de 300 mil pessoas nos *workshops* que promoveu e contou com 7.439 alunos regulares. Contudo, isto não significa que o belo, enquanto pilar da salvação, já tenha sido plenamente assimilado.

masculino e 68,11%, do sexo feminino. Ainda do número total de adeptos, 30,41% possui até 35 anos de idade e 69,59%, 36 anos ou mais. Do número total de jovens, 39,1% é do sexo masculino e 60,9%, do feminino. Nos números apresentados pela Divisão de Expansão, não há referência à porcentagem de membros *nikkei*. Segundo Watanabe (2001), o número de adeptos não *nikkei* é superior a 97%.

¹¹⁵De acordo com os números fornecidos pela Comissão de Pessoal, destes 1.342 ministros, 267 estão aposentados (o que não significa que não estejam dedicando. Simplesmente, não estão na linha de frente.). Dos 1.075 ministros que se encontram na ativa, 343 são integrantes (dedicação exclusiva e remunerada) e 732 são dedicantes (voluntários). Dentre os 343 ministros integrantes, 304 são do sexo masculino e 39, do sexo feminino. Dentre os 732 ministros dedicantes, 326 são do sexo masculino e 406, do sexo feminino.

Com relação ao pilar representado pela Agricultura e Alimentação Natural, não obstante o valioso trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Centro de Pesquisas e pelo Setor de Saúde da FMO, juntamente com a Korin Agropecuária e a própria Igreja, que, juntos, vêm colaborando efetivamente para o desenvolvimento e promoção da Agricultura Natural/Orgânica em todo o Brasil, sua incorporação por parte dos messiânicos ainda está longe do ideal. As causas são várias, mas se destacam duas: a pouca ênfase na doutrina que explicita a importância desse método agrícola (o que ajudaria a quebrar a barreira criada pela cultura alimentar contemporânea) e a escassez e o alto custo dos alimentos produzidos pelo método da agricultura natural/orgânica.

Portanto, um dos grandes desafios que a IMMB precisa enfrentar para conseguir disseminar, de fato, um estilo de vida que favoreça verdadeiramente a purificação do espírito – o estilo de vida *johrei* – é a sistematização da sua teologia, produzindo um conhecimento teológico que permita a seus fiéis entender melhor a fé que professam e que contribua para que o discurso messiânico seja constantemente atualizado, mostrando-se capaz de responder aos problemas do homem hodierno. Neste sentido é grande a expectativa com relação à contribuição a ser oferecida pelo Curso de Teologia da Faculdade Messiânica, credenciada pelo MEC em 2008.

Dessa forma, a IMMB cresceu e ganhou autonomia e consistência. Hoje, desempenha um importante papel no cenário mundial da Igreja Messiânica. O intercâmbio entre adeptos brasileiros e japoneses é visto pela Sede Geral como uma importante oportunidade para que,

principalmente, os membros japoneses apreendam dos brasileiros um pouco da maneira fervorosa, e ao mesmo tempo descontraída, de se praticar a fé. Estes encontros se dão por meio das caravanas de peregrinação, realizadas cinco vezes ao ano, partindo-se do Brasil rumo aos solos sagrados do Japão; e, duas ou três vezes ao ano, vindas do Japão para o Brasil. É significativo também, o fato de o atual responsável pelo Departamento Internacional da Igreja Messiânica Mundial Izunome ser um brasileiro sem ascendência que se naturalizou japonês.

Apresentada a trajetória da IMMB, no próximo capítulo será tratado o papel da tradução no processo de “localização” da IMM no Brasil.

3 A LOCALIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA IMM NO BRASIL, UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TEORIA DA MUNDIALIZAÇÃO

*O mundo, ao expandir seus limites convencionais,
se ampliou e encolheu, tornando-se um lugar.*

Milton Santos

A revisão da literatura acerca da IMM mostra que, nos estudos publicados em língua portuguesa, existe uma lacuna no que diz respeito à análise do seu desenvolvimento no contexto da globalização/mundialização.

Este capítulo, porém, se aterá ao estudo de um aspecto da “localização” institucional da IMM no Brasil a partir dos dois principais sistemas de expansão que foram implantados no Brasil.

O Sistema Igreja (1962 – 2000) e o Sistema Johrei Center (2000 – atualidade).

Apesar de serem elementos constituintes da religião, a doutrina, enquanto substrato das diretrizes e ações institucionais, e os ritos, serão abordados apenas eventualmente, à medida que se façam necessários à compreensão do processo de localização da instituição IMM no Brasil. Como projeto acadêmico de longo prazo, pretende-se, posteriormente, desenvolver estudos específicos sobre a localização da doutrina e, principalmente, dos ritos e da vida religiosa. Entretanto, optou-se por abordar, primeiramente, o aspecto institucional devido ao fato desta esfera representar a autoridade estabelecadora e/ou legitimadora das ações da Igreja, considerando-se a dialética da relação instituição-vida religiosa: uma exercendo

constantemente influência sobre a outra.

Deverá ser uma abordagem preliminar e despretensiosa, a ser realizada com base na teoria da mundialização proposta por Renato Ortiz (2000, 2006, 2007). Por meio desta aproximação, procurar-se-á reunir subsídios para o desenvolvimento e aprofundamento do tema numa segunda etapa deste projeto acadêmico, que deverá se seguir ao mestrado.

Para tanto, serão pontuados os conceitos de globalização e de mundialização, de localização e de religião universal adotados neste trabalho.

Como foi comentado no capítulo anterior, elaborar uma teologia que permita aos fiéis entender melhor a sua fé e ganhar mais condições para praticá-la é um dos grandes desafios que a IMM precisa enfrentar para conseguir expandir-se mundialmente o estilo de vida Johrei.

Este estilo pode tomar as mais variadas formas, mas se pauta em um único princípio, o que prioriza e favorece a purificação do espírito.

A expressão “expandir-se mundialmente” faz parte da temática da mundialização. Porém, o que é mundialização? A Igreja Messiânica Mundial se mundializou?

Esta pergunta pode parecer estranha, mas contemplada a partir da teoria da mundialização¹¹⁶, ela faz sentido.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE GLOBALIZAÇÃO/MUNDIALIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

3.1.1 Internacionalização e globalização/mundialização

¹¹⁶ ORTIZ, Renato.; 2000, 2006, 2007.

Internacionalização e globalização/mundialização são processos diferentes.

A *internacionalização* é entendida como o aumento geográfico das atividades econômicas (e por que não, culturais) por meio das fronteiras nacionais, privilegiando a centralidade das culturas e do Estado-nação. Ela pressupõe a existência de unidades autônomas que interagem entre si. Um tipo de instituição característica desse tipo de processo são as empresas multinacionais. “*A multinacional opera num número de países, e ajusta, a um preço elevado suas práticas e seus produtos para cada um deles*”. Nesta etapa, as firmas se identificavam aos países.

O termo *mundialização* é utilizado por Renato Ortiz para tratar da problemática cultural, reservando a ideia de globalização para a compreensão das esferas econômica e tecnológica.

Assim, ele tenta “*escapar de um certo determinismo que vê o mundo da cultura como um mero reflexo de outras instâncias sociais*”.¹¹⁷

A *globalização/mundialização* não é simplesmente um *aumento geográfico* das atividades econômicas (culturais): nela prevalece a noção de que o mundo é uma entidade singular. As empresas transnacionais ou corporações globais trabalham com o conceito de mercado mundial único, no qual operam, a um baixo preço de custo e, com firme constância, vendem as mesmas coisas da mesma maneira e em todos os lugares. Seu público não está restrito a uma etnia ou nação, ele pertence ao mundo. As especificidades nacionais são relegadas a um

¹¹⁷ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante**: Japão e a Modernidade-Mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

segundo plano.

Ao contrário da internacionalização, que privilegia a centralidade das culturas e das nações, a globalização/mundialização se caracteriza pelo deslocamento dos centros, pois sua base de atuação é o próprio mundo. Nela, não há um poder central. As relações são pautadas pela interdependência. A título de exemplificação, quando se diz que determinado produto é *made in* algum país, não se pode assegurar que ele foi 100% produzido lá. No caso da produção automobilística (poderia ser qualquer outra, como a de eletroeletrônicos etc.), por exemplo, é sabido que as várias partes de um mesmo automóvel são produzidas em diversos países do mundo, que enviam essas partes a uma determinada montadora, que se incumbirá de montar e finalizar o produto. No fim, ele foi montado em um país, porém, produzido em vários.

3.1.2 Globalização/mundialização, relações sociais e a noção de tempo e espaço

As relações sociais também sofreram transformações, alcançando uma dimensão que até então nunca tinha sido experimentada. Neste sentido,

A globalização pode ser [...] definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. (GIDDENS; 1991, p.69).

Essa articulação de relações sociais, que perpassa fronteiras de tempo e espaço, só se tornou viável porque, com o desenvolvimento da tecnologia dos meios de transporte e de comunicação e, sobretudo, da tecnologia da informação, o deslocamento – de pessoas,

produtos e informação – passou a ocorrer com substancial fluidez.

Com isso, a noção de espaço, que, tradicionalmente, estava circunscrito a fronteiras bem demarcadas (a aldeia, a província, a nação), sofreu uma profunda transformação. Antes, havia “*uma íntima correlação entre o espaço enquanto categoria simbólica e o substrato físico que lhe dava materialidade*”¹¹⁸. No entanto, com a transformação ocorrida, surgiu a possibilidade do espaço simbólico desencaixar-se do seu substrato físico, inaugurando uma nova maneira de “estar no mundo”. Um exemplo simples é a relativamente nova maneira de trabalhar em equipe. Mesmo estando em diferentes pontos do planeta, utilizando-se um programa de computador, simples e acessível, qualquer pessoa pode conversar *frente a frente*, ou trabalhar *lado a lado* com seu colega.

No entanto, isto não significa que todas as pessoas do planeta vivam a globalização/mundialização da mesma forma e intensidade. Isto porque a globalização é um processo social que atravessa de forma diferenciada as realidades nacionais e locais. Em virtude da maneira como a globalização/mundialização atravessa estas realidades, todos, de alguma forma, se tornaram “cidadãos do mundo”, mesmo sem sair de casa, sem se deslocar. Isto significa que o mundo chegou a todos, mesmo que de maneira heterogênea.

3.1.3 Globalização/mundialização e localização

Entretanto, não seria apropriado pensar que, devido à sua amplitude, o global esteja afastado

¹¹⁸Ortiz; 2000, p. 13.

das particularidades, das especificidades. Não, ele não está. O global, antes de mais nada, é ou foi um local que se desterritorializou, ou seja, que se desprende do seu território original, para se reterritorializar em um novo lugar.

[...] o que produz essa percepção de globalidade são conteúdos – identidades étnicas, estilos de vida, marcas comerciais, gêneros musicais, conhecimentos tecnológicos, posturas filosófico-existenciais, gostos culinários, crenças e práticas religiosas, ou qualquer outro conjunto de idéias [*sic*] e práticas culturais originariamente locais, que se transnacionalizam, cruzando fronteiras nacionais para radicar-se em territórios cada vez mais remotos. Desta forma, processos e forças sociais de ordem global afetam o local, internacionalizando-o. Concomitantemente, a paisagem global é pespontada pela proliferação e relocação alhures do que fora [*sic*], até pouco tempo atrás, restritamente regional. (SEGATO; 1999, p.222)

A globalização/mundialização permeia, atravessa o mundo como um todo, mas não faz dele uma “massa” homogênea.

A categoria “mundo” encontra-se [...] articulada a duas dimensões. Ela vincula-se primeiro ao movimento de globalização das sociedades, mas significa também uma “visão de mundo”, um universo simbólico específico à civilização atual. Nesse sentido, ele convive com outras visões de mundo, estabelecendo entre elas hierarquias^[119], conflitos e acomodações. Por isso prefiro dizer que o inglês é uma “língua mundial”. Sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior deste espaço trans-glóssico. [...]

¹¹⁹Estabelecidas de acordo com o grau de poder – bélico, econômico e tecnológico – de cada nação. (SEGATO; 1999).

Seria mais convincente compreender a mundialização como processo e totalidade. Processo que se reproduz e se desfaz incessantemente (como toda sociedade) no contexto das disputas e das aspirações divididas pelos atores sociais. Mas que se reveste, no caso que nos interessa, de uma dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias e nações. A totalidade penetra as partes no seu âmago, redefinindo-as nas suas especificidades. Neste sentido, seria impróprio falar de uma “cultura mundo”, cujo nível hierárquico se situaria fora e acima das culturas nacionais ou locais. [...] O processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais. Com a emergência de uma sociedade globalizada, a totalidade cultural remodela portanto, sem a necessidade de raciocinarmos em termos sistêmicos, a “situação” na qual se encontravam as múltiplas particularidades.

Pensar a mundialização como totalidade nos permite aproximá-la à noção de “civilização”, tal como a entendia Marcel Mauss^[120]: conjunto extranacional de fenômenos sociais específicos e comuns a várias sociedades. Mas é necessário ressaltar uma curiosidade dos tempos atuais. Historicamente uma civilização se estendia para além dos limites dos povos, mas se confinava a uma área geográfica determinada. Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou. [...] (ORTIZ; 2007, p. 29-31).

Segundo a teoria da mundialização, para uma cultura “*mundializar-se, seria necessário antes desvincular-se do peso de sua tradição*”. Desvincular-se do peso de sua tradição não significa

¹²⁰

MAUSS, M. “Théorie des civilisations” in Œuvres, tomo 2, Paris, Minuit, 1974.

livrar-se completamente dela. O indesejável é a territorialização excessiva¹²¹, em outras palavras, é o ser carregado demais de características locais/regionais. “*‘Universais’, os produtos devem circular sem o constrangimento de suas origens*”¹²². A globalização/mundialização, de certa forma, é a universalização do particularismo e a particularização do universalismo (ROBERTSON¹²³; 1991 *apud* SEGATO; 1999). Na sociedade globalizada/mundializada, o particular – a individualização – está associado à destradicionalização ou à desterritorialização.

A localização se refere à reterritorialização de determinado conteúdo que, antes localizado em outro lugar, ora se desterritorializou, deslocou-se, atravessou e tomou assento em alguma outra localidade. Na área da Tecnologia da Informação, cujo desenvolvimento confunde-se com a própria globalização, *localização* significa *adaptar um produto para que ele corresponda a requisitos linguísticos, culturais e outros de um local pertencente a um mercado alvo específico*¹²⁴.

Adaptação implica modificação – ou seja, mudanças na maneira de ser – para se tornar mais de acordo com o outro. Portanto, para que a adaptação seja bem-sucedida, é imprescindível conhecer bem o outro, mas também conhecer bem a si. Isto porque, conhecendo bem o outro,

¹²¹Isso está relacionado ao que Clarke (2009) fala sobre a adaptação de religiões em culturas distintas da sua original. Para o autor, o sucesso ou o fracasso de uma religião no seu processo de adaptação e integração dependem do quanto e como ela consegue se adaptar. “*Se uma religião não se adapta a uma cultura, ela acaba morrendo. [...] se se adaptar demais, também acabará morrendo. [...] O melhor é adaptar sem mostrar que mudou.*”

¹²²Ortiz; 2000, p.174.

¹²³ROBERTSON, Roland. Globalization, Modernization, and Postmodernization. The Ambiguous Position of Religion, In: ROBERTSON, Roland and Willian Garret (eds). **Religion and Global Order** (Religion and the Political Order, vol. IV). New York, Paragon House, 1991.

¹²⁴FOLDOC: Free On-Line Dictionary of Computing. Disponível em: <<http://foldoc.org/>>. Acessado em: 3/3/2010.

é possível saber quais são suas necessidades e anseios, podendo, assim, correspondê-los melhor. O autoconhecimento é fundamental para saber o que de si é essencial e o que é acessório, evitando assim, que, na modificação, não haja apego ao acessório e despojamento do essencial. A adaptação implica também absorção. Incorporar algo do outro em si. É um *dar e receber*. O contato com o outro, com o *diferente*, ao mesmo tempo em que transforma o si próprio, realça suas peculiaridades. Na medida certa, esta seria uma das maiores riquezas do processo de localização. No entanto, quando a mundialização penetra as localidades no seu âmago, redefinindo suas especificidades de maneira unilateral e massificante, nasce um problema: a perda da identidade cultural local.

3.1.4 Globalização X Mundialização

Na realidade, como aponta Sung (2005)¹²⁵, hoje vigora um modelo de globalização organizada com a imposição de uma racionalidade econômica de corte neoliberal – em que predominam o capital financeiro, a homogeneização do mercado consumidor com a sua cultura de consumo (tendo os norte-americanos e europeus como modelos de desejo de consumo), a busca da acumulação máxima do capital e a ideologia do mercado livre.

Portanto, falar da globalização é falar de um terreno “*extremamente escorregadio*” (SEGATO; 1999). Isto porque, se por um lado a globalização representa fenômenos de contato e difusão acelerados de materiais de cultura, por outro, ela também representa a vontade de agentes

¹²⁵SUNG, Jung Mo. A vida religiosa e a nova globalização. **Convergência**, Rio de Janeiro, v. XL, n. 387, 2005, p. 542-551.

situados em posição de influência no campo da política e das finanças. É preciso ter em conta essas duas perspectivas ao se analisar o processo de globalização. Daí a necessidade sentida por Ortiz em distinguir o conceito de mundialização do de globalização.

Enquanto esfera econômica e tecnológica, é suficiente estar atento ao mundo para compreender que o modelo atual da globalização, além de não dar conta de resolver seus problemas, vem agravando muitos deles. Portanto, como enfatiza Jung Mo Sung (2005), é fundamental o aparecimento de uma “*outra globalização*”, mais solidária, sustentável e justa. E, neste processo, a vida religiosa pode contribuir muito, não mais como forma e instrumento hegemônico de organização social, mas como mantenedora da esperança no novo, do inconformismo e da rebeldia diante da situação estabelecida (SUNG, 2005).

[...] O impulso religioso, a busca de um sentido que transcenda o espaço limitado da existência empírica neste mundo, tem sido uma característica perene da humanidade. [...] a existência humana despojada da transcendência é uma condição empobrecida e afinal insustentável. (BERGER; 2001, p. 19).

Sendo assim, “*a produção de teologias capaz de responder adequadamente e sem perder a sua especificidade a esses novos desafios colocados pelas práticas e pela nova conjuntura mundial*” é importante para o aparecimento de uma “*ecologia dos saberes*”, na qual, rompidas com a “*monocultura do saber racional-científico moderno*”, as ciências possam “*dialogar e articular com as outras formas de saber, sem desqualificação mútua, visando compreender melhor a realidade humana e social tão complexa e sempre fugidia diante dos*

saberes humanos” (SUNG, 2005).

Dessa forma, a necessidade de uma nova globalização é matéria de suma importância que merece ser amplamente debatida, levando-se em consideração, inclusive, a contribuição que a vida religiosa pode oferecer a este processo. Como disse Peter Berger, *“arriscam-se muito aqueles que negligenciam o fator religioso em suas análises das questões contemporâneas”*¹²⁶.

O foco deste trabalho, porém, não é a globalização enquanto esfera econômica, mas sim o processo de mundialização, enquanto fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais.

[...] Max Weber dizia que “todas as dominações procuram despertar e entreter a crença na sua legitimidade”. O mundo da cultura é o espaço no qual essas “crenças” se transformam em convivência. No caso da mundialização torna-se importante discernir as instâncias e as formas como tal legitimidade se implanta. No seio de uma civilização que se consolida surgem novos hábitos e costumes, que constituem a “tradição” da modernidade-mundo. Este movimento planetário não se restringe aos territórios nacionais, nem pode ser compreendido como difusão cultural, à maneira como a velha história das civilizações o entendia. As relações sociais mundializadas exprimem a estrutura interna de um processo mais amplo. Entretanto, a emergência desta modernidade centrípeta, na qual fica difícil localizar a centralidade das coisas, não significa a ausência do poder, ou a sua partilha em termos democráticos. Pelo contrário, as relações de autoridade, ao se

¹²⁶BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: **Revista Religião e sociedade**, v. 21/1, Rio de Janeiro: ISER, 2001. p. 23.

tornarem descentralizadas, adquirem outra abrangência. A civilização mundial, ao nos situar em outro patamar da história, traz com ela desafios, esperanças, utopias, mas engendra também novas formas de dominação. Entendê-las é refletir sobre as raízes da nossa contemporaneidade. (Ortiz; 2007, p. 103-104).

3.2 A “LOCALIZAÇÃO” INSTITUCIONAL DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL NO BRASIL

Antes de iniciar a descrição deste item, serão apresentados os excertos de dois artigos de Mokichi Okada que revelam seu pensamento sobre a necessidade do indivíduo tornar-se um cidadão do mundo e das religiões serem universais.

Sobre ser uma pessoa do mundo, escreveu:

Doravante, as pessoas precisam ser universais. [...]

É errado distinguir um ser do outro identificando-os como japonês, chinês ou de outra nacionalidade qualquer. [...]

A verdade é que enquanto cada povo tiver o pensamento de que, se o seu próprio país estiver bem, não interessa como estejam os demais, será impossível conseguir-se a paz mundial. Poderemos entender isso melhor imaginando, por exemplo, um conflito entre dois estados do Japão. Como o problema ocorre dentro de um mesmo país, tratando-se, portanto, de conflito entre irmãos, é lógico que será fácil resolvê-lo. Logo, basta aplicarmos esse conceito em amplitude mundial. É como diz o famoso poema do Imperador Meiji: “Na era em que consideramos todos os povos irmãos – inclusive os de além-mar – por que as ondas e os ventos se enfurecem?” É exatamente isso. Se todos pensassem assim, se a humanidade tivesse esse sentimento amplo, amanhã mesmo estaria concretizada a paz no mundo. Todos os países formariam uma só família, não havendo motivo para

guerras.

Pensamentos egocêntricos que levam as pessoas a formar grupos que, dizendo-se defensores de determinada ideologia ou pensamento, e consideram os demais como inimigos, não só geram erros para a Nação, como também constituem um obstáculo para a paz mundial. [...] (FMO-MOA; s/d (c), p. 49-50)¹²⁷.

A partir de uma analogia que compara o mundo a um grande quadro pintado por Deus, Mokichi Okada expõe sua visão de “globalidade” do planeta :

Como seres contemporâneos, é chegada a hora de nos conscientizarmos da época em que estamos vivendo. [...]

A cultura material progrediu tanto que, através da invenção do rádio, da televisão e de outros meios de comunicação, podemos tomar ciência dos acontecimentos mundiais em poucos instantes. Se não compreendermos a importância desse fato, não poderemos falar sobre a civilização atual.

Nos Estados Unidos, começou-se a falar, há alguns anos, sobre a Nação Universal e Governo Universal. Tais expressões não estarão prenunciando, para um futuro próximo, o advento de um mundo ideal? Será, com efeito, um grande acontecimento. Quando raiar esse dia, naturalmente se escolherá um Presidente Mundial, e qualquer nação poderá apresentar seus candidatos. Entretanto, para o nascimento desse Novo Mundo, será necessário haver uma enorme revolução em todos os setores, especialmente no pensamento humano. Obviamente, todos os “ismos” serão varridos. [...] Cada país desempenharia uma função de acordo com a peculiaridade de sua cor. [...] Até hoje, entretanto, considerando a cor de seu país a melhor de todas, os homens quiseram pintar o quadro somente com essa cor, razão pela qual não foi possível obterem êxito. [...] as potências mundiais, ao

¹²⁷Extraído do artigo “Precisamos ser universais” (*Sekaijin tare*, literalmente, *pessoa do mundo*).

invés de tentarem pintar os outros países com a sua cor, devem se esforçar para tornar mais viva e mais bela a cor de cada país. Se adotarem essa política, estarão concordes com a Vontade Divina, e assim se concretizará o Mundo Ideal.

Estes são os motivos pelos quais é necessário pensar na Religião. Entretanto, na forma como vêm sendo praticadas até hoje, cada uma querendo pintar a outra com a sua cor, as religiões deixam de acompanhar a marcha do tempo, ficando em desacordo com o Plano de Deus. Por isso, precisamos entender a Vontade Divina que está por trás do progresso da civilização e, dando-nos as mãos, fazer de todas as religiões uma só força, para a construção do mundo Ideal que está prestes a surgir. (FMO-MOA; s/d (c), p. 51)¹²⁸

Sobre a maneira da religião se posicionar no mundo:

Se o objetivo da religião é formar um mundo sem conflitos, ela precisa, antes de mais nada, corrigir sua visão estreita de menosprezar as demais. Nesse sentido, nossa Igreja também deve avançar sem pender para a direita ou para a esquerda e nem ficar presa ao Caminho do Meio, abraçando todos os princípios e todas as opiniões, promovendo um ideal nobre e grandioso, um ideal universal que a tudo aglutina. Denomino essa postura de universalismo. (FMO-MOA; 2003(f), p. 51)¹²⁹.

3.2.1 A difusão da IMM no Brasil, no contexto da internacionalização

A IMM aportou no Brasil a bordo do processo de internacionalização e sua localização pautou-se na lógica desse processo. A Sede Geral no Japão era o centro difusor da cultura

¹²⁸Extraído do artigo *A arte de Deus*.

¹²⁹Este artigo está publicado em FMO-MOA (2003 (f)), sob o título “NOSSA IGREJA E O UNIVERSALISMO”. Entretanto, optou-se por apresentar aqui a versão revisada, devido à substancial diferença que existe entre as duas traduções.

messiânica, compreendida tanto no nível ideológico/espiritual como no operacional/prático.

Tão logo se estabeleceu a sede central¹³⁰ da IMM no Brasil, foi adotado um sistema de expansão nela centralizado. Por sua vez, a sede brasileira, juntamente com as de Okinawa, do Havaí e dos Estados Unidos continental, mantinham-se ligadas à sede geral da IMM, no Japão, da qual recebiam as diretrizes para a difusão e à qual prestavam relatórios, numa relação de subordinação, inclusive administrativa. Toda a movimentação de pessoal, por exemplo, era definida pela sede geral.

Percebe-se aqui um modelo administrativo característico de uma empresa multinacional, visto igualmente em outras organizações religiosas japonesas que se expandiram internacionalmente. Nakamaki (1989) chamou-as *religiões multinacionais*.¹³¹

Num processo de *internacionalização*, a centralidade das culturas e do Estado-nação é privilegiada. Um de seus pressupostos é a existência de unidades autônomas que interagem entre si. Uma instituição caracteristicamente multinacional opera em um determinado número de países, ajustando suas práticas e “produtos” a cada um deles. Nesta etapa, as instituições identificam-se aos países e, para tanto, precisam conhecê-los bem.

¹³⁰No Brasil, o termo *honbu* – cuja tradução mais aproximada seria “a parte/o lugar central” – foi traduzido como *sede central*. Em português, a palavra *sede* encerra em si o sentido de *central*. Portanto, *sede central* seria uma redundância. “Nos arquivos da Secretária de Tradução da IMMB não foi encontrado, até o momento, nenhum registro que esclareça os motivos da opção pela adoção desta locução para a tradução do termo *honbu*. Talvez, esta maneira de traduzir *honbu* fosse bem comum à época, visto que o termo *sede central* é encontrado na tradução de textos de outras instituições de origem japonesa (igrejas, academias de artes marciais etc.). Entretanto, levando-se em consideração o grau de elaboração dos textos traduzidos desde aquela época, é possível inferir que o uso dessa terminologia não tenha sido totalmente ocasional, mas sim, uma consequência da necessidade de se enfatizar a noção de *centralidade* concernente ao significado do termo em sua origem e circunstância.

¹³¹NAKAMAKI, H. “Burajiru ni okeru Nikkei Takokuseki Shukyo no Genchika to Takokusekika – Pafekuto Ribati Kyodan no Baai” [A Nacionalização e Multinacionalização das Religiões Multinacionais Japonesas no Brasil – Experiência da Instituição Religiosa Perfect Liberty] In: **Burajiru no Nikkei Shukyo**. Anuário IX, ed. Hirochika NAKAMAKI. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, p.57-97, 1985.

Diferentemente do início da difusão da IMM nos EUA, para onde Mokichi Okada enviou uma missionária que também era professora universitária de língua e literatura inglesas, portanto, alguém que conhecia bem a língua e a cultura daquele país, o mesmo não ocorreu com o início da difusão no Brasil. Aqui, conforme foi discorrido no capítulo anterior, a expansão partiu da iniciativa de algumas igrejas filiais do Japão que viram no movimento de emigração uma oportunidade para expandirem os ideais de Mokichi Okada além-mar. Por conseguinte, não houve uma pré-seleção para encontrar, no corpo de ministros e membros da Igreja no Japão, pessoas que, além da vivência da fé, tivessem também um bom conhecimento prévio de língua portuguesa e cultura brasileira. Talvez, não houvesse mesmo ninguém com este perfil. Haja vista, ter sido nomeado, em 1963, como primeiro presidente das sedes de difusão do Brasil, dos Estados Unidos continental e do Havaí, um ministro que não tinha familiaridade com o exterior.

Seu nome era Masahisa Katsuno. Um ministro fervoroso, conhecido por sua capacidade de gerenciar e resolver problemas difíceis (TOMITA; 2009).

Um depoimento seu, feito pouco antes de ir para os Estados Unidos para tomar posse como presidente das sedes situadas no país, revela seu sentimento e as circunstâncias da época:

O correto seria ter uma visão mundial das coisas, mas na realidade, eu, que sou, digamos, “filho da guerra”, não fazia muito gosto pelos países estrangeiros. Na época da escola, na hora de estudar inglês, vivia atrapalhando a aula fazendo bagunça com os colegas. Naquela época, acreditava que o Japão ganharia de

qualquer forma a guerra e por isso não havia a necessidade de se aprender inglês, já que o idioma japonês seria comum em todos os lugares.

Porém, depois que entrei na Obra Divina, sempre dizia às pessoas que fazemos parte da Igreja Messiânica Mundial e que, por isso, precisamos andar pelo mundo inteiro etc. etc.

Na teoria eu pensava assim mesmo, mas na hora que ficou decidido que era eu quem iria andar pelo mundo, parecia que meu sentimento não acompanhava a minha razão. Penso que foi justamente para polir minha alma que Deus escolheu a mim para a tarefa que eu menos desejava. [...]

Na hora, fiquei muito feliz, pois essa dedicação, certamente se transformaria num grande aprimoramento e eu voltaria ao Japão com o sentimento renovado e puro, como aquele dos ministros pioneiros. Em seguida, porém, quando me dei conta da situação, meu sentimento começou a mudar, e passei a sentir que seria uma tarefa muito difícil partir para o exterior e deixar para trás a Igreja na qual vinha atuando como responsável. [...]

Nela já existia a fé, mas não existiam ainda as “colunas” que lhe dão o devido suporte. Meu objetivo era deixar aquela Igreja somente depois de levantar essas “colunas” que lhe darão sustentação. Foi por isso que dentro de mim, nasceu aquele vacilo e uma forte vontade de pedir para adiar um pouco a minha partida. Porém, [...] ninguém disse que eu não deveria ir ou que seria melhor pensar direito... Ninguém! [...] até o jornal local, o CHUNICHI SHINBUN, colocou um artigo dizendo: “Ele parte para os Estados Unidos como presidente da Sede Central!”

[...] Então, procurei rever a minha fé. Li talvez mais de cem vezes o ensinamento “Entregue-se a Deus”. A partir de então, meu sentimento foi mudando

gradativamente e hoje estou aqui, com o coração cheio de ansiedade, contando os dias para a partida, querendo partir o mais rápido possível, para participar da grandiosa Obra de Deus e colocar as coisas logo nos eixos!”(Arquivo da Secretaria de Tradução)

O fato de se ter nomeado uma pessoa com este perfil para assumir a presidência das sedes do exterior, ou seja, uma pessoa que não conhecia profundamente a cultura das localidades onde atuaria, mas que tinha uma profunda e intensa vivência da fé e capacidade pastoral, é um indicativo de que a Sede Geral apostava no potencial da IMM como religião universal, ou seja, como uma religião cuja visão de mundo propõe uma ética em que o indivíduo pode escolher, com maior ou menor grau de autoconsciência, o caminho de sua salvação que liberta o indivíduo do peso da tradição local, ao inculcar-lhe a noção de pertença ao mundo, ao universo, permitindo-lhe escolher seu próprio caminho; é uma religião universal porque tem a capacidade de integrar povos diversos dentro de uma mesma norma de sentido (ORTIZ; 2006).

Porém, o fator formação do elemento humano não foi menosprezado. Tão logo foram instituídas, em 1961, as sedes (ainda provisórias) de difusão do exterior, ligadas ao Departamento do Estrangeiro (*gaikokubu*)¹³², teve início um programa de formação sacerdotal com vistas a formar jovens missionários para serem enviados ao exterior.

A opção pelo envio de jovens, entre outros motivos, se deve ao fato do jovem ter mais

¹³² O Departamento do Estrangeiro (*gaikokubu*), posteriormente, foi renomeado Departamento Internacional (*Kokusaibu*).

facilidade para o aprendizado de línguas estrangeiras e para a adaptação e assimilação de novas culturas. Chama a atenção o fato da experiência religiosa não ser um pré-requisito para os candidatos que queriam fazer a difusão mundial da Igreja, ou simplesmente, difusão mundial.

No Brasil, desde o início e na medida do possível, a IMM procurou adaptar-se ao país. Por exemplo, desde a publicação do seu primeiro informativo oficial em 1965, a língua do periódico mensal *Glória* era o português. Este fato demonstra que a Igreja veio para o Brasil para interagir com o “público” brasileiro e que seu foco não era a comunidade *nikkei*; apesar de, nos primeiros anos, suas atividades terem sido realizadas no seio desta comunidade, não se restringiram a ela. Pode-se dizer que esta primeira fase foi um período de “incubação” da IMM no Brasil. A partir de então, todas as atividades visam à interação entre a Igreja e o público brasileiro. A adoção da língua portuguesa, a introdução da oração do Senhor (Pai-Nosso) e da cerimônia de apresentação (batizado¹³³) em sua liturgia, bem como a realização de festas juninas e quermesses (bazares) são alguns dos indicativos de sua aculturação. Por outro lado, ela não se desterritorializou em diversos aspectos, preservando sua japonidade. Estes aspectos estão expressos desde atos simples como o de servir *oshibori*¹³⁴ (pequena toalha de pano umedecida) aos ministros, até atos mais complexos, principalmente, os que são confundidos com o conteúdo doutrinário, como a forma de se cumprimentar o altar, por meio

¹³³Na IMM do Japão, originalmente, não existe este rito.

¹³⁴Até hoje, em praticamente todas as unidades da IMMB, de Norte a Sul, existe o costume de servir os ministros com essa toalhinha de pano umedecida.

da realização de três reverências e três palmas, sem contar as duas orações realizadas em japonês: a *Amatsu Norito*¹³⁵ e a *Zengen Sanji*¹³⁶. Dessa forma, a IMM e outras religiões japonesas, com suas idiossincrasias, ao se localizarem no Brasil, tornaram-se importantes elementos transmissores da cultura de seu país de origem.¹³⁷

Como estratégia de localização, no contexto da internacionalização, a IMM buscou, antes de mais nada, como já foi mencionado, aproximar-se e interagir com os brasileiros. Um relatório sobre a estadia do presidente da sede central do Brasil, Masahisa Katsuno, no Brasil, durante quase dois meses, demonstra a empatia e a relação amistosa que se estabeleceu entre membros brasileiros e o ministro japonês:

Masahisa Katsuno esteve no Brasil, entre os dias 28 de fevereiro e 10 de abril, atuando fervorosamente como presidente da Sede Central do Brasil, e acabou comovendo todos os membros brasileiros pela sua postura de servir de corpo e alma, sem se importar se era dia ou noite. O objetivo dessa sua ida ao Brasil foi, principalmente, tomar ciência da realidade da Obra Divina na recém-formada Sede Central do Brasil e orientação e formação dos membros brasileiros. Praticamente metade dos membros não são descendentes de japoneses, mas mesmo assim, todos treinaram bastante algumas frases em japonês para receber o presidente Katsuno, como por exemplo KATSUNO SENSEI, YOKOSO IRASHAIMASHITA, OTSUKARESAMADESHITA. Realmente os membros brasileiros, apesar de nunca terem visto o presidente, já depositavam muitas

135A *Amatsu Norito* é uma oração milenar de origem xintoísta. Ela é entoada ainda hoje, em japonês, pois se acredita que o mais importante nesta oração é a vibração espiritual de seus fonemas.

136Cf. nota de rodapé no 36, capítulo 1.

137Para saber mais sobre as religiões japonesas como transmissoras de noções culturais, cf. TOMITA, 2004).

esperanças nele.

A primeira coisa que o reverendo Katsuno disse quando chegou no Brasil foi o seguinte: [...]Dentre as diversas programações, além do Culto Mensal no prédio provisório da Sede Central do Brasil, aconteceram aprimoramentos com os membros, palestras nas Igrejas e visitas a locais distantes, de onde os membros não tinham condições de freqüentar uma unidade religiosa. Ao explicar a necessidade da implantação da Sede Central a todos aqueles membros brasileiros, mesmo sendo o primeiro encontro do presidente com eles, todos ficaram motivados com aquelas fervorosas palavras que transbordavam celestial sinceridade. O reverendo Katsuno foi recebido pelos membros em todas as unidades com grande festa, e cativados pelo forte senso humanitário que ele tinha. [...]

Se fosse necessário, o reverendo Katsuno ia até à casa da pessoa para fazer entrevista com ela, procurando sempre estar em contato com os membros, ultrapassando a barreira do idioma, conversando com a pessoa pacientemente, até sentir que ela havia entendido a orientação. Durante a sua estadia no Brasil, de pouco mais de um mês, o reverendo Katsuno viajou por mais de sete mil e quinhentos quilômetros para dar orientação às pessoas.

O Presidente visitou também várias personalidades ilustres, como o governador do Estado de São Paulo, senhor Ademar de Barros, o cônsul-geral do Japão, senhor Tsuruga, o responsável pela Cultura no Consulado, senhor Nakagawa, o Jornal Zaihaku Nikkei, o secretário de Segurança da cidade de São Paulo, senhor Moraes Novaes, o prefeito de Londrina, PR, senhor Hosken, e outros políticos, apresentando-lhes a Igreja Messiânica. Através dessas visitas houve, com certeza, grande estreitamento de laços de amizade.

Além disso, ele ministrou aulas aos ministros que estão atuando no Brasil, explicando a missão dos ministros, a rigorosidade das coisas, o espírito de busca, e também o caminho que o ministro precisava trilhar, tudo embasado na sua própria experiência. Todos se uniram num só objetivo, voltados para a inauguração da Sede Central do Brasil, prevista para o próximo ano, comprometendo-se em se empenhar o máximo, oferecendo suas próprias vidas. Foi em meio a essa emoção que o reverendo Katsuno se despediu do Brasil, prometendo retornar no ano que vem. Assim, no dia 10 de abril, partiu do Rio de Janeiro, com escala nos Estados Unidos, em direção ao Solo Sagrado do Japão, onde irá ao apresentar os seus relatórios.¹³⁸

Conforme se pode perceber, além da aproximação com o povo, houve também o cuidado de apresentar a IMM às autoridades.

Durante este período, que se estende de 1955 a 2000, a IMM se ocupou em dar respostas aos problemas cotidianos dos brasileiros. Às dificuldades para se acessar o sistema de saúde, aos problemas do espírito, às crises existenciais causadas pelos mais diversos fatores, mas especialmente à rápida transformação que a sociedade brasileira estava sofrendo, especialmente a nova classe média urbana, respondeu-se com os milagres do johrei; à repressão, respondeu-se com o reconhecimento do livre-arbítrio, traduzido na expressão “*é proibido proibir*”; à crise econômica dos anos 1980 até 1994, respondeu com a construção do Solo Sagrado de Guarapiranga, numa demonstração de que, por pior que seja uma crise, se houver união, determinação, perseverança, dedicação e, principalmente, um objetivo correto

¹³⁸ Relatório da estadia do Presidente Masahisa Katsuno no Brasil. 4/1964. Arquivo da Secretaria de Tradução da IMMB.

(concorde com a vontade de Deus), é possível superá-la. Por outro lado, pôs de lado, temporariamente, alguns ideais que iam de encontro aos da nação. Foi o caso da Agricultura Natural, que confrontava com a política agrícola do governo daquela época.

O sistema de difusão centralizado, instituído na década 1960, foi fundamental para unir e fortalecer a Igreja, que, até então, vinha crescendo no Brasil de maneira desorganizada. Os resultados obtidos por meio dele não deixam dúvidas. A Igreja cresceu, sem perder a unidade; ganhou total autonomia, do ponto de vista administrativo, em relação à Sede Geral; conseguiu estabelecer as bases para o desenvolvimento dos “pilares da salvação” (Johrei, Agricultura e Alimentação Natural e o Belo); implantou um programa sólido de formação do elemento humano, que contribui efetivamente para que a Igreja prossiga existindo; fez-se presente em todos os estados do país; construiu um Solo Sagrado.

Porém, o sistema baseado na hierarquia sede central, “área”¹³⁹, igreja¹⁴⁰, casa de difusão¹⁴¹, casa de reunião¹⁴² e casa de johrei tornou-se pesado e incapaz de corresponder às necessidades da época. Os ministros responsáveis pelas unidades religiosas estavam sobrecarregados porque, além de serem responsáveis por centenas, às vezes, por milhares de fiéis, tinham que se responsabilizar por toda a parte administrativa da sua unidade.

¹³⁹ A “área” é uma divisão territorial que exerce jurisdição sobre as igrejas ligadas a ela e que se encontra sob o controle de um ministro dirigente (reverendo) e está subordinada à sede.

¹⁴⁰ Dentro deste sistema de difusão, “igreja” é uma divisão territorial de grande porte entregue à coordenação de um ministro dirigente ou adjunto e que se subordina à área.

¹⁴¹ A casa de difusão é uma divisão territorial de médio porte entregue à coordenação, geralmente de um ministro adjunto. Subordina-se à igreja.

¹⁴² A casa de reunião e a casa de johrei são unidades de pequeno porte, sendo a casa de johrei a menor. Subordinam-se à casa de difusão e, geralmente, têm como responsáveis um ministro assistente ou um assessor de ministro.

A crise deste sistema “coincide” com a grande mudança que está ocorrendo na sociedade mundial. É a globalização.

3.2.2 A difusão da IMM no Brasil, no contexto da globalização/mundialização

Uma das principais características que distingue internacionalização de globalização/mundialização é que, enquanto a primeira organiza a produção, a distribuição e o consumo de bens (considere-se aqui os de qualquer natureza) a partir de uma estratégia voltada para um determinado país ou bloco, a segunda organiza-os a partir de uma estratégia mundial, voltada para um mercado mundial.

A globalização, enquanto processo por meio do qual informações, tecnologias, produtos, pessoas etc., transitam pelo mundo atravessando fronteiras, é um processo histórico sem volta, a menos que haja uma grande catástrofe, como pondera Sung (2005). O mundo mudou. E às pessoas, só resta adaptar-se a ele. Todavia, conforme já foi dito, adaptar-se ao outro requer conhecê-lo bem. Adaptar-se ao novo mundo, significa compreender o que foi que mudou.

Durante aproximadamente quarenta anos, desde que lançara suas raízes em solo brasileiro, a IMM foi relativamente bem-sucedida na tarefa de dar respostas aos problemas enfrentados pela sociedade durante esse período. Entretanto, com essa mudança ocorrida no mundo e frente à necessidade de compreendê-la e adaptar-se a ela o mais rápido possível, a IMM viu-se incapaz de continuar correspondendo às necessidades do mundo se, nela própria, não

fosse realizada, antes, uma profunda mudança estrutural.

Para que a IMM pudesse adaptar-se a este mundo globalizado e voltasse a dar as respostas buscadas pela sociedade, foi proposta a implantação de um novo sistema de difusão.

A Igreja, até agora, veio salvando pessoas que desejavam ser salvas; pessoas que sofrem de doença, miséria e conflito. Estendendo a mão, ministrando Johrei, dando esperança, encaminhando, depois outorgando o Ohikari e ensinando que, quem quer ser salvo, deve primeiramente pensar em fazer seu próximo feliz. Concordo com isso, mas acho que é fundamental, nesse momento, criar um sistema que possibilite estender a salvação às pessoas que não estão sofrendo, mas que desejam salvar alguém e se tornar úteis à sociedade, à humanidade, a fim de alcançarem a autorrealização. No Japão e nos países bem desenvolvidos, há um número expressivo dessa camada de pessoas. Elas têm riqueza, inteligência, senso artístico, mas querem ser úteis a alguém e nem sempre encontram os meios adequados. Penso que chegou a hora de dar oportunidade a essas pessoas. Por meio da cultura, da agricultura natural e da alimentação sadia é possível torná-las úteis; contudo, é fundamental que elas ministrem o Johrei. Como conseguir isso sem utilizar a forma religiosa?(Departamento de Difusão (ed.); 2000, p. 2-3)¹⁴³

Observando esta colocação, primeiramente, pode-se afirmar que ela foi estabelecida a partir de uma perspectiva globalizada do mundo, pois não considera as fronteiras, ao contrário, realça duas categorias de gente, encontradas em qualquer parte do planeta, em maior ou menor proporção, dependendo, sim, da localidade.

¹⁴³Departamento de Difusão (ed.). Pontos Fundamentais das orientações do presidente Rev. Tetsuo Watanabe sobre a criação do Novo Sistema de Difusão.[compilação das orientações proferidas entre 4/mar e 16/5/2000]. São Paulo: IMMB. s/d. (Arquivo da Secretaria de Documentação Histórica da IMMB).

Em essência, a universalidade do *johrei*¹⁴⁴ garantiria seu elo com todos os indivíduos. No entanto, a forma religiosa da qual fora revestido, mostra-se um entrave neste sentido. Eis o problema a ser enfrentado pela IMM. Naquele momento (trata-se de um texto do ano 2000), a preocupação era “*Como conseguir isso [que as pessoas se tornem ministrantes de *johrei*] sem utilizar a forma religiosa?*”. No entanto, levando-se em consideração a problemática da globalização/mundialização, o problema deveria ser reformulado.

A questão não seria prescindir da forma religiosa para que mais pessoas se interessassem a se tornar ministrantes de *johrei*. Mas sim, qual é a forma religiosa que favoreceria o aumento de pessoas que queiram não só ministrar o *johrei*, mas também viver um estilo de vida *johrei*¹⁴⁵, independentemente de idade, sexo, classe social, etnia, nacionalidade e, principalmente, credo. Isto porque a religião ainda é o “lugar” mais apropriado para se tratar o transcendente. As barreiras surgem quando este “lugar” está por demais enraizado em determinado território (etnia, país, cultura etc.).

Desterritorializar-se e/ou destradicionalizar-se, ou seja, liberar-se dos traços excessivamente enraizados em determinado local (etnia, país, cultura) e tornar-se capaz de se reterritorializar, de se localizar em qualquer outro local. Em outras palavras, mundializar-se, seria, talvez, o melhor caminho para solucionar este problema.

¹⁴⁴ Cf. item 1.3.3, capítulo I.

¹⁴⁵ Cf. item 1.3.4, capítulo I.

Um indicativo de que esta hipótese pode ser verdadeira é o fato do sistema *Johrei Center*¹⁴⁶, tal como fora concebido em 2000, não ter alcançado plenamente seus objetivos.

A busca pela autonomia, pelo autoaperfeiçoamento e pela autorrealização é inerente ao processo da globalização/mundialização, frutos da individualização e da facilitação do acesso ao conhecimento promovidas por ela.

Assim, nesse tipo de busca, já não existe mais a ideia de um único caminho. As pessoas vão traçando, por meio da experiência, seus caminhos próprios e estes, muitas vezes, passam pela religião. O homem contemporâneo, que vive a globalização/mundialização, não é obrigado a aceitar a visão de mundo ou o caminho apresentado por uma crença, seja ela religiosa ou não.

Ao ter acesso à aquisição de vários tipos de saberes, ele tem (em tese) autonomia para discernir e apreender aquilo que é necessário ao seu autoaperfeiçoamento e autorrealização.

Trata-se, em suma, de uma busca por saberes. Saberes que darão ao indivíduo competência para, ele próprio, construir e elaborar novos saberes e, assim, aproximar-se de suas metas. No que diz respeito ao saber religioso, Geraldo Paiva (2009, p. 390)¹⁴⁷ afirma que a busca pelo sagrado “*não é sempre retilínea, mas, ao contrário, caminha em ziguezague por muitas filiações ou visitas*” (Paiva & Nakano, 1987 *apud* Paiva, 2009), *não se excluindo o retorno ao ponto de origem*”. Esta maneira liberalizada de buscar, encontrar e elaborar novos saberes

¹⁴⁶Cf. item 2.2.2.5, capítulo II.

¹⁴⁷PAIVA, Geraldo José de. Processos psicológicos de adesão religiosa a Novas Religiões Japonesas. In: NEGRÃO, Lísias N (Org.). **Novas tramas do sagrado**: trajetórias e multiplicidades. São Paulo: Edusp, 2009.

ainda é muito recente, com a qual as instituições mais antigas, acostumadas a operar no sistema *internacionalização*, ainda estão tentando aprender a lidar.

No entanto, é importante deixar claro que o fato da busca, da seleção e da apreensão desses saberes terem se individualizado não significa que as instituições se tornaram desnecessárias, pelo contrário, são elas que viabilizam e/ou facilitam a “produção” e “distribuição” dos saberes. Naturalmente, o indivíduo é o sujeito, pois assim como “a *elaboração do itinerário religioso exige a inserção grupal, e [...] essa inserção somente é real quando resulta de uma elaboração pessoal*”(PAIVA; 2009, p. 410), é a elaboração pessoal que vai viabilizando a inserção da pessoa em outros *itinerários* que lhe permitirão aproximar-se de suas metas.

Dez anos após sua implantação, o *mestiço* (como um “autêntico” brasileiro) sistema *Johrei Center*, resultado do cruzamento do antigo sistema de igrejas com a concepção do que deveria ser o novo sistema, herdou do primeiro, particularmente, as características religiosas, e do segundo, principalmente, a estrutura administrativa, bem mais leve.

Percebe-se que, sob a orientação do Líder Espiritual, Yoichi Okada, as discussões acerca de estruturas, sistemas e afins, no momento, deixaram o centro para ser ocupado por uma matéria de ordem essencial, a saber: o que é ser messiânico?

Certamente, o esclarecimento desta questão constitui-se uma etapa fundamental para uma Igreja Messiânica Mundial que, concretizando os ideais do seu fundador, realmente se *mundializará*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação abordou a temática da religião no contexto da globalização analisando-se o processo de implantação e localização de dois sistemas de difusão da Igreja Messiânica Mundial no Brasil, pois a revisão da literatura acerca da IMM mostrou que, nos estudos publicados em língua portuguesa, existia uma lacuna (que ainda não está preenchida) no que diz respeito à análise do seu desenvolvimento no contexto da globalização/mundialização.

A abordagem foi feita com base na teoria da mundialização proposta por Renato Ortiz (2007):

As perguntas que conduziram o desenvolvimento da pesquisa foram: 1) a mundialização remodelou a “situação” na qual a particularidade chamada Igreja Messiânica Mundial se encontrava?; 2) Se sim, que forma tomou esta remodelação?; 3) A partir da perspectiva de que o mundo se globalizou e de que existem conteúdos que se desprendem de seus locais e tradições de origem, para se reassentarem, ou melhor, se reterritorializarem no *local* chamado mundo, é possível afirmar que a Igreja Messiânica Mundial, de fato, é mundializada?

Esta dissertação tentou descrever da maneira mais profunda e abrangente possível, os aspectos que foram expostos.

O trabalho foi dividido em três capítulos.

No capítulo 1, foram apresentadas a vida e a obra de Mokichi Okada, o fundador da IMM, a

trajetória da IMM no Japão e a essência do seu conteúdo doutrinário.

A apresentação de Mokichi Okada focou-se em aspectos particulares de sua vida como constituição familiar, criação, traços da personalidade, bem como numa breve contextualização histórico-cultural.

Foi visto que, apesar de ter nascido no Japão, o Extremo Oriente, devido ao momento histórico e ao local no qual nascera e fora criado, Mokichi Okada conviveu com diversas influências tanto do Japão tradicional como do moderno, ocidentalizado. Experimentou a extrema pobreza e, apesar de ter cursado somente o ensino fundamental, graças à sua garra, determinação e autodidatismo, tornou-se um empresário bem-sucedido. Sofreu a dor de perder as filhas e a esposa. Errou como administrador e perdeu praticamente tudo. Tentou se reerguer e conseguiu até certo ponto. Fascinado pelo mundo do mistério, deixou a vida empresarial para se dedicar exclusivamente à religião.

Como religioso, tentou responder aos problemas de uma sociedade que vivia uma ambiguidade cruel: por um lado, a modernização, o enriquecimento e a consolidação do país como potência internacional e, por outro, o aumento dos sofrimentos do povo causados, entre outros fatores, pelo impacto dessa modernização: aumento das doenças, da fome e da guerra.

O terceiro item deste capítulo dissertou sobre a essência da doutrina messiânica e ficou claro que seu conteúdo não está restrito a nenhuma localidade, pelo contrário, é universal.

No segundo capítulo, foi apresentado, mais especificamente, o trabalho de Mokichi Okada à frente da religião que fundara e o desenvolvimento da mesma. Pôde-se ver que a noção de “acabado” é uma das ideias menos apropriadas para caracterizar sua obra em qualquer tempo, pois ela é marcada pelo dinamismo e pela evolução.

Discorreu-se sobre a estrutura da IMM na época de Mokichi Okada, porém, por falta de material bibliográfico, tanto em português como em japonês, não foi possível aprofundar o tema. Contudo, percebe-se aqui uma lacuna que precisa ser preenchida, pois esta é fundamental para se compreender como aquela antiga estrutura influenciou e continua influenciando a organização da IMM como instituição.

Mostrou-se, igualmente, como a essência do trabalho religioso de Okada nunca mudou: desde o início, seu objetivo era conduzir as pessoas à verdadeira saúde e salvação, viabilizando a concretização do paraíso sobre a Terra.

Ainda no capítulo 2, apresentou-se uma breve retrospectiva da trajetória da imigração japonesa no Brasil, enfatizando-se a vida religiosa desses imigrantes. Em seguida, expôs-se a trajetória da IMM neste país, dando especial destaque ao trabalho missionário desenvolvido pelos pioneiros. Foi visto que, apesar de nos primeiros anos a IMM ter passado por um período de “incubação” no seio da comunidade *nikkei*, desde o início, seu objetivo era interagir e integrar-se plenamente à sociedade brasileira. Ficou claro também que, devido ao desenvolvimento que alcançou, a Igreja Messiânica Mundial do Brasil desempenha hoje um importante papel no cenário mundial da IMM.

O capítulo 3 se ateve a uma breve análise de um aspecto da “localização” institucional da IMM no Brasil no contexto da internacionalização e da globalização. Verificou-se que o advento da globalização/mundialização impactou diretamente sobre a IMM, no Brasil e no mundo, forçando-a a remodelar-se profundamente. Constatou-se que a grande reforma foi, inicialmente, implementada a partir da estrutura. Entretanto, esta ação mostrou-se insuficiente para consumir a “revolução” necessária, uma vez que ficou claro que, apesar da instituição

ser necessária, é a partir da elaboração pessoal que as transformações reais acontecem.

Concluindo, ainda não pode se afirmar que Igreja Messiânica Mundial já se mundializou; no entanto, ao que tudo indica, ela está no caminho para isso. Concretizar essa mundialização ou não vai depender da capacidade de sua gente fazer a correta leitura da época para se adaptarem a ela de maneira livre e desimpedida, como sempre recomendou seu fundador.

A esta geração e às próximas, fica um desafio: um fenômeno cultural mundializado, pode lançar raízes em qualquer lugar, desde que haja quem lhe sirva de “tradutor-intérprete” para intermediar sua comunicação com o outro. O que pensar sobre a tradução cultural? Quem desempenhará o papel do tradutor?

REFERÊNCIAS¹⁴⁸

Sobre Igreja Messiânica

ARAKI, Michio. *Okada Mokichi Zenshu – Chojutsu hen dai sankan kaisetsu* [Comentários sobre o 3º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – chojutsu hen dai sankan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 9** [Suplemento do 3º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 9]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1994.

_____. *Okada Mokichi Zenshu – Chojutsu hen dai snanakan kaisetsu* [Comentários sobre o 7º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – chojutsu hen dai sankan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 13** [Suplemento do 7º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 13]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1995.

CLARKE, Peter B. Movimentos religiosos na atualidade. In: HETMANEK, Rogério. **Revista Shin Zen Bi: um novo paradigma educacional**. Ano 1, nº 1. SP: FMO – Faculdade Messiânica, 2009.

KISHIMOTO, Hideo. **Sekai no shukyo**. Tokyo: Daimeido, 1965.

MATSUOKA, H. **Burajirujin to nihonshukyo: Sekai Kyusei Kyo no fukyu to juyo**. Tokyo: Kobundo, 2004.

ORO, Ari Pedro. The New Japanese Religions in Brazil: Some Remarks on the Church of World Messianity In: Clarke, Peter B. (ed.) **Japanese New Religions in Global Perspective**. Richmond, Surrey: Curzon Press, 2000.

RIBEIRO, Carlos Roberto Sendas: **UM PROTÓTIPO DO PARAÍSO À BRASILEIRA – Convergências e divergências entre o Solo Sagrado de Guarapiranga da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e os Solos Sagrados originais da Igreja Messiânica Mundial, no Japão**. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

¹⁴⁸Organizada seguindo a norma da ABNT.

SHIMAZONO, Susumu. *Okada Mokichi Zenshu – Chojutsu hen dai yonkan kaisetsu* [Comentários sobre o 4º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – chojutsu hen dai yonkan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 10** [Suplemento do 4º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 10]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1994.

_____. *Okada Mokichi Zenshu – Chojutsu hen dai hakkan kaisetsu* [Comentários sobre o 8º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – chojutsu hen dai hakkan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 14** [Suplemento do 8º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 14]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1996.

SHIMURA, Masao. *Okada Mokichi Zenshu – Chojutsu hen dai ikkan kaisetsu* [Comentários sobre o 1º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – chojutsu hen dai ikkan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 7** [Suplemento do 1º volume da coleção de artigos da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 7]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1994.

SCHOEREDER, Gilberto. Em busca da harmonia. **Revista Sexto Sentido**, São Paulo, vol. 11, p. 24-32, maio 2000.

TANABE, Shintaro. *Okada Mokichi Zenshu – Kowa hen dai ikkan kaisetsu* [Comentários sobre o 1º volume da coleção de palestras da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – kowa hen dai ikkan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 22** [Suplemento do 1º volume da coleção de palestras da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 22]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1997.

_____. *Okada Mokichi Zenshu – Kowa hen dai nikan kaisetsu* [Comentários sobre o 2º volume da coleção de palestras da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada]. In: OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu – kowa hen dai inikan furoku – Okada Mokichi Kenkyu 23** [Suplemento do 2º volume da coleção de palestras da Coletânea Obra Completa de Mokichi Okada – Pesquisa sobre Mokichi Okada vol. 23]. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1998.

TERROR, Heloísa Helena Guedes. **O belo e a salvação no pensamento de Meishu-Sama**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São

Bernardo do Campo, 2009.

TOMITA, Andréa Gomes Santiago. As Novas Religiões Japonesas como instrumento de transmissão de cultura japonesa no Brasil, **REVER** - *Revista de Estudos da Religião*, ano 2, nº 3, 2003, p. 88-102.

_____. **Um outro lado da moeda: Novas Religiões Japonesas como transmissoras de noções culturais japonesas - exemplos da Igreja Messiânica e Perfect Liberty.** Dissertação de Mestrado em Letras Orientais – Japonês, USP. São Paulo, 2004.

_____. **Recomposições identitárias na integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica no Brasil.** São Bernardo do Campo, SP. Tese (Doutorado em Ciências da Religião – Teologia e História). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

WATANABE, Masako. “Sekai Kyusei Kyo Jyorei no Kiseki to Ikusei Shisutemu” [IMM – Os milagres do Johrei e o Sistema de Formação]. In: **Burajiru Nikkei Shinshukyo no Tenkai: Ibunka Fukyo no Wadai to Jissen (Developmental Processes of Japanese New Religions in Brazil: Tasks and Achievements of Missionary Work in Brazilian Culture)** Tokyo: Toshindo, 2001.

Sobre globalização e religião em geral

AGOU, Kiyohiko. **Kototama no michi, senkakusha ryakudenshu** [O caminho do espírito das palavras e compilação de uma breve biografia dos pioneiros]. Shiga: Kototama Fukyukai, 1991.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: **Revista Religião e sociedade**, v. 21/1, Rio de Janeiro: ISER, 2001. p. 9-23.

MARZOCHI, Samira Feldman. Mundialização, modernidade, pós-modernidade – entrevista com Renato Ortiz. *Ciências Sociais Unisinos*, janeiro/abril, año/vol.43, número 001. Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil, 2007. p. 103-105

MAUSS, M. “Théorie des civilisations” in *Oeuvres*, tomo 2, Paris, Minuit, 1974.

MURAKAMI, Kazuo. **Código divino da vida: ative seus genes e descubra quem você quer ser;** 1ª Ed. – São Paulo, SP: ProLíbera Editora: Antakarana/WHH – Willis Harman House; 2008.

ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e Religião.** 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante: Japão e a Modernidade-Mundo.** São Paulo:

Brasiliense, 2000.

_____. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **Mundialização e Cultura**. 9ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PYE, Michael. "The Transplantation of Religions". In: **Numen**, 16. UK, Lancashire: University of Lancaster. p.234-239, 1969.

SANTOS, Boaventura da S., MENDES, Maria P. G., NUNES, João A. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SANTOS, Boaventura da S. (org.). **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p 21-121.

SEGATO, Rita Laura. Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização. In: ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e Religião**. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

SUNG, Jung Mo. A vida religiosa e a nova globalização. **Convergência**, Rio de Janeiro, v. XL, n. 387, 2005, p. 542-551.

Sobre Religiões Japonesas

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA OOMOTO DO BRASIL. **O que é a Oomoto – 2**. Jandira/SP: Associação Religiosa Oomoto do Brasil, 2004.

CLARKE, Peter B. As novas religiões japonesas e suas estratégias de adaptação no Brasil. **REVER**, São Paulo, ano 8, junho 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2008/t_clarke.pdf>. Acessado em: 14/03/2009.

INOUE, Nobutaka. **Umi wo watatta nihon shukyo – imin shakai no uchi to soto**. Tokyo: Kobundo. 1985.

_____. **Shinto** – nihon umare no shukyou shisutemu [Xintoísmo: um sistema religioso originado no Japão]. Tokyo: Shinyousha, 1998.

KISHIMOTO, Hideo. **Sekai no shukyo** [Religiões do Mundo]. Tokyo: Daimeido, 1965.

MAEYAMA, T. O Imigrante e a Religião. São Paulo:1967 (mestrado em Sociologia). Escola de Sociologia e Política.

NAKAMAKI, H. "Burajiru ni okeru Nikkei Takokuseki Shukyo no Genchika to Takokusekika – Pafekuto Ribati Kyodan no Baai" [A Nacionalização e Multinacionalização das Religiões

Multinacionais Japonesas no Brasil – Experiência da Instituição Religiosa Perfect Liberty] In: **Burajiru no Nikkei Shukyo**. Anuário IX, ed. Hirochika NAKAMAKI. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, p.57-97, 1985.

NEGRÃO, Lísias N. “Nem Jardim Encantado” Nem “Clube dos Intelectuais Desencantados” **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 20, nº59, outubro, 2005.

_____. **Novas tramas do sagrado: trajetórias e multiplicidades**. São Paulo: Edusp, 2009.

PAIVA, Geraldo José de. Processos psicológicos de adesão religiosa a Novas Religiões Japonesas. In: NEGRÃO, Lísias N (Org.). **Novas tramas do sagrado: trajetórias e multiplicidades**. São Paulo: Edusp, 2009.

SHIMADA, Hiromi. **Nihon no 10 dai shinshukyo** (“As 10 grandes Novas Religiões do Japão”). Tokyo: Gentosha. 2007.

Sobre imigração e vida religiosa dos imigrantes no Brasil

MAEYAMA, Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil Rural (1908 – 1950). In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1973. p 414 – 447.

MORI, K. Vida religiosa dos japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e religiões de origem japonesa. In: COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. **Uma Epopéia Moderna. 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p.559 – 601.

SAKURAI, Célia. **Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941**. *En: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Outubro 1998 Caxambu-MG*

TAKEUCHI, Marcia Yumi. A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado. **Rev. USP**, São Paulo, n. 79, 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892008000400016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Fev 2010.

Publicações da IMM

Departamento de Difusão (ed.). **Pontos Fundamentais das orientações do presidente Rev. Tetsuo Watanabe sobre a criação do Novo Sistema de Difusão**. [compilação das orientações proferidas entre 4/mar e 16/05/2000]. São Paulo: IMMB. s/d. (Arquivo da Secretaria de Documentação Histórica da IMMB).

FMO-MOA (Ed.). **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 4. SP: Fundação Mokiti Okada, s/d (a).

_____. **Luz do Oriente: Biografia de Mokiti Okada - Vol. 1**. SP: Fundação Mokiti Okada, s/d (b).

_____. **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 5. SP: Fundação Mokiti Okada, s/d (c).

_____. **Luz do Oriente: Biografia de Mokiti Okada - Vol. 2**. 2ª ed. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (a).

_____. **Luz do Oriente: Biografia de Mokiti Okada - Vol. 3**. 2ª ed. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (b).

_____. **Reminiscências Sobre Meishu-Sama - Vol.1**. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (c).

_____. **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 1. 4ª ed. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (d).

_____. **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 2. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (e).

_____. **Coletânea Alicerce do Paraíso**, vol. 3. SP: Fundação Mokiti Okada, 2003 (f).

HETMANEK, Rogério. Revista Shin Zen Bi: um novo paradigma educacional. Ano 1, nº 1. SP: FMO – Faculdade Messiânica, 2009.

OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu - chojutsu hen**. [Obra Completa de Mokiti Okada - Artigos]. Vol. 1. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1994.

OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu - chojutsu hen**. [Obra Completa de Mokiti Okada - Artigos]. Vol. 6. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1995.

OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu - kowa hen**. [Obra Completa de Mokiti Okada - Palestras]. Vol. 1. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1997.

OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu - kowa hen**. [Obra Completa de Mokiti Okada - Palestras]. Vol. 2. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1998 (a).

OKADA MOKICHI ZENSHU HENSHU IIN KAI. **Okada Mokichi Zenshu** - *kowa hen*. [Obra Completa de Mokiti Okada - Palestras]. Vol. 3. Atami: Matsumoto Yasushi (Repres.), 1998 (b).

OKADA, Yoichi. Orientação do Quarto Líder Espiritual no Culto de Outono. **Jornal Messiânico**, São Paulo, nº 354, p. 4-5, jan/fev 2006.

SEKAI KYUSEI KYO (Ed.). IZUNOME. [Revista Izunome]. Nº 73. Japan: Sekai Kyusei Kyo Izunome Publishing Depto., 2007.

ANEXOS

Data	Nome e idade quando partiu/chegou	Igreja de Origem	Motivação	Visto	Recursos
1951	Dr. Kaju Nakamura	Deputado Federal	Membro da comissão que instituiu o convênio de emigração com o Brasil		Não imigrou p/ o Brasil
1953	Sr. Nakata	Hiroshima (supostamente foi p/ PA)	Suposta emigração	Agricultor	Supostamente financiado
4/11/54	Teruko Sato (18)	Zuiun	Dedicante da Igreja que se motivou a fazer difusão mundial	Agricultora	Financiado pelo governo japonês
9/8/55	Nobuhiko Shoda (26)	Seiko	Integrado ao servir enviado para fazer difusão mundial	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
9/8/55	Minoru Nakahashi (19)	Seiko	Dedicante integral, enviado para fazer difusão mundial	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
9/6/57	Ken'iti Kato (38)	Daijo	Dedicante que decidiu emigrar com a família com o objetivo de fazer difusão mundial	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
1958	Teruko Shiomi	Wakayama (foi p/ MS)	Membro comum	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
	Takeo Ando	Miyazaki (foi p/ SP)	Membro comum	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
12/1/58	Katsumi Morimoto (Kogure) (?)	Kiko	Dedicante integral, enviado para fazer difusão mundial	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
11/3/59	Kazuro Hosono (23)	Daijo	Dedicante integral, enviado para atender pedido de apoio de Kato e fazer difusão	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
1960	Tanaka	Gifu Oogaki (foi p/ SP)	Membro comum	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
11/11/60	Morihiro Hirata (28)	Daijo	Dedicante integral, enviado para atender pedido de apoio de Kato	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
2/1961	Takeo Manabe	Tokushima (foi p/ SP)	Membro comum	Agricultor	Financiado pelo governo japonês

ANEXO A: Imigrantes japoneses pioneiros da difusão no Brasil (continua) (Fonte: Arquivo pessoal)

7/11/61	Katsumi Yamamoto (28)	Daijo	Dedicante integral, enviado para atender pedido de apoio de Kato	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
10/7/62	Noboru Kanbe (28)	Seiko	Integrantes enviados pela Sede Geral (algumas idades estão incorretas)	Agricultor	Investimento da IMM
	Masao Goto (23)	Goko			
	Tetsuo Watanabe (22)	Chukyo			
	Hitoshi Nishikawa (21)	Kiko			
	Mitsuhiro Omae (20)	Kiko			
	Isao Yokoyama (20)	Daijo			
	Mitsuo Nakahashi (19)	Seiko			
	Sayohiko Asami (18)	Daijo			
1962	Noburu Senoo	Okayama (foi p/ SP)	Membro comum	Agricultor	Financiado pelo governo japonês
10/9/62	Kunji Okada (21)	Zuiun	Dedicante integral, enviado para fazer difusão mundial (não confirmado)	Agricultor	Financiado pelo governo japonês(não confirmado)
12/4/66	Sei'iti Nonoguti (27)	Shinsei	Integrantes enviados pela Sede Geral	Agricultor	Investimento da IMM
14/6/67	Sadao Yamashita (24)	Jiccho	Integrantes enviados pela Sede Geral (algumas idades estão incorretas)	Religioso	Investimento da IMM
	Norio Shirasawa (24)	Chukyo			
	Katsuyuki Moriyama (23)	Chukyo			
	Hidenari Hayashi (21)	Komyo			
	Takeo Saito (22)	Kakumei			
	Mikio Takase (21)	Hatiko			
	Masahito Ono (21)	Shikoku			
	Hajime Tanaka (20)	Senshin			
	Yoshihei Yasue (20)	Komyo			
1968	Proibição da imigração religiosa pelo governo brasileiro				
1973	Kou Kanza	Kanagawa (foi p/ PA)	Membro comum. Emigrante		

ANEXO A: Imigrantes japoneses pioneiros da difusão no Brasil (conclusão) (Fonte: Arquivo pessoal)

F R E Q U Ê N C I A S

	VISIT	OUT	Nº		VISIT	OUT	Nº		VISIT	OUT	Nº		VISIT	OUT	Nº		VISIT	OUT	Nº
54	-	-	1	64	13.252	2.108	3.591	74	5.847	10.574	34.866	84	100.981	12.614	117.626	95	164.836	18.609	270.744
55	-	-	3	65	47.289	2.985	5.684	75	-	6.717	37.888	85	-	10.373	125.963	96	153.846	6.224	271.445
56	-	-	56	66	89.775	3.590	7.876	76	-	5.965	42.530	86	100.181	13.930	137.418	97	192.618	13.276	281.680
57	-	-	-	67	2.223	132	2.788	77	-	11.772	51.673	87	117.298	15.840	148.864	98	329.646	34.192	310.789
58	-	-	-	68	-	3.388	9.802	78	-	14.372	64.253	88	99.742	5.100	166.662	99	471.014	20.577	324.117
59	-	-	353	69	-	2.269	11.189	79	-	16.099	77.862	89	101.689	7.838	155.884	00	395.287	10.750	329.874
60	-	-	-	70	6.283	3.036	15.671	80	-	15.034	89.136	90	110.698	13.446	166.973	01	410.048	18.876	348.750
61	-	-	-	71	61.719	3.000	18.554	81	-	10.119	96.373	91	126.327	20.096	185.127	02	435.884	15.426	362.297
62	833	381	1.315	72	61.796	3.885	21.894	82	92.307	7.218	100.975	92	138.204	28.453	211.704	03	381.339	2.209	364.506
63	657	448	1.763	73	66.263	5.294	25.741	83	98.277	8.281	107.003	93	139.040	24.542	233.707	04	331.103	3.420	367.926
												94	150.154	23.913	255.100	05	295.337	6.045	379.971

ANEXO B: Quadro de frequência (Fonte: Banco de dados da Secretaria de Documentação Histórica da IMMB)